



Bruna Musacchio Guaraná

**Eles exageram no escrito:
o ato de escrita e seus
efeitos de suplência**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro
Março de 2016



Bruna Musacchio Guaraná

**Eles exageram no escrito:
o ato de escrita e seus
efeitos de suplência**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marcus André Vieira

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Guilherme Gutman Corrêa de Araújo

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea da Silva Vilanova

Instituto de Psiquiatria - UFRJ

Profª. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 21 de março de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Bruna Musacchio Guaraná

Graduou-se em Psicologia Clínica na Puc-Rio em 2010. Atuou no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba em 2011 e depois esteve de 2012 até 2015 como Psicóloga do Caps (Centro de Atenção Psicossocial) Herbert de Souza em Niterói. É coordenadora do Projeto Digai que oferece atendimento em grupo à população do Complexo da Maré. Kursou o Instituto de Clínica Psicanalítica (ICP-RJ) em 2008 e até hoje participa de Congressos, Colóquios e Sessões Clínicas da EBP-RJ (Escola Brasileira de Psicanálise)

Ficha Catalográfica

Guaraná, Bruna Musacchio

Eles exageram no escrito : o ato de escrita e seus efeitos de suplência / Bruna Musacchio Guaraná ; orientador: Marcos André Vieira. – 2016.

167 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2016.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Escrita. 3. Suplência. 4. Transcrição. 5. Transliteração. 6. Schreber. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Em memória de Eucébia Transito
Malagueño.

Agradecimentos

À orientação objetivada de Marcus André Vieira e ao estímulo e leveza para seguir a escrita de forma inspirada.

À Capes e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado

À Diego Terra, por persistir a estar ao meu lado e me dar o apoio necessário com amor no processo que envolveu esta dissertação e na vida.

À Luis Godoy pelo companheirismo na Oficina do Jornal e ter compartilhado o gosto pelo tema da escrita e pela psicose.

À oficina de jornal e seus ativos participantes, em especial a João Morais, do Caps Herbert de Souza no município de Niterói no Rio de Janeiro.

Aos colegas da linhas de pesquisa “ A voz e os limites” com quem troquei ricas discussões e debates na pesquisa e em aulas do Marcus da pós.

Aos colegas e amigos do Projeto Digaí-Maré que também muito me inspira. Em especial à Vânia Gomes e Adriana de la Pena.

À Andrea Vilanova e Guilherme Gutman por terem de bom grado aceitado o convite de participar da banca de defesa desta presente dissertação. Assim como foram fonte de rica contribuição que guardo como legado dessa experiência.

À Luiza Moraes pela instigante parceria na elaboração de recente aceite artigo intitulado “A origem e o sintoma”.

À amigos e companheiros “Gloriosos” imprescindíveis na sua “Constant” presença: Mariana Marques, Betina Mattar, Gabriel Geluda, Cecília Moraes, Lucas Porto, Pedro Aune.

À Ana Gomes, uma grande amiga que apesar da distância mantém comigo uma forte amizade que perpassa o tempo e sempre me acompanha.

À Juliana do Prado, Rodrigo Lyra e João Carvalho do Prado pela amizade e por estarem sempre de uma forma ou outra presentes, mesmo que não diretamente.

À Tatiane Groova que foi incansável no processo de revisão técnica da dissertação e ainda teve leitura atenta e fundamental retorno. Além de uma amiga querida quem compartilho as aspirações que me levam a Psicanálise.

À Paula Legey, Isabela Machado, Fernanda Keller, Clarisse Arantes, Sofia Graça Aranha, Maíra Pena Franca, Rita Ariani, Carol Levis, Mariana Matos, Carolina Pinton, Morena Werneck, e tantas outras por serem amiga de toda a vida.

À Anna Beatriz Zimmerman companheira fundamental que compartilha um grande amor em comum: Buenos Aires, acolhedora e com quem troquei divertidas conversas e discussões sobre a psicanálise e a vida.

À Lúcia Guaraná e Daniel Musacchio, quem me transmitiram os primeiros ensinamentos e desde então sempre se mantiveram por perto.

À toda minha família distante, porém presente: Pity, Jorge, Mariano, Adria, Oscar, Luccita Tondini, Tono.

À minha irmã Laura Berti pela generosidade, no lindo vínculo que pudemos construir juntas.

À Eucebia Transito Malagueño que teve fundamental importância desde os tempos mais primórdios e até hoje .

À toda equipe da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/RJ, especialmente a Marcelina Andrade.

Resumo

Guaraná, Musacchio Bruna; Vieira, Marcus André. **Eles exageram no escrito: o ato de escrita e seus efeitos de suplência.** Rio de Janeiro, 2016. 167 p. Dissertação de Mestrado- Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Eles exageram no escrito: o ato de escrita e seus efeitos de suplência. Este é um estudo que parte do que se entende pelos termos de escrita e suplência no âmbito da psicanálise. Partindo desse entendimento nos perguntamos para que serve o ato, a atividade que envolve o escrever. Baseamos-nos na investigação dos casos paradigmáticos de Schreber e Joyce, e também no grupo de pacientes do CAPS que fazem parte de uma oficina do Jornal que aborda a escrita e a leitura. Nossa hipótese é a de que o ato de escrever promove formas de suplência que nomeamos usando os termos usados por Allouch (1995) de transcrição do delírio e transliteração da loucura.

Palavras-chave

Escrita; suplência; transcrição; transliteração; Schreber; Joyce; CAPS; Allouch; oficina.

Abstract

Guaraná, Musacchio Bruna; Vieira, Marcus André (Advisor). **The act of writing and the effects of supplying are overstated in this paper.** Rio de Janeiro, 2016. 167 p. MSc. Dissertacion - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The act of writing and the effects of supplying are overstated in this paper. Thus, this is a study of the premises of what is understood of writing and supplying from the psychoanalysis point of view. From this premise, we seek to find the purpose of the act and the activity that involves writing. Thus, we conducted a study based on the investigation of paradigmatic cases of Schreber and Joyce as well as group of patients from the Caps that belong to the workshop that approaches reading and writing. Further, our hypothesis is that the act of writing promotes methods of supplying that was named based on the terms used by Allouch from a delirium transcript and transliteration.

Keywords

Writing; transcript; transliteration; Schreber; Joyce; CAPS; Allouch; workshop.

Sumário

Introdução	13
1. Inspiração partiu de uma oficina no Caps	14
1.1 Breve apresentação da oficina de jornal	14
1.2 Escreve-se desde que se está inserido na linguagem	17
1.3 Fala e escrita	20
1.4 A ambiguidade da linguagem e a dimensão do inconsciente	23
1.5 O desejo inconsciente e a escrita	25
1.6 Os pacientes escrevem e muito	27
1.7 Os psicanalistas se interessam pela escrita: investigação de Freud e Lacan aos escritos de Schreber e Joyce	29
1.8 Breve discussão sobre o uso do termo <i>psicose</i>	33
1.9 Nossa hipótese: o ato de escrever implica algum tipo de benefício subjetivo?	37
2. Este capítulo visa demonstrar como Lacan e Freud consideram que o ato de escrita em Schreber teve valor de suplência	41
2.1 A leitura de Freud do escrito de Schreber: incluir o sujeito no texto	41
2.2 O que foi para Freud e Lacan a doença de Schreber	46
2.3 O sistema delirante de Schreber e seu postulado fundamental	56
2.4 A teoria da foraclusão do Nome-do-Pai	59
2.5 A teoria do Nome-do-Pai	63
2.6 A metáfora delirante como suplência	68
2.7 A teoria lacaniana da suplência	71
2.8 A escrita de Schreber teria função de suplência?	75
2.9 E, com respeito a publicação?	77
3. Este capítulo visa demonstrar como Lacan e Freud consideram que o ato de escrita em Joyce teve valor de suplência	81
3.1 A transcrição de Aimeé e a investigação da sua escrita por Lacan	81
3.2 Por onde seus escritos lhe foram <i>inspirados</i> ?	86
3.3 O caso clínico Joyce de Lacan	90
3.4 Breve passagem sobre elucubração do <i>Sinthoma</i>	96

3.5 O nó borromeano	101
3.6 O valor da escrita em Joyce	104
3.7 E qual a diferença entre escrita e publicação?	107
3.8 Transcrever, traduzir e transliterar	110
4. Transcrição , Transliteração: hipótese sobre outras formas de suplência a serem investigadas na oficina do jornal	113
4.1 Investigação inspirada na experiência de uma oficina de jornal no Caps	113
4.2 O inconsciente interpreta	116
4.3 Os três escrevinhadores paradigmáticos da nossa experiência	118
4.3.1 Moris West	118
4.3.2 Gustavo e o desenho gráfico	121
4.3.3 Humberto e a precisão da letra	122
4.4 Um estilo jornalístico que será destacado	125
4.5 O caso de Humberto e sua escrita jornalística	126
4.6 Qual teria sido a função da escrita nesse caso? Apostamos haver proximidade a função de suplência	127
Conclusão	129
Referências bibliográficas	131
Anexo I	137
Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. Por Marilene Carone	
Anexo II	155
Termo de Consentimento Informado	

Lista de Figuras

Figura 1- Exemplo da escrita de Jonas	162
Figura 2- Exemplo do desenho gráfico de Gustavo	165
Figura 3- Outro exemplo do desenho gráfico de Gustavo	166
Figura 4- Exemplo da escrita de Humberto	167

Escrevo porque não quero as palavras que encontro: por subtração.

Roland Barthes

Introdução

Percorremos na presente dissertação, as veredas teóricas acerca das definições dos termos *suplência* e *escrita* dentro do âmbito da psicanálise, com Freud e Lacan. O percurso foi inspirado na experiência da oficina de jornal no CAPS. E também se baseia nos paradigmáticos casos da literatura psicanalítica: Schreber, James Joyce e Aimeé.

Nossa hipótese, em forma de pergunta orientadora é: qual a especificidade do ato de escrita presente, de formas diferentes, nos casos paradigmáticos que contribuíram para a suplência de Schreber, James Joyce e nossos escrevinhadores da oficina de jornal do Caps?

Dentre as formas em que as dimensões do ato de escrita como suplência aparecem, promovemos duas categorias a partir de Allouch (1995): a transcrição do delírio e a transliteração da loucura.

Ainda, consideramos a dimensão da publicação como importante, de forma diferente e com diferentes funções em cada caso. Essa terceira dimensão trouxe relevantes efeitos de contribuição benéfico para os autores.

1

Inspiração partiu de uma oficina no Caps

1.1

Breve apresentação da oficina de jornal

A oficina de jornal nasceu dentro do serviço de saúde mental CAPS Herbert de Souza¹, no município de Niterói, na cidade do Rio de Janeiro. O CAPS é um serviço instituído pelo SUS², condizente com as condições preconizadas pela Reforma Psiquiátrica. (Brasil. Ministério da Saúde, 2004) Ele tem a responsabilidade de acolher pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca de autonomia, além de oferecer-lhes atendimento médico e psicológico.

Segundo a descrição do Ministério da Saúde, os CAPSs representam a maior estratégia para a implementação da Reforma Psiquiátrica. É um serviço de atenção diária que se apresenta em substituição à rede hospitalar manicomial como alternativa de tratamento para os paciente com graves transtornos mentais.

O dispositivo oferece uma gama de oficinas terapêuticas, atividade importante, promotora do estímulo da promoção social e familiar. A equipe multiprofissional é composta por: psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, técnicos de enfermagem, terapeutas ocupacionais, médicos, oficineiros, acompanhantes domiciliares, etc. Todos os profissionais tem liberdade para organizar e coordenar uma atividade de oficina a partir do vínculo construído e do contato com os pacientes no serviço, por meio de um interesse surgido ali.

Existem, no CAPS, por consequência da demanda, inúmeras oficinas, além da oficina de jornal, tais como: teatro, futebol, mosaico, culinária, artes plásticas etc, para citar algumas. A maior parte delas é constituída por uma

¹ Atuei como psicóloga e coordenadora da Oficina de jornal desta instituição durante o período de 3 anos, experiência e prática que atravessaram a construção da dissertação aqui presente. A coordenação da Oficina de jornal foi compartilhada com outro psicólogo, Luis Godoy.

² O SUS (Sistema Único de Saúde) foi instituído pelas leis federais 8.080/1990 e 8.142/1990. Ele tem o horizonte do Estado democrático de cidadania plena como determinante de uma “saúde como direito de todos e dever do Estado” previsto na Constituição Federal de 1988. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/entenda-o-sus>

atividade-tarefa, proposta previamente de acordo com o tema da oficina a ser feita por todos. A de jornal não é diferente. O engajamento na tarefa do jornal pressupõe um prévio interesse pela leitura e escrita individual, com o objetivo de organizar e produzir um jornal local produzido a várias mãos.

A produção nessa oficina exigia uma publicização em forma de jornal do que será selecionado dentre os escritos de cada um para todo o CAPS. Além da circulação interna, a divulgação posterior dessa publicação também prevê sua divulgação em outras instituições, como também sua distribuição livre na rua, para além do serviço. Os próprios participantes da oficina se ocupam de promover e fazer circular essa divulgação do jornal. É comum fazerem chegar exemplares em lugares vizinhos e já conhecedores do CAPS, como a biblioteca municipal de Niterói e a loja de comércio em frente.

Além dessa divulgação, que promove uma publicização social, também ocorre, independente dessa, uma publicização interna ao grupo, pelo fato de lermos o que cada um produz entre nós em voz alta. Assim, coletivizamos essas produções individuais, e muito do que produzem não é necessariamente publicado no jornal, mas sim compartilhado nesse grupo.

Portanto, o que o grupo que forma a oficina do jornal tem em comum é o interesse por um dos dois temas: a escrita, ou a leitura. Esses dois aspectos foram baseados na intenção de que o interesse convergisse para o ato de escrever em si, o que entendemos implicar necessariamente também a leitura.

Nesse aspecto, não é condição para participar da oficina que o paciente saiba ler, tenha passado pela alfabetização, como ensinada nas escolas, em que aprendemos a usar o filtro da compreensão pelo sentido. O mesmo ocorre para a escrita: não é necessário que se escreva conforme as regras gramaticais universais. Escrever não será definido, como veremos, unicamente pela via da disposição correta das sílabas e palavras que formam uma frase.

Consideraremos escrever no seu sentido mais amplo o que, na oficina, será entendido como: um desenho, uma grafia, um traçado, uma letra, ou uma palavra solta. E tomaremos como leitura qualquer interpretação, por mais singular que seja, que associe aquela grafia a uma significação, não somente como tradução pelo sentido, mas também pela transposição de uma grafia por outra. A leitura também abarcará o simples fato de alguém poder realizar distinções entre os traços grafados.

No item 1.9. deste capítulo, veremos como ela pode estar incluída na próprio ato de escrever. Ou seja, ocorre uma ampliação do que se entende por leitura e escrita que será colocada em relevo, por nos concernir especialmente. Essa ampliação do que se entende por um e outro é o que nos interessa precisamente e estará presente também em dois níveis, que são partes da linguagem: a escrita e a fala, das quais trataremos no item 1.3. deste trabalho.

Aí, a linguagem é dividida em duas dimensões: a escrita e a fala. A leitura fica do lado da escrita, como a outra face de uma mesma moeda, em oposição à fala, que tem caráter efêmero e não faz parte do registro propiciado pelo ato de escrita. Ou seja, ficaríamos dessa forma com: escrita/leitura e fala.

Por ora, não explicitaremos a fala e nos deteremos no que já anunciamos sobre a escrita e a leitura. Esse entendimento breve que expusemos, por enquanto acerca da escrita e leitura já nos será de extrema importância, pois permite ao CAPS abarcar uma gama maior de pacientes e interessados no tema. Isso é o que foi verificado na experiência ao longo dos três anos em que participei da oficina de jornal. Essa experiência rendeu uma interessante observação do material produzido ali, pesquisas em leituras teóricas, e teve como consequência a presente dissertação. Esse é o campo prático que acompanhará o percurso que aqui iniciamos, e terá sido a inspiração que o fez seguir adiante.

A inspiração fornecida por essa experiência nos levou a buscar uma concepção vasta de escrita/leitura e fala próxima à usada por Lacan, o que possibilitou incluir a experiência, envolvendo o que cada sujeito produz. E ainda, do lado teórico, essa referência à Lacan nos levou a uma concepção de escrita e leitura instrumental que nos auxilia com relação a algumas perguntas fundamentais, tais como: o que é escrever? Como um sujeito pode se organizar pela escrita?

As referências as quais nos baseamos para tentar responder as perguntas colocadas estão na psicanálise, com Freud e Lacan, mas também no campo da filosofia, no que ele se aproxima da psicanálise, essencialmente, em nosso trabalho, com Vilém Flusser e Roland Barthes, como veremos a seguir.

1.2

Escreve-se desde que se está inserido na linguagem

Como criatura de linguagem, o escritor está sempre envolvido na guerra de ficções (dos falares), mas nunca é mais do que um brinquedo, porque a linguagem que o constitui (a escritura) está sempre fora de lugar (atópica).
(Barthes, R. 1973/2010, p. 43)

A criatura, produto da linguagem descrita por Barthes, está em consonância com o que foi pensando por Lacan sobre a linguagem como estrutura constituinte da nossa subjetividade e, mais ainda, determinante do nosso ser, veremos como a seguir.

Antes, vamos sublinhar o fato bem descrito por Barthes de que o escritor, assim como todo ser humano, se encontra preso numa trama de ficções feitas de fala, na qual é somente sua marionete.

Nessa trama, o ser humano se localiza como sua marionete, justamente pelo fato de que a linguagem que o determina tem caráter externo ou fora de lugar. Esse caráter de externalidade da linguagem é explícito na fenomenologia da psicose, como veremos (Miller, 2003). Mas, se dá para todos nós, devido ao fato de que a linguagem provém do Outro³.

É o que expressa a sede e matriz da cultura na qual estamos inseridos e onde se encontra o tesouro dos significantes. (Lacan, 1968/2008, p.50) Somos falados pelo Outro antes mesmo da nossa existência: “[...] o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar está inscrito em seu nascimento [...]”. (Lacan, 1957/1998, p. 498) O movimento universal feito de simbólico, no qual o sujeito advém, está determinado antes da sua existência e o inscreve previamente antes dele ser quem é.

Lacan, a partir do *Seminário 20* (1972-73), vai dar mais ênfase ao aspecto pulsional dessa sobredeterminação. Inclui de forma mais consistente, a partir da

³ Em Lacan, o conceito de Outro teve perspectivas diferentes ao longo de seu ensino. Usaremos aqui a concepção de Outro que permeou todo o percurso lacaniano, ou seja, o Outro como simbólico e, por extensão, como cultura. Para o objeto *a*, cf. “Objeto e Nome do Pai”, Vieira, 2005.

formação dos sintomas, que o Outro nos veste com significantes homólogos às palavras que instituem marcas e determinam satisfações pulsionais. (Miller, 1997-98, p. 79)

Essa escrita, efeito da inscrição no corpo desses significantes, não deixam de nos determinar, justamente porque somos seres de linguagem. Lacan, segundo Miller (1997), vai promover a articulação dessa determinação dos significantes sobre nós a partir da interferência da fantasia inconsciente. (Lacan, 1958/1998, p. 591) O termo *fantasia* está presente ao longo de toda obra do Lacan, desde o *Seminário I* (1953-54), e é muito próximo ao que Freud chama de a “realidade psíquica”. (Freud, 1937-39, Cap. VII)

Serão, então, essas escritas que ecoarão de forma polissêmica, pois essas inscrições do Outro podem ser ressignificadas ou significar mais de um sentido. Sendo assim, o ser humano não obtém o controle de como serão feitas essas marcas que vão determinar sua maneira de se satisfazer e se relacionar com o que está a sua volta. (Lacan, 1958/1998, p. 591)

A matriz simbólica, ou fantasia, que fixará essas marcas determinará uma forma muito específica do ser humano se satisfazer pulsionalmente ou se relacionar libidinalmente com o mundo à sua volta. (*ibid.*) Ou seja, o controle da língua sobre o sujeito, permeado pela fantasia, será tão radical, como bem se testemunha na psicose, que o ser humano não deixará de ser em alguma instância controlado como uma marionete por seus dizeres de ordem inconsciente, como veremos no item seguinte.

Porém, é importante guardar alguma diferença na psicose: tal como nos esclarece Miller (1983), a fantasia aparece quando uma ideia se converte num postulado delirante. (Miller, 1983, p. 42) Como no postulado delirante de Schreber em ser a mulher de Deus, que veremos no nosso segundo capítulo, quando abordarmos a crença do Pai na neurose e a diferença da psicose.

Agora, o que nos interessa é a equivalência de Barthes com o que diz Lacan sobre o mecanismo da língua e sua incidência. A citação a seguir fundamenta essa ideia:

O que quer dizer o sentido? O sentido é o que o ser humano não é senhor dessa linguagem primordial e primitiva. Ele foi jogado aí, metido aí, ele está preso na sua **engrenagem**. (Lacan, J. 1955/1985, p.383 - grifos nossos)

O sujeito⁴, homólogo genericamente ao antes designado escritor ou ser humano, frisado por Lacan, se encontra descrito aqui também como submetido a toda uma *engrenagem* própria da linguagem. Ele não detém o controle dessa máquina, é compelido a ser quase que esmagado por ela.

O sentido estaria no lugar da fala, sinônimo dessa estrutura de linguagem que esmaga o sujeito. Poderíamos também pensar que se trata aqui do contato mais primordial e primitivo do sujeito com o Outro, justamente porque é onde ele é mais falado do que fala, como já assinalamos. Essa fala que se impõe sobre o sujeito tem caráter de escrita, mas se diferencia da atividade ou ato de escrita que vamos enunciar logo abaixo.

Dada essas pré condições – das quais o escritor, assim como o sujeito e ser humano de linguagem advêm – poderíamos pensar que a escrita é uma atividade em extensão pelo fato do escritor habitar a linguagem? E, se assim o é, poderíamos supor que o escritor vai caminhar sempre com a intenção de querer dizer o impossível? O impossível pode ser aqui entendido como o tanto que o determina e o qual ele ignora, ou não possui o controle. O que também podemos atribuir a uma necessidade estrutural, ou seja, de que seja preciso haver sombras para que áreas se mantenham iluminadas. A aspiração neurótica de acabar com elas seria o impossível estrutural. (Vieira, 2007, p. 161)

Vejamos a descrição de Barthes a respeito de si próprio e da sua atividade: “Escrevo porque não quero as palavras que encontro: por subtração.” (Barthes, 1978/2010, p. 49) Barthes, aqui, declara que o que o leva a escrever é o fato de que todas as palavras que cunha ou usa para dita atividade vão sendo descartadas, são usadas para depois serem subtraídas, ou são subtraídas porque expressam que não significam o que ele está procurando. E o que ele está procurando? O que o faz relançar esse desejo?

Essa descrição nos acompanhará ao menos para nos orientar quanto ao que está em jogo para quem escreve quando se propõe a fazê-lo, sem compreender por completo. Poderíamos supor a princípio que Barthes escreve porque quer encontrar a palavra certa? Ou será que no mar de palavras que se encontra

⁴ A definição do conceito de *sujeito* em Lacan por nós usada está presente no *Seminário 16 De um outro ao outro*. (1968-69), p.299. Também usaremos a definição calcada em Lacan retomada por Vieira: “Quando alguém se afirma ‘sou um homem’, apenas está dizendo que, entre ‘eu’ e ‘homem’, ele, como sujeito, insiste, sem, no entanto, consistir nem num, nem noutro desses dois atributos, ambos do Outro.” (Vieira, 2008, p. 174)

mergulhado o fato de poder subtrair algumas já lhe provoca efeito e satisfação buscada?

Veremos, mas o que importa agora é que algo se produz nessa mesma atividade de escrever que não pode deixar de ocorrer ou tem que ser relançado a cada vez. Esse desejo o faz passear na estrutura, que também tem caráter de escrita, da qual ele mesmo é produto, para dizer do mesmo, ou redizer, repetir, e mais ainda, editar.

Essa seria uma hipótese baseada no que disse Barthes. Seguiremos pensando o que impulsiona o ato de escrita do escritor, imerso nas engrenagens da linguagem que também tem caráter de escrita. Antes, veremos o que mais poderíamos pensar sobre o caráter de escritura presente para além da linguagem do Outro que nos determina e no qual fomos metidos.

1.3

Fala e escrita

Nem no que diz o analisando, nem no que diz o analista, (não) existe outra coisa além da escrita. (Lacan, 1977, *inédito*, aula de 20/12/1977)

Se o inconsciente nos orienta por um sistema de escrita, o analista encarna em sua função a equivocação inerente à interferência do inconsciente em nossa fala. Por isso, a escrita não consiste nem no que diz o analista nem no que diz o analisante. Ela é depositária de tudo o que se diz, reduzida a um par de traços e letras.

Esse sistema de escrita nos abre para outro aspecto da linguagem, além do oral, da fala, sem se reduzir a ela. Não é mera transcrição da fala ou seu simples acessório. Aspecto que será melhor justificado no item 1.9, ainda neste capítulo. Trata-se de um aspecto que se deposita em nosso inconsciente e nos determina, como já vimos, e, por isso, tem outros efeitos distintos da fala. A equivocação a qual o analista encarna a partir do que se fala é melhor sedimentada a partir do sistema de escrita.

Não podemos deixar de considerar que os dois aspectos da linguagem, fala e escrita, fazem parte da linguagem e se definem como formas distintas de habitá-la, sendo sua distinção um artifício.

Jean Allouch chama de a “conjectura da escrita” o que refere ser a descoberta empreendida por Lacan já desbravada por Freud. (Allouch, 1995, p. 133) E também afirma que em Lacan a oposição fala/escrita vem no lugar do par linguagem-objeto/metalinguagem. (*ibid.*, p. 134)

Essa substituição se deve ao que Allouch aponta ser a premissa de Lacan: não há metalinguagem. (*ibid.*) Ou seja, quando Lacan refere o seu axioma, de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Lacan, 1973/2003, p. 512), não se trata de uma metalinguagem e sim da coisa em si, a incidência da fala ou do simbólico na estruturação subjetiva real de cada um. Assim como a incidência do postulado delirante na definição de sujeito no campo da psicose, como veremos no segundo capítulo.

Esse momento é marcado pela asserção de que a “estruturação da linguagem” é definida como a própria estrutura do inconsciente em: “demarcação da primeira conjugação de uma emissão vocal com um signo como tal.” (Lacan, 1962/2003, *inédito*. Aula, 10/01/1962) Essa é a referência lacaniana usada por Allouch para nos passar a ideia de que a voz homóloga à fala a qual nos rodeia possui desde sempre uma inscrição na dimensão de signo, aqui entendida em sua dimensão escritural.

Allouch retoma a teoria lacaniana acerca da origem da escrita e nos ajuda a precisar ao que se refere Lacan nesse ponto. Como já visto no item 1.2, se há fala no Outro que nos determina, nela já está implicada uma escritura. Desvelada como escrita de traços, que não cessam de não se ler, mas que, paradoxalmente, só revelam sua estrutura pela escrita. (Allouch, 1995, p. 137)

Lacan diz claramente: “Sem aquilo que faz com que o dizer venha a se escrever, não há meio de eu lhes fazer sentir a dimensão onde subsiste o saber inconsciente.” (Lacan, J. 1974, *inédito*. Aula, 21/05/74) O saber inconsciente subsiste a partir do que há de escrita no dizer, o que já nos anuncia uma duplicidade implícita na fala, inerente a estrutura própria da linguagem.

Para situar o lugar do sujeito nessa estrutura, através de Lacan sabemos que ele é definido entre um dito e outro. (Lacan, 1954/1986, p. 111) O sujeito é o que não é recoberto pelas significações oferecidas pela linguagem, tem caráter evanescente e sempre escapa, nunca é apreendido, tal como o inconsciente. (*ibid.*) Por isso, é na ambiguidade da língua e nas dobradiças das palavras que ele habita.

Vamos, então, delinear que é em torno dos caminhos da escrita e da fala que se articula o sujeito por meio do nosso objeto, que é o ato de escrita. Como consequência, o sujeito é produto da linguagem e comandado por seu inconsciente, em que impera a dimensão da escrita, presente também na fala. Eventualmente, o sujeito pode padecer subjetivamente por viver justamente um abismo entre as palavras e as coisas. Ou seja, entre o que o ser vivente passa ou vive, e a fala e a escrita.

A linguagem, em sua dimensão de objeto, recurso manipulável serve de meio para o homem se expressar e comunicar. Independente da finalidade, a atividade do escrever em si, grafar um risco que seja, nos interessa e chamaremos a isso o ato de escrita. Como veremos melhor no Capítulo 2, item 2.8. Esse ato de escrita pode se mostrar insuficiente. Isso se mostra presente mais ainda, se ele tem no horizonte a ambição de grafar o desejo que escapa, tal como o descrevia Barthes (1978/2003, p. 56) no item 1.2 deste capítulo. O que escapa pode ser entendido como a falta simbólica da qual nos fala Lacan no início do seu ensino. (Lacan, 1963, p. 147)

Sobre isso, Lacan afirmará em termos gerais:

Eu lhes disse, em síntese, que não existe falta no real, que a falta só é apreensível por intermédio do símbolo. É no nível da biblioteca que se pode dizer: *Aqui está faltando o volume tal em seu lugar*. Esse lugar é apontado pela introdução prévia do simbólico no real. (*ibid.*)

A falta apontada, que designa o lugar do livro faltante, presentifica o que está ausente e é inerente ao mundo simbólico – aqui, sinônimo de linguagem. Essa falta não é existente em sua vertente de real, ou em si, mas sim a partir, ou só apreensível por meio de uma estrutura maior, determinante. A falta no real seria o que Lacan chamaria de privação, diferente da falta simbólica.

Essa metáfora da biblioteca e do livro introduz a falta como cerne estruturante da linguagem. E, ao mesmo tempo, ela só existe porque há linguagem. É porque há linguagem que se pode sempre tentar preencher essa falta buscando grafar o impossível. O sujeito pode tentar compensar essa falta de duas maneiras: falando e também escrevendo. As duas coisas servem para compensar a falta e se constituir ao mesmo tempo como sujeitos que habitam a linguagem.

Essa falta constituinte é um importante aspecto para defender a hipótese de que o escritor, como vimos no item 1.2, tem a necessidade de expressar o que

sente por meio das palavras e, ao fazê-lo, estas lhe soam insuficientes. Ou seja, o escritor tenta apropriar-se de sua existência na tentativa de grafar o impossível.

1.4

A ambiguidade da linguagem e a dimensão do inconsciente

A linguagem funciona inteiramente na ambiguidade, e a maior parte do tempo vocês não sabem absolutamente nada do que estão dizendo. (Lacan, 1956/1985-88, p. 135)

Aqui, faremos novamente alusão à particularidade da linguagem que o sujeito ignora e que se deve precisamente à sua ambiguidade, à polissemia etc. E o que faz com que, segundo a citação de Lacan, na maior parte do tempo desconhecemos o que dizemos.

O que não sabemos quando falamos? Não sei, mas parece que há uma dimensão do dito que não temos acesso pela própria fala, e que só se vê melhor no escrito. Essa é a dimensão do inconsciente. (Lacan, J. 1973/2008, p.33) Nela aparece de forma mais clara os sentidos veiculáveis para além do que estamos querendo dizer.

A linguagem não é só feita de fala fluida, guiada por um único sentido comunicativo, como nos diz Lacan. E esse outro aspecto, inerente à própria linguagem, que não se reduz ao sentido funcional da comunicação, se sedimenta no escrito. Ou seja, é somente na palavra escrita que podemos perceber a sua gramática ou fixar o sentido múltiplo que se veicula quando se fala. É o aspecto inspirado de Lacan (1971) destacado por Allouch: “[...] ele [o inconsciente] está estruturado como essa linguagem cuja estrutura se revela pelo escrito.” (Allouch, J. 1995, p.151) Esse é o aspecto em destaque pelo qual advogamos.

Lacan afirma justamente a esse respeito: “[...] recusar-se à referência à escrita é proibir-se aquilo que, de todos os efeitos da linguagem, pode chegar a se articular.” (Lacan, 1973/2008, p. 58) Se descartássemos a dimensão do escrito, estaríamos fadados a vedar-nos sobre o que pode chegar a se articular nesse nível como efeito da própria linguagem. Há algo que só se articula a nível de escritura ou cadeia, rede de palavras. Esse fato se verifica quando somos surpreendidos por uma frase ou palavra, que não constavam em nossa intencionalidade consciente

quando dizemos algo. Ou, como ouvintes, quando alguém nos diz algo e o sentido veiculado por essa aparente mensagem pode desdobrar-se em mais de um.

Qual haveria sido a intenção de determinada pessoa no ato de dizer o que disse? Freud (1905) alude em “Os Chistes e sua relação com o inconsciente”, os chistes como alusivos desses efeitos. E os relaciona a um fato inerente à estrutura da linguagem. Um de tantos outros exemplos que descreve para abordar a estrutura dos chistes é o seguinte:

Um judeu num vagão de trem em uma estação da Galícia pergunta para o outro para onde ele vai. E o outro judeu lhe responde: “para a Cracóvia”. Ele, então, replica: “Que mentiroso!” “Se você dissesse que ia à Cracóvia, você estaria querendo fazer-me acreditar que estava indo a Lemberg. Mas sei que, de fato você vai à Cracóvia. Portanto, por que está mentindo para mim?” (Freud, S. 1905/1996, p.91)

O humor e o riso que advém dessa banal história devem-se justamente ao mérito de que o sentido que se veicula quando se tenta comunicar algo não é garantido. Por isso, o primeiro judeu que pergunta ao segundo realiza de forma exagerada diversas associações que o levam a entender o contrário do que parece querer comunicar o segundo judeu. E realiza o movimento contrário uma segunda vez, até chegar ao absurdo de supor uma mentira na qual haveria uma suposta verdade.

A fenomenologia do inconsciente, como veremos no item 1.5, engloba: chistes, atos falhos, sonhos etc, e elas nos permitem observar justamente a presença dessa outra dimensão. Nesse campo do inconsciente, passamos a nos orientar muito mais por um sistema de escrita, como já mencionado, do que pelo de fala. É claro, levando em conta a leitura do inconsciente proposta por Lacan com Freud.

[...] o sonho é um rébus. E Freud trata de estipular que é preciso entendê-lo, como afirmei a princípio ao pé da letra. O que se prende à instância, no sonho, dessa mesma estrutura literante (em outras palavras, fonemática) em que se articula e se analisa o significante no discurso. (Lacan, J. 1957/1998, p. 513)

O rébus é um enigma figurado que consiste em exprimir por meio de figuras e sinais, palavras ou frases. A imagem onírica, presente na cena dos sonhos tem seu significado associado não a representatividade daquela imagem,

mas a composição veiculada pela imagem de cadeia de palavras e frases. É o que faz Lacan afirmar a hipótese de que o inconsciente é estruturado como linguagem. (Lacan, J. 1973/2003, p. 512)

Nesse ponto, é preciso lembrar que Lacan é inspirado nos anos 50, como lembra Maleval (2002, p. 35), pelos trabalhos antropológicos de Lévi-Strauss. Essa influência o ajuda a consagrar a hipótese do inconsciente estruturado como linguagem, como agora a defendemos. E, posteriormente, será a linguística saussureana que vai ser chamada a pensar o campo do Outro conceitualmente, o que é introduzido em 1955. (Lacan, J. 1955/1985-88, p. 366-67)

Ou seja, à dimensão do escrito, que introduzimos neste presente item está associada a dimensão do simbólico, priorizada por Lacan como a abordagem ao inconsciente. O Édipo freudiano e a proibição do incesto passam a ser lastreados não por imagens que os representam, mas sim pelo peso de símbolos que se tornam, em seu valor, predominantes.

1.5

O desejo inconsciente e a escrita

Lacan irá afirmar que: “É o mundo da palavra que cria o mundo das coisas.” (Lacan, J. 1953/1998, p. 277) E, sobre o descobrimento freudiano: “[...] a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar do seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização do ser.” (*ibid*, p. 276)

Fica claro, a partir dessas citações, a relevância que a ordem da simbolização/escritura passa a ganhar no ensino da psicanálise a partir de Lacan, principalmente, por ser determinante também nas estruturas psíquicas. Assim como já vimos no item 1.3, a respeito da estruturação do inconsciente.

Lacan é expresso a esse respeito e diz que na leitura dos sonhos é preciso levar o inconsciente ao pé da letra, pois a articulação de uma palavra ou significante faz parte de um emaranhado complexo de inúmeras associações. (Lacan, J. 1957/1998, p. 513)

Os significantes encontram seus sentidos, a partir da relação que articulam entre si. Para Lacan, a razão dos psicanalistas haverem ficado fascinados com as

significações advindas do inconsciente se deve por essas significações advirem da dialética que era imanente entre os significantes. (*ibid*, p. 516)

O fato do sonho dispor da fala não modifica nada, visto que, para o inconsciente, ela é apenas um elemento de encenação como os demais. É justamente quando o jogo e também o sonho esbarrarem na falta de material taxêmico para representar as articulações lógicas da causalidade, da contradição, da hipótese etc, que eles darão provas de ser, um e outro, uma **questão de escrita**, e não de pantomima.” (Lacan, J. 1957/1998, p. 515 - grifos nossos)

Novamente aqui fica explícito, o quanto a cena onírica presente no sonho será lida ou interpretada, menos por sua imagem do que pelo seu valor em termos de articulação lógica, causalidades, contradições etc. Os elementos de encenação contam menos por seu valor gestual ou mímica, que nos conduziriam a uma significação maior, suposta, que pelo valor fragmentado de cada significante desprovido desse prévio suposto sentido maior.

O sentido maior, ligado ao contexto, ou cena nos quais esses elementos aparecem, não é o mais importante. O termo por nós destacado, a questão da escrita, nos traz a idéia de uma liberdade maior com relação a um único sentido predominante. O que importa são as letras, sílabas e palavras que não tem um sentido prévio delimitado e, por isso, podem encerrar vários sentidos ou nenhum, mas parecem conter o desejo inconsciente:

O desejo inconsciente, quer dizer, impossível de se exprimir, encontra meio de se exprimir, não obstante pelo alfabeto, a fonemática dos restos do dia, eles mesmo desinvestidos do desejo. (Lacan, J. 1954/1986, p. 318)

O desejo inconsciente, assim como o sentido maior da cena equivalente à unidade, não consiste ou não é definível por nenhuma expressão. Ele reside no que é resto, no que não tem valor pensado em articulação ao resto da cena. Ele tenta se dizer, ou se sustenta, porque existem os fragmentos, material do alfabeto – eles próprios em si, em seu conteúdo, desinvestidos de um sentido prévio. Logo, além da linguagem, que provém do Outro, do inconsciente, também articulamos a escrita com o desejo inconsciente. Vamos, agora a nosso campo da experiência, com os pacientes da oficina do jornal.

1.6

Os pacientes escrevem, e muito

Não é de hoje que se sabe que os pacientes psicóticos⁵ escrevem, e muito. Na oficina de jornal citada no primeiro item 1.1, não é diferente. Os pacientes manifestam grande interesse por diferentes motivos na leitura e principalmente na escrita. Após comentar aqui brevemente sobre essa oficina, nos voltaremos ao estilo de cada participante de forma mais detalhada, ao longo de todo o último capítulo 4.

À guisa de exemplo: Humberto⁶ persiste numa constância imperativa nas reuniões, a fim de mostrar o seu trabalho escritural, que faz sozinho em casa com a intenção da publicação.

Nesse caso específico, trata-se de uma exaustiva escrita disposta em letras cujas formas cunham uma precisão e impressionante simetria na distância entre as palavras, linhas e parágrafos. O conteúdo do que Humberto escreve, para além da sua forma – que chama atenção pela impecabilidade – é reflexo da leitura de notícias.

Os assuntos transcritos são lidos supostamente, por ser de interesse de todos. Tanto no início quanto ao fim dessa transcrição da notícia, usa as mesmas frases em todos os seus textos. Começa com: “Venho por meio destas linhas, mencionar por escrito, um tópico jornalístico-memorialista que veio movimentando minha cabeça e o meu coração[...]” e termina com “Agora através dessas linhas, vou opinar por escrito, a minha opinião sobre este assunto [...]”⁷. Na última parte, ele expressa uma opinião estritamente pessoal, mas que vai no sentido de ressaltar ou salientar algo que já havia sido dito na própria reportagem, no sentido de lamentar um fato ou festejá-lo.

Outro exemplo de estilo e forma de se expressar é de Jonas, que declara que o ato de escrever lhe serve de desabafo e também para fazer justiça às pessoas que lhe são importantes. Traz sempre escritas que ressaltam mais o seu conteúdo

⁵ A discussão diagnóstica sobre o que aqui é chamado de “psicose” será abordada no item 1.8.

⁶ Escolhemos nomes fictícios para representar os pacientes que participaram dessa atividade a fim de preservar seu sigilo.

⁷ Segue aqui, trecho de citações de textos disponíveis para a oficina de jornal e sua publicação. Consta em anexo III, o consentimento informado com a assinatura dos pacientes cujos escritos são aqui citados.

do que a forma propriamente dita. Em seu conteúdo delirante, veicula a vida de pessoas que ele próprio é, ou foi a reencarnação, tal como Lampião, cabra da peste, Ivan Lins, Gonzaguinha, Jesus Cristo etc.

Ele relata a história delas ou como as conheceu antes de se tornar sua reencarnação. É comum que ao terminar o que escreve nos peça que passe para o computador e refaça inúmeras vezes detalhes ou conserte vírgulas e nomes que ele considera não estar condizente com o que gostaria de ter escrito. Essas modificações podem se prolongar indefinidamente e são interrompidas por uma necessidade externa de prazo na publicação da mesma.

Ainda há também, o Gustavo, que costuma desenhar projetos de foguetes que são cópias do que ele havia projetado para a NASA e lhes enviado na época. Afirma ter sido o inventor do primeiro foguete que foi à Lua. O descreve por meio do desenho em detalhes, além de acrescentar neste uma série de indicações numéricas, como o número que cada cabine do foguete suportaria, ou o que deveria conter cada cabine além de pessoas. Esses desenhos do foguete são os mais recorrentes, mas também realiza por meio de textos curtos, o relato de situações ou pequenas experiências de quando foi da marinha e de situações de guerra.

Por ora, não me aprofundarei em nenhum desses três estilos, que serão mais detalhadamente explicitados no último capítulo.

O que nos interessa sublinhar é que estes exemplos, e também todos os pacientes que pedem papel e lápis e não necessariamente estão regulares naquela atividade fazem parte da expressiva população que escreve, e muito. São inúmeras as manifestações efêmeras: declarações de amor, poesias, letras de músicas, sentimentos, emoções, nomes próprios, letras sem sentido repetidas em cadeias ao infinito, desenhos e assim por diante.

Podemos dizer que, nesse sentido, há nos pacientes do CAPS mais do que na população em geral, um empuxo⁸ à escrita? Estaria esse empuxo à escrita em relação com o diagnóstico de esquizofrenia ou psicose, do qual é o caso da maior parte desses pacientes? Qual seria a diferença para com Barthes, que escreve por

⁸ Estamos propositalmente usando a expressão “empuxo à escrita”, calcada na expressão de Lacan “empuxo à mulher”. Cf. em: Lacan, J. (1972/2003) “O aturdido”. In: Outros escritos. P.466.

subtração, ou, supostamente, para grafar o impossível? Seguimos, pois o que por ora importa é situar a oficina.

1.7

Os psicanalistas se interessam pela escrita: introdução à investigação de Freud e Lacan aos escritos de Schreber e Joyce

É conhecida a investigação de Freud acerca do caso de Schreber, que é um caso considerado na época de “parafrenia” ou *Dementia Paranóides*. Jacques Lacan também empreendeu uma investigação sobre o escritor literário famoso James Joyce. Esses dois escritores foram investigados por ambos: Freud e Lacan. Nos dois casos pretende-se demonstrar o benefício da escrita. Vamos, então elucidar brevemente as duas situações.

A atitude de Freud ao introduzir sua investigação em torno do Schreber é qualificada por Lacan como audaciosa. Seu trabalho pioneiro possuía absolutamente um caráter de criação. Essa criação é colocada por Lacan como homóloga à *Traumdeutung*, que foi precedida de práticas inocentes anteriores, sinal de que há muito se previa ou podia-se perceber que o sonho tinha um sentido, ou que algo se podia ler nele, como vimos no item 1.2. Ou seja, essas tentativas indicavam que ele traz à tona um material, a princípio além do primeiro sentido, veiculado e articulável em discurso.

O modo como Freud procede em Schreber eleva seu livro à dignidade de uma obra literária. E, ainda, o recomenda platonicamente a seus leitores. Depois disso, ele nos oferece, em sua interpretação da obra, uma decifração champollionesca. Ou seja, ele o decifra do modo como o decifram os hieróglifos. (Lacan, J. 1955/1985-88, p.19)

A obra de Schreber – o paciente famoso analisado por Freud, como veremos no Capítulo 2 – é um precioso registro escritural sobre a radical experiência daqueles que na época eram diagnosticados como portando demência precoce. Essa obra é para Lacan algo magistral proporcionado por Freud. Lacan explicita detalhadamente ao longo de todo seu *Seminário 3* (1955-56) o que faz Freud com essa obra. A originalidade dessa interpretação freudiana é abordada no nosso item 2.1 do Capítulo 2.

Segundo Lacan (1955-56), Freud vê surgir várias vezes ao longo do texto no livro *Memórias de um doente de nervos* (1903) as mesmas palavras e

expressões e, partindo da ideia de que isso deveria dizer algo, chega a reconstituir os usos de todos os significantes dessa língua única utilizada por Schreber. (*ibid*, p.19)

Na própria descrição de Freud (1911) quanto aos caminhos de interpretação do caso, ele deixa claro estar tateando o terreno de todas essas significações, ao mesmo tempo em que vai se aprofundando nesse universo. O universo scherebiano vasto e rico é descrito no livro como uma teia de significações delirantes, algumas que sofriam mutações e se deslocavam ao longo da sua vida e de sua construção delirante.

Cito Freud: “Não será possível definir os limites precisos da interpretação justificável até que se tenham realizado muitos experimentos e que o assunto se tenha tornado mais conhecido.” (Freud, S 1911/1996, p. 45)

O trabalho árduo, exaustivo e meticuloso efetuado por Freud (1911) deixou sua marca de caráter investigativo e não conclusivo a respeito da experiência relatada. O relato de Schreber possui características testemunhais, a respeito do forte encontro com algo dilacerante e indizível que lhe atravessou o corpo e a alma e teve efeitos de revoluções em sua vida. Aqui, o sujeito fala do que ele entende a respeito desse encontro – que, a essa altura, promoveu uma ruptura com a sua própria certeza anterior e também que lhe parece falar. Lacan se perguntaria: “Quem fala? O sujeito articula algo que ele diz ouvir.” (Lacan, J. 1956/1985-88, p.102)

O próprio Schreber não dissimulou a ninguém que participaria sua experiência à humanidade inteira, com o desígnio de transmitir a todos, as revelações capitais que ela comportaria. (Schreber, 1905/1984, p. 370)

Após lida e interpretada por Freud, a obra é retomada em minúcias por Lacan – que traz por meio de citações de trechos desse livro toda a formulação e construção complexa feita por Schreber (1905), a partir dos pontos já assinalados por Freud, tais como os elementos centrais da trama delirante. Ali acham-se incluídos o seu médico, Fleshsig, na época do primeiro adoecimento, até sua formulação após fenômenos de automatismo, de alucinações e sensações senso-perceptivas de cunho alucinatório, de despedaçamento do corpo, culminando na sua construção delirante a respeito de “Deus” e a “Ordem da Coisas”. Vamos ver agora a mudança empreendida por Lacan ao mudar seu objeto de estudo, mantendo o foco no seu interesse pela escrita.

Mais adiante no ensino de Lacan, em seu *Seminário 23 O sinthoma* (1975-76), ele passa a se interessar pelo modo como o escritor literário irlandês James Joyce mobiliza a escrita. Esse autor promoveu impacto na história literária e lhe serviu de inspiração e base da sua criação conceitual nova. Dentre suas obras, de *O retrato do Artista quando jovem* (1916), até *Finnegans Wake* (1939), passando por *Ulisses* (1922), a escrita de Joyce se apresenta como uma longa construção de enigmas.

O escritor que revolucionou a literatura torna-se de grande interesse para Lacan por apresentar em sua escrita, um modo excêntrico de como utiliza a linguagem ao segmentar frases e quebrar palavras, levando-as a uma intensa corrosão de seu sentido original.

No *Seminário 23* (1975-76), dedicado a Joyce, ocorre uma grande mudança na sua concepção da função da escrita para o psicótico. Enquanto em Schreber Lacan mantinha o foco na função da escrita como transcrição da metáfora delirante, no caso de Joyce a escrita servirá mais de estruturação do que de transcrição. Será menos uma transcrição que supõe uma prévia organização delirante já bem estruturada. Voltaremos a abordar essa diferença, das duas escritas de Joyce e Schreber, no Capítulo 3.

Nesse momento vão intervir novos conceitos, e toda uma nova formulação acerca do conceito de sintoma, que passará a se chamar *sinthoma*, incluindo uma nova grafia. Essa nova grafia representa um novo modelo do inconsciente, em seu conjunto de letras pela qual estamos engajados pela via do *sinthoma*. O *sinthoma* é um nó, que delinea em seu centro um vazio uma solução para a angústia. (Lacan, J. 1976/2007, p. 121)

Essa nova concepção de escrita vai basear-se no que Lacan fez com a manipulação do nó borromeano, que implica um novo paradigma e forma de pensar um enodamento entre os três registros, denominados por ele de *Imaginário, Simbólico e Real* (*ibid*, p. 89).

É a partir da maneira como Joyce (1939) faz preponderar a letra sobre o sentido das palavras, que Lacan encontra o suporte para articular o registro do *real com o simbólico e o imaginário*. (*ibid*, p. 75) Isso significa, de forma geral, que a face explorada da escrita por Joyce, não se reduz a uma única significação, expressa pelo agrupamento das letras dispostas e escritas. E, ao mesmo tempo,

não deixa de delimitar de alguma forma essa abertura a múltiplas outras significações, a partir da unidade semântica de uma palavra.

A expressão joyciana “*a letter, a litter*”, mencionada por Lacan em seu seminário sobre “A carta roubada” (1957/1998), de Edgar Allan Poe, diz respeito a essa dimensão da escrita da letra para além da sua significação em primeiro plano. Está ligada a uma faceta da letra vinculada a uma materialidade significante, que é traduzida em seu termo por: carta, letra e lixo. (Lacan, J. 1957/1998, p.27) Ou seja, nesse texto dos *Escritos* de Lacan, a homofonia da tradução desses termos traz uma outra natureza da carta na trama pensada por Poe para além de sua função mensageira.

Na trama, uma carta é roubada nos aposentos da Rainha pelo ministro D e a polícia qualificada parisiense não havia até então descoberto seu paradeiro. Somente após a inserção de Dupin nas investigações, o mistério que a polícia não conseguiu enxergar é por ele desvendado. O pedaço de papel amassado e jogado num canto sem importância foi a chave da descoberta do seu paradeiro.

O conto possui inúmeros detalhes e aspectos da carta que faz com que ela se torne comprometedor a aos olhos do ministro – o fato, por exemplo, dela ter causado uma enorme perturbação na Rainha ao recebê-la. Todo o conto transcorre sem que o conteúdo da carta seja relevante para determinar o movimento realizado ao redor dela. A carta aparece somente em sua dimensão de pedaço de papel.

A “moral da história” reduzindo o conto, é que o fato de Dupin levar em conta a dupla essência presente em uma carta, uma da mensagem e a outra adúlterável, referente a sua materialidade, é o que o torna capaz de desvendar esse enigma. Ou seja, essa outra natureza manuseável, descartável, que pode ser guardada, adulterada e pensada enquanto pedaço de papel, não passa despercebida por Dupin e faz com que ele não se atenha a sua descrição para encontrá-la. Tratava-se da mesma descrição usada pelos policiais ao procurá-la.

O que Lacan almeja é estender suas teses a respeito do significante, a partir da idéia de que este não se reduz a uma funcionalidade de transporte de mensagem, mas também inclui essa dimensão objetual, descartável, ligada à sua materialidade. (Mandhil, R. 2003, p. 28) É essa a dimensão que vai interessar a Lacan em Joyce, e que será explorada por ele em sua obra.

Joyce (1939), nos demonstra que a sua escrita quanto mais estiver funcionando em sua dimensão de *letra*, mais pode produzir significâncias em detrimento de seu valor semântico. Sua relação com a linguagem demonstrada por meio de seus artifícios vistos na escrita nos fazem ver sua necessidade em corroer, fragmentar ou dissolver até seu sentido último cada unidade semântica que lhe aparecia como imposta pelo Outro.

Por ora, não iremos nos deter mais nessas noções, pois o desenvolvimento acerca de Joyce será melhor explicitado no capítulo 3. A idéia aqui era somente situar o caráter de novidade promovido por Lacan, ao ser atravessado pela leitura joyceana. Lacan foi por ela capturado, assim como Freud, que também se deixou penetrar pelo modo de escrita de Schreber.

O que nos interessa é a forma como a escrita valeu para cada um desses autores, tanto para James Joyce, quanto Schreber investigados por respectivamente: Lacan e Freud. E também o quanto o empuxo à escrita explícito em seu ato possuiu algum tipo de benefício, para além de cada um desses autores haver se submetido a ele.

1.8

Breve discussão sobre o uso do termo *psicose*

Antes de seguirmos com a pergunta colocada no item 1.7 acima, acerca dos benefícios consequentes do ato da escrita, nos deteremos rapidamente sobre o uso do termo *psicose* na psicanálise, justificando nossa opção em adotá-lo.

A questão diagnóstica é colocada de forma distinta em ambos os casos. Saber se eram ou não psicóticos é uma pergunta de Lacan no caso de Joyce, assim como Freud se questiona quanto a nomenclatura de demência no caso de Schreber. Freud (1911) define Schreber como parafrênico, paranoico ou tendo *dementia paranóides* e não aceita a *dementia praecox*, que atualmente seria equivalente a demência, termo cunhado por Emil Kraepelin (1883). Enquanto Lacan assume ser Schreber psicótico e se pergunta se Joyce seria, Freud acredita que Schreber possuía uma gradual demência, mas relativa a seu quadro principal de delirante paranóico consistente.

Lacan comenta essa diferença da seguinte forma:

[...] o delirante, à medida que ele sobe na escala dos delírios, está cada vez mais certo de coisas postas como cada vez mais irreais. É o que distingue a paranóia da demência precoce, o delirante as articula com uma abundância, com uma riqueza que é justamente uma das características clínicas mais essenciais, e que por ser das mais maciças, não deve mesmo assim ser negligenciada.” (Lacan, J. 1956/1985-88, p. 93)

Aqui fica claro o quanto a clínica do delírio, da paranóia e da parafrênia, como denominada por Freud, ser a clínica em que Schreber está mais próximo, pois aponta para construções fantásticas ou irreais, delirantes, muito mais do que o demente precoce. Essa produção caracteriza uma torrente produção discursiva que tende a ganhar consistência e, por isso mesmo, uma importância central na vida do sujeito.

Sabemos que a definição da *psicose* faz parte da tripartição clássica da psicanálise e nunca é por ela abandonada. Seriam os três tipos clínicos considerados: neurose, psicose e perversão. Antônio Quinet (2009) faz em seu livro sobre psicose e laço social, uma breve apresentação que envolve o histórico acerca desses tipos (Quinet, A. 2009). Vamos nos basear nesse rápido histórico, para organizar em que se baseia a psicanálise para abordar a questão diagnóstica dessa forma.

Essas entidades clínicas descritas pela psicanálise tem como denominador comum a *foraclusão*⁹ do *nome-do-pai* no campo do Outro. (Lacan, J. 1955/1985-88, p.103) Trata-se de um mecanismo das psicoses descritos por Lacan no final dos anos 50, inspirado na *Verwerfung*, designada por Freud. Esse termo significa em alemão rejeição, tal como o usa Freud para descrever o mecanismo da psicose. (Freud, S. 1914/1996) Vamos abordar com mais detalhes esse assunto no item 2.4 do capítulo 2. Cito:

O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício. (Lacan, J. 1956/1985-88, p.102)

A emergência dessa significação enorme não antes incluída no simbólico é efeito do mecanismo de *foraclusão* descrito por Lacan. Ameaça todo o edifício por seu retorno ser no *real*, por meio de todos os fenômenos elementares.

⁹ *Foraclusão* é um conceito forjado por Lacan retirado do vocabulário jurídico e que significa a privação de uma faculdade ou direito que, por não terem sido executados no tempo devido, se tornaram obsoletos. (*ibid*)

Mas, basicamente a forma como é descrito esse mecanismo, se baseia no fato de que as leis do inconsciente, segundo Freud, são válidas para todas as estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão. Por isso, encontramos proximidades entre os mecanismos dos sonhos, os da formação dos sintomas, e dos fenômenos elementares nos psicóticos.

A estrutura de linguagem, na qual o sujeito está imerso, como vimos antes é o que concede as coordenadas de uma posição estrutural que será assumida por ele. Essas coordenadas variam segundo sua estrutura clínica. No caso da psicose, ela é marcada pelo mecanismo da *foraclusão*.

É importante ressaltar que a importância de distinguir um sujeito neurótico de um psicótico, inclui especialmente o que está em jogo nas primeiras entrevistas preliminares e institui uma direção da cura de acordo com esse diagnóstico.

Um século após a invenção da psicanálise por Freud, segundo Maleval (2002), se supõe que ocorreu um importante acréscimo na demanda de cura por parte dos psicóticos, a partir de Lacan. (Maleval, J.2002, p.11) Segundo Maleval, ninguém ignora o mecanismo de *foraclusão do nome do pai*, instituído por Lacan, em 1957, na teoria psicanalítica para definir a estrutura psicótica.

Esse diagnóstico, segundo Quinet (2009), se deve ao que será variável de cada estrutura clínica para a psicanálise, que é entendida como fruto de uma resposta do sujeito frente à castração do Outro. Ou seja, o fato de que o Outro, enquanto linguagem, porta uma falta inerente a sua estrutura pode ser subjetivado de formas diferentes. Pode-se negar esse fato, assim como conservá-lo e recalculá-lo. No caso da psicose, esse processo pode ser negado sem que deixe vestígios, ou seja, essa falta inerente a estrutura do Outro pode ser rechazada, ou foracluída. (Quinet, 2009)

Diante disso, estamos autorizados a usar psicose, em seu sentido usado aqui, ou seja, somente a partir da definição de Lacan (1955-56), e a pensar nossos pacientes como *Schrebers* ou *Joyces*. O que hoje corresponderia, *grosso modo*, ao campo da esquizofrenia, segundo critérios da psiquiatria contemporânea. Esses critérios diagnósticos atuais vêm sempre se alargando e sofrendo mudanças. Mas, a psicanálise vem lidando com praticamente as mesmas categorias diagnósticas usadas por Freud (1911) inspiradas na psiquiatria clássica.

No que concerne às psicoses é importante acrescentar, que no início dos anos 80, segundo Maleval (2002), Lacan teria efetuado uma mudança no que

centrava sua direção do tratamento com psicóticos. E isso basicamente se deve a orientar que o gozo foracluído, que é refratário à interpretação na análise do psicótico, possa ser modulado, moderado, com a finalidade de construir *suplências*¹⁰, como veremos no item 2.7 do capítulo 2. A clínica das *suplências* está fortemente relacionada a dos nós borromeanos, e com a conceitualização do *sinthoma*, entendido rapidamente como a lei particular que cada sujeito pode encontrar para realizar uma *suplência*. (Maleval, J, 2002/2000, p.19)

Em consequência, o Nome-do-Pai se torna apenas uma dentre as diversas outras formas de *suplências* possíveis. Isso é o que leva, em última instância, Miller a indicar que Lacan afirmava que todo mundo delira: “[...] Nesse sentido, com fins, sobretudo irônicos, se pode falar da neurose como um subconjunto da psicose. Isso é o que leva Lacan a dizer: ‘Todo mundo delira’”. (Miller, J-A, 1997/1998, p.101)

Aqui a predominância da neurose como modelo e referência a partir da qual se localiza a psicose cai por terra. Ao contrário, a psicose é que ganhará maior relevo, já que estamos todos loucos. Diante desse ponto em comum, o que se realiza são *suplências*.

Para nós, então, será importante não deixar de levar em conta o que Lacan aborda em seu ultimo ensino com relação ao *sinthoma*, posto que será útil para nos orientar no campo das psicoses a não enxergá-las a partir da ótica deficitária. O conceito da forclusão do Nome-do-Pai não deve servir para estigmatizar o psicótico de forma negativa e fixá-lo em determinada estrutura, tal como nos aponta Maleval (2002):

[...] forclusion é un concepto dinámico, que pone de relieve los recursos creativos del psicótico y abre nuevas posibilidades para el tratamiento, porque destaca las capacidades de estos sujetos para elaborar *suplências*. La falla simbólica que designa no pone más trabas al pensamiento que la represión o la renegación.”¹¹ (Maleval, J, 2002/2000, p. 23)

¹⁰ Grafia introduzida por Lacan no seu *Seminário 23 O Sinthoma* (1975-76) Editora Zahar, 2007.

¹¹ Tradução livre para o espanhol: “[...] forclusão é um conceito dinâmico, que coloca em relevo os recursos criativos dos psicóticos e abrem novas possibilidades para o tratamento, porque destaca as capacidades desses sujeitos para elaborar *suplências*. A falha simbólica que designa não coloca mais travas ao pensamento do que o recalque ou a denegação.”

Fica claro que o mecanismo descrito e inventado por Lacan da forclusão não é melhor nem pior que todos os outros descritos pela psicanálise, que formam nossas subjetividades. Ele apenas delinea uma certa especificidade.

Para concluir essa discussão no campo médico, para além das mutações conceituais do campo lacaniano, uma referência à psiquiatria atual. A nosografia psiquiátrica – em constante mutação com sua série de DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte-Americana de Psiquiatria), atual DSM-V (2013) preconizado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) – mantém importantes diferenças para com a nosografia psicanalítica das estruturas clínicas.

Por exemplo, hoje não mais existe a categoria “psicose”, e são mais presentes categorias como as que configuram os “transtornos” ou “síndromes” (American Psychiatric Association, 2013). Isso ocorre, segundo Quinet (2009), porque: “O ‘invólucro formal do sintoma’ varia segundo a época: a histeria muda de cara, a psicose de vestes, a obsessão de idéias. Essa evolução acompanha o desenvolvimento da ciência: a novos males, novos remédios. Ou será que é o avesso – a novos remédios, pseudo novos males?” (Quinet, 2009, p. 12)

Aqui, Quinet (2009) coloca em questão até que ponto as categorias diagnósticas atuais acabam por inventar novas enfermidades em função das indústrias farmacêuticas. Isso significaria que os novos nomes diagnósticos não significam necessariamente novas enfermidades.

1.9

Nossa hipótese: o ato de escrever implica algum tipo de benefício subjetivo?

Após a pausa para a discussão diagnóstica, voltamos ao nosso norte: qual benefício do empuxo à escrita? Lançaremos mão do filósofo Vilém Flusser, autor alemão que vai nos introduzir acerca do valor incluído no ato da escrita.

Segundo Vilem Flusser (1991), desde a época dos hieróglifos egípcios e os nós indígenas já se utilizavam a grafia ou códigos escritos para escrever e serem lidos. Flusser (1991) em seu livro *Há futuro para a escrita?* afirma que em breve os códigos escritos que compõe nosso alfabeto serão substituídos por novas tecnologias, como discos, filmes, fitas de vídeo. No curso dessa tese, defendida e explicitada por ele, se observa o caráter que a sua definição de escrita assume.

Descrita como um enfileirar de letras, a necessidade de sua atividade seria: “só no gesto de escrever podem expressar sua existência”. (Flusser, V. 1991, p.14)

Essa necessidade é posta em ato a partir da leitura que a precede e que implica, ao mesmo tempo a sua definição de escrita. Usa como exemplo demonstrativo o ato de selecionar e dispor em linhas os grãos do milho por uma galinha. Ela separa os grãos bons dos não bons, selecionando os comestíveis.

Nesse simples concreto exemplo já é incluída a escolha criteriosa que atribui valores distintos às partes divididas. Esse fato é interpretado por Flusser (1991) como solidário a uma leitura – aqui, sinônimo de atribuir valores. Dessa forma, Flusser (1991) situa o próprio escrever como um modo de leitura. Transposto para o alfabeto, sinais gráficos são escolhidos dentre uma porção e dispostos em linhas. Só que, diferente das galinhas, nós lhe damos outra finalidade distinta da comestível.

A galinha que está diante de um monte de grãos para serem lidos/selecionados, que vai escolher criteriosamente somente os bons e armazenar em outro monte os ruins, escreve? Nesse caso, ela é inteligente por, dentre os grãos, escolher os comestíveis de milho, distintos dos de areia. Porém, o fato dela comer os grãos em vez de os dispor em linhas a impede de escrever.

Se faz sempre necessário ter um critério, onde estaria ele e como seria localizado é sua tentativa de demonstrá-lo. Tal critério, que Flusser (1991) chama de “parâmetro”, funciona como regulador ou ponto zero de onde se pode medir, no exemplo da galinhas, se um grão é pequeno ou grande em relação a uma escala. E, em seu desenvolvimento, mais a frente, chega a questionar se haveria um conceito de leitura que operasse sem critérios, tal como se pretende a ciência. A atividade da leitura como aquela que se define por atribuição de valores, nesse caso, precede o escrever.

Por isso, retomamos o que afirmamos no início do presente capítulo: a escritura e a leitura andam juntas e são as duas faces de uma mesma moeda. Toda leitura implica já uma escrita, e vice e versa. A diferença é que aqui essa constatação é explicitada por Flusser, ao definir que o pensamento crítico precede o escrever e fomenta a capacidade crítica.

Se toda escrita pressupõe então um critério (Flusser, V. 1991), ela é análoga à nossa experiência entre a fala e a escrita. Logo, de antemão, antes da escrita, em seu ato pressupõe-se uma escolha, e é quase impossível não pensar que

essa escolha ou critério não teriam algum tipo de funcionalidade estruturante para o sujeito em questão.

Segundo o próprio Flusser (1991), sempre houve outros códigos além do alfabeto – por meio do qual o pensamento se tornava evidente – como, por exemplo, o código da pintura e da matemática. Contudo, o alfabeto foi o código hegemônico durante milhares de anos, e a emancipação da fala do alfabeto produziria outras formas de pensamentos não verbais, como a matemática e a imagética.

Antes da invenção do alfabeto, segundo Flusser (1991), a língua falada era portadora dos “mitos” que traduziam um modelo de experiência, de conhecimento e de comportamento da sociedade. Eles eram transmitidos por homens, os “mitogogos”, cuja tarefa era transmiti-los, principalmente os mais velhos e, por isso, os mais sábios. A passagem do falar para o escrever foi sentida por eles, que inclusive cantavam os mitos – passagem vivida por eles como perda e empobrecimento da língua falada.

Portanto, entende-se que realizamos uma redução da fala no ato de escrever, mas essa redução desempenha importante efeito como consequência desse ato de escrita. Se trata do que foi verificado com o exemplo das galinhas quando ocorre a introdução de valores e critérios no ato de dispor em linhas os grãos.

Tendo essa ideia da atribuição de um valor no ato da escrita, seria, ainda, interessante verificar de que forma e variabilidade pôde se realizar. Existem exemplos, alguns já citados, do campo da prática que nos fazem crer que não basta simplesmente transcrever as letras e frases grafadas do alfabeto para escrever. Faz-se necessário uma deformação da sua forma. Até mesmo essa manipulação da grafia produz efeitos distintos de significações e também na estruturação do sujeito em questão.

Ou seja, vemos benefício nessa atividade da leitura prévia, embutida na escrita pelo fato de não reduzir essa escrita a um grafado de traços ou letras, mas já incluir nisso uma seleção prévia ou escolha. Dessa forma a escrita pode ser tanto um meio para se escoar um testemunho singular de alguém que circula no simbólico, como de quem escreve manipulando e dispondo as letras e palavras a partir dos seus efeitos. Terminamos este capítulo, portanto, com a pergunta: o

benefício do ato de escrever poderia estar ligado ao fato de implicar um critério como condição da escrita?

2

Este capítulo visa demonstrar como Lacan e Freud consideram que o ato de escrita em Schreber teve valor de suplência

2.1

A leitura de Freud do escrito de Schreber: incluir o sujeito no texto

Daniel Paul Schreber foi um famoso paciente analisado por Freud a partir de livro autobiográfico *Memória de um doente dos nervos* (1905)¹². Em seu livro dedicado ao Schreber, *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* (Dementia Paranóides) (1911-1913), Freud revela que ele mesmo nunca o encontrou pessoalmente e somente teve acesso à sua história por meio de seu livro.

O livro escrito por Schreber contém a descrição, com riqueza de detalhes, da experiência psicótica que o atravessou. Esse atravessamento foi intenso e, quando irrompeu, produziu fortes efeitos de reformulação e ruptura com sua vida anterior. Veremos no próximo item, a história pormenorizada desse atravessamento.

Por ora, o que importa é destacar que a originalidade da leitura promovida por Freud desse livro, se deve em parte a ter incluído em sua interpretação o sujeito no texto (Laurent, Éric.1988/1990, p.106). Seguindo Laurent, entendemos por “incluir o sujeito” não um acréscimo de algo que não estava lá, mas sim da materialização do inconsciente, algo da ordem da hiância, um entre dois no texto (*Ibid.*).

O sujeito, na definição de Lacan, está sempre entre dois, entre duas palavras. (Lacan, J. 1969/2008, p.300) Materializar o inconsciente no texto é o

¹² Daqui para frente nos referiremos ao seu livro apenas de forma abreviada: *Memórias*.

que o psicanalista buscaria realizar quando presentifica essa hiância no texto do analisando – essa hiância que aparece sempre intervalar no caso do neurótico.

Porém, ocorre que na psicose o intervalo já é materializado pelo próprio paciente. Por exemplo, no lugar do sujeito estar entre dois significantes, ele se traduz pelo postulado delirante, ou isso se presentifica por meio de um neologismo, como veremos adiante. Isso, então, já ocorre de forma espontânea. Por isso, o psicanalista não precisa materializar o inconsciente no texto, pois ele já está lá. É o que leva Lacan a afirmar que se trata, na loucura, de um inconsciente a céu aberto (Lacan, J. 1955/1985-88, p.75). No caso do psicótico, seu inconsciente já está exposto e, por isso, Freud entende tão facilmente que a construção delirante é homóloga as formações do inconsciente. (Freud, S. 1911-13, p.20)

Esse entendimento freudiano, que é retomado por Lacan, é fundamental para abordarmos tanto a questão das psicoses, quanto a sua escrita. Inclusive porque mais tarde a postura de Freud, que é ressaltada por Lacan, nos traz benefícios enriquecedores na direção da cura desses pacientes:

Freud certamente, não repudiaria que a ele se atribuisse esse texto, se foi no artigo em que o promoveu à categoria de caso que ele declarou não ver indignidade, nem mesmo risco, em se deixar guiar por um texto tão brilhante, mesmo tendo que se expor à censura de estar delirando com o paciente, o que não parece havê-lo comovido.” E mais adiante: “A liberdade que Freud se deu aí foi simplesmente aquela, decisiva em tal matéria, de introduzir o sujeito como tal, o que significa não avaliar o louco em termos de déficit e de dissociação das funções. Já a simples leitura do texto mostra com evidencia que não há nada parecido nesse caso. (Lacan, J. 1966/2003 p.29)

A liberdade com que Freud se deixou fascinar pelo texto de Schreber teve consequências das quais nos beneficiamos até hoje. Essa tomada de posição freudiana nos orienta a que nós também adentremos nesse fabuloso universo. O aceite desse convite implica uma importante definição a respeito do papel do psicanalista:

O psicanalista, à luz de seu conhecimento das psiconeuroses, aborda o assunto com a suspeita de que mesmo estruturas de pensamento tão extraordinárias como estas, e tão afastadas de nossas modalidades comuns

de pensar, derivam todavia, dos mais gerais e compreensíveis impulsos da mente humana; e gostaria de descobrir os motivos de tal transformação, bem como a maneira pela qual ela se realizou. Com este objetivo em vista, desejará aprofundar-se mais nos pormenores do delírio e na história do seu desenvolvimento. (Freud, S. 1911-13, p. 28)

Aqui, o papel do psicanalista, o que ele deve estar engajado consiste em, a partir da imersão nas estruturas extraordinárias, desvendar as causas da etiologia de tal transformação. Para isso, novamente aqui vemos o apelo para a atenção centrada primordialmente aos detalhes e pormenores do delírio.

Essa postura de Freud é condizente com o que afirmamos acima a respeito da inclusão do sujeito no texto. Trata-se de uma postura clínica importante por parte do psicanalista. Como consequência, nos perguntaríamos: “¿De qué manera puede el psicoanalista, entonces, hacer de interlocutor de un sujeto que escribe, si la vía de la interpretación le ha sido cortada?”¹³. (Laurent, E.1988/1990, p.103)

A via da interpretação consiste em introduzir a dimensão do inconsciente no texto, mas como proceder a isso se o inconsciente já está lá, desvelado, a céu aberto? O psicótico interpreta sozinho a sua real experiência quando delira. Se ele trabalha prescindindo do psicanalista, como deve este proceder?

A resposta de Lacan (1955-56): ser o secretário do alienado. Isso não significa tomar nota de tudo o que diz o paciente delirante, mas sim, como já dito, valorizar a materialização do sujeito no texto, tal como o “gênio” de Freud procedeu. (Laurent, E. 1988/1990, p.103) Isso implica se submergir no universo delirante e entender sua lógica interna como uma resposta à experiência devastadora da loucura. O que significa isso?

La introducción, pues, de la categoría “sujeto” por el psicoanalista, conduce en primer término a considerar el texto psicótico como ficción y repartición de goce; y, en segundo término, a hacer valer esta función del texto, no como despliegue de identificaciones sino, hablando

¹³ Tradução livre do espanhol: “De que maneira pode o psicanalista, então, ser o interlocutor de um sujeito que escreve, se a via da interpretação já foi banida?”.

estrictamente, como vaciamento del goce.¹⁴ (Laurent,E. 1988/1990, p.106)

Vamos considerar, então, que além da materialização do sujeito por parte do psicótico através do seu delírio, essa construção simbólica ficcional ainda tem função de distribuir o gozo¹⁵. É o que veremos no item seguinte, de que forma isso ocorre com Schreber.

Essa distribuição promove o esvaziamento do gozo e, com isso, o seu tratamento. Para realizar tal manobra, contamos com o material escrito como aquilo que expressa a estrutura psíquica que se organiza em estrutura de texto. E o que especialmente nos interessa é o valor ou função benéfica que obteve Schreber em seu ato de escrita.

O que chamamos de ato em si da escrita não implica, que quem escreva deva ser um literato ou promover uma criação literária, como veremos no item 2.8, mas sim só o fato de alguém se dispor a realizar a atividade do escrever.

Logo, se a estrutura ficcional da trama delirante é tratamento do gozo, não é à toa que também Lacan (1955-56) em sua formação vai se interessar desde o início pelos transtornos de linguagem. Por isso, ele valoriza e repete, transcrevendo em seu *Seminário 3* (1955-56), o que enuncia Schreber (1905).

O que vem para primeiro plano é toda espécie de perturbação no nível da linguagem. Afirma em 1956: “ A promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos.”. (Lacan, 1956/2003, p.171)

É dessa fonte que Lacan extrai, influenciado por Freud, toda sua fonte de ensino e transmissão do *Seminário 3* (1955-56) dedicado às psicoses. Nele, Lacan investiga as mutações ocorridas a nível da linguagem, que são importantes por terem efeito de sustentação do sujeito. Essa sustentação é primordial para pensar a

¹⁴ Tradução livre do espanhol: “A introdução, então, da categoria ‘sujeito’ pelo psicanalista, conduz em primeiro lugar a considerar o texto psicótico como ficção e repartição de gozo, e em segundo lugar, a fazer valer essa função do texto, não como descolamento de identificações senão, falando estritamente, como forma de esvaziamento de gozo.”

¹⁵ Gozo é conceito lacaniano para dar conta do que Freud formalizou a partir da sua pulsão de morte em “Além do princípio do prazer” (1925-26) Vol. XVIII. Lacan, J Seminário 5: As formações do inconsciente. (1958) Significa pulsão que ameaça a homeostase do principio do prazer. Misto de prazer e dor.

direção da cura na psicose e constitui o que seria a suplência, conceito que abordaremos no item 2.7.

Sem recurso nenhum à suplência, o psicótico é habitado, invadido pela linguagem ou inconsciente de forma aleatória e louca, como bem veremos Schreber testemunhar, no item 2.7. Por isso, Lacan usa a forte expressão “mártir do inconsciente”. (Lacan, J. 1955/1985-88, p.153)

As expressões que aludiremos agora expressam justamente os neologismos parte do universo Schrebiano que viemos comentando. E voltarão a ser citadas no próximo item 2.2:

Com o auxílio do que o Dr. Schreber nos conta nas “Memórias”, temos agora de esforçar-nos por chegar a uma visão mais exata de seus sistemas teológico-psicológico, e devemos expor suas opiniões sobre os *nervos, o estado de beatitude, a hierarquia divina e os atributos de Deus*, em seu nexos delirante [manifesto]. (Freud,S. 1911-13, p.25)

A audaciosa pretensão freudiana da quase reconstituição completa de toda essa “língua fundamental” é o que será nossa bússola na descrição das interpretações associativas desses termos feitas por Freud leitor de Schreber. Isso ocorre nas veredas de toda uma constelação de signos e palavras que vão se repetir ao longo do seu texto e desenhar um mapa.

O objetivo de Freud era se aprofundar nos detalhes e pormenores do delírio, mas também, e sobretudo, descobrir os motivos da transformação ou desencadeamento da loucura nesse caso. O que levou Schreber a enlouquecer é a pergunta de Freud. E qual seria a necessidade de criar um novo vocabulário?

[..] as almas aprendem a língua que é falada pelo próprio Deus, a chamada ‘*língua fundamental*’, um alemão vigoroso, ainda que um tanto antiquado, que se caracteriza especialmente pela grande riqueza em eufemismos. (Schreber, 1905/1984, p. 31) [grifos nossos]

Essa forma singular de linguagem abarca todas as expressões já citadas e que voltaremos a citar, tais como os *vestíbulos dos céu, homens feitos às pressas, pássaros miraculados*. Fazem parte de um novo (neo) vocabulário, feito de neologismos que parecem não ter sido exatamente escolhidos por Schreber. São expressões sempre marcadas pelo autor entre aspas: “São expressões as quais eu nunca teria chegado por mim mesmo, que nunca ouvi de qualquer outro homem de natureza científica, especialmente médica”. (*ibid*, p.31) O vocabulário singular é expressivo das deformações que a língua vai sofrendo em Schreber.

Esses neologismos, presentes ao longo de toda sua trama delirante, são entendidos por Lacan como equivalentes a “chumbos na malha” (Lacan, J 1955-56 p.43). Sua característica seria a de possuir significação irreduzível que não remeta a nenhuma outra e com caráter de reiteração, visto que se repetem ao longo de todo o seu texto. (*ibid*)

Freud investiga a reconstrução desse sistema com a intenção de localizar o seu centro e sua eclosão. De dentro da teia da construção delirante, Freud ficará siderado pela complexidade e quantidade de detalhes ali presentes. Vamos a sua apresentação, a partir de Freud e Lacan.

2.2

O que foi para Freud e Lacan a doença de Schreber

Indo ao livro, antes do prólogo, a tradutora da versão em português, Marilene Carone¹⁶, oferece um interessante histórico da vida e do adoecimento do autor. Esse histórico é consequência da sua compilação e seleção de notícias que remonta a um panorama cronológico da sua vida e doença e é importante que o situemos. Ver esse histórico em Anexo I.

Além da pesquisa biográfica realizada por Marilene Carone, vamos nos levar pela interpretação freudiana do texto de Schreber, por tudo o que podemos nos beneficiar disso, como apontado no item 2.1 acima. Sem deixar, é claro, de

¹⁶ Artigo escrito pela tradutora, que se encontra em anexo I, e está no prólogo do livro de Schreber, chamado: “Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura”. In: *Memórias*, p. 7

referir trechos desse importante livro, tanto os citados por Freud e Lacan, quanto os que nos surgiram na leitura.

O desencadeamento

Daniel Paul Schreber (1905) fez carreira de jurista e, em sua história, situada no anexo I por Marilene Carone, revela que sua primeira crise foi próxima ao momento em que havia recebido uma nomeação a um cargo mais elevado ao que possuía, cargo de Juiz Presidente da Corte de Apelação. (Schreber. 1905/1984, p.44) Em concomitante ocasião, teve um sonho no qual uma ideia ou pensamento lhe passou pela cabeça entre o sonho e a vigília: “a idéia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito”. (*ibid*, p.45)

O período relativo ao surgimento dessa ideia foi considerado por Freud (1911-1913) como o incubador de sua posterior doença. Tal período ocorreu no intervalo entre ter sido nomeado para o novo posto e assunção do cargo e o relato da ideia que se tornará mais tarde o “postulado fundamental”¹⁷ delirante acerca da emasculação:

A causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de libido homossexual; o objeto desta libido foi provavelmente, desde o início, o médico, Fleischig, e suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas. (Freud,S. 1911-13, p.52)

Freud (1911-13) ressalta que o aparecimento dessa fantasia feminina pode ter sido fruto do mecanismo de “transferência” por meio da qual transferiu uma catexia libidinal homossexual para com a pessoa do médico. Essa ideia ou

¹⁷ O “postulado fundamental” é uma expressão cunhada por Lacan (1964/1988) a partir do Clérambault. Retomaremos isso no item 2.3.

impulso libidinal, que não pôde ser contido, deu origem ao conflito considerado de cunho patológico.

A luta defensiva para evitar o impulso libidinal e sua resistência interna por parte do paciente, por razões desconhecidas, tomou a forma de um delírio de perseguição dirigido ao Dr. Fleshsig. O que posteriormente se transformou em seu delírio, sofrendo a substituição da figura do médico por Deus. (*ibid.*)

Nesse ponto, Freud alude a pesquisas recentes que dirigem nossa atenção para um estágio de desenvolvimento da libido entre o “auto-erotismo e o amor objetual”. (Freud, S. 1905, p.147) Faz, aqui também, referência a seu texto: “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, S.1914/1974, p.85), que trata desse tema. Ele descreve nesse texto rapidamente que todo indivíduo após um período inicial de auto-erotismo reúne seus instintos sexuais em direção a um objeto amoroso e daí obtém como resultado a homossexualidade ou heterossexualidade. Porém, diferente do que se imagina após essa escolha ter sido atingida, as tendências homossexuais não são postas de lado ou interrompidas, são simplesmente desviadas de seus objetivos sexuais e aplicadas a novas utilizações. (*ibid.*)

Seguindo a linha freudiana, há dois mecanismos ligados a essa causa: o mecanismo pelo qual o sintoma é formado e o mecanismo pelo qual o recalque não é ocasionado. Nesse sentido, Freud comenta:

A característica mais notável da formação de sintomas é o processo que merece o nome de projeção. Uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. (Freud,S. 1911-13, p.81)

Aqui, Freud descreve que o desejo homossexual que é suprimido, renegado, sofre uma deformação e retorna como percepção externa. Mecanismo que foi chamado por Lacan de *forclusão*, como veremos melhor adiante, no item 2.4.

Sobre esse mecanismo específico das psicoses descrito por Freud, é importante aqui lembrar que, segundo Jean Claude Maleval (2002), o termo

*Werwerfung*¹⁸ usado por Freud para designar exclusão ou rejeição não foi elevado à categoria de conceito técnico. Mas, este termo acabou ganhando status técnico, porque foi muito valorizado por Lacan, que fez uso dele para pensar posteriormente o conceito de foraclusão. Ainda sobre isso, por que Lacan destaca esse específico termo freudiano, em vez de outros, como: rechaço ou renegação? Veremos melhor no item 2.4.

Fruto desse mecanismo forclusivo, teríamos como produto o sintoma paranóico sob a forma de seu delírio de perseguição, no qual Schreber se sente coagido por Deus a se tornar uma mulher. (Schreber, 1905/1984, p.54)

A descrição fenomenológica desse processo presente em seu livro *Memórias* (1905) durante os primeiros anos da sua doença é horripilante. Schreber passa a vivenciar, segundo suas descrições, fenômenos sensórios corpóreos alucinativos, tais como sentir que vive por longos períodos sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, com esôfago rasgado e as costelas despedaçadas (*ibid*, p.49). Essa sensação, parte do seu processo de emasculação, faziam parte de toda uma série de alucinações também verbais, visuais, além das sensoperceptivas, seguidas do seu desencadeamento de caráter aterrador. (*ibid*, p.55)

Descrevia Schreber (*ibid*, p.50) que, após esses dilacerantes períodos, seus órgãos sempre se restauravam por milagres divinos, chamados “raios”. Em alternância a esses fenômenos, quando cessavam um pouco, sua “feminilidade” se tornava proeminente. Nesses momentos, descreve que tem a sensação de que um número enorme de “nervos femininos” já passou para o seu corpo e, a partir dele, uma nova raça de homens originar-se-a através do seu processo direto de fecundação por Deus. Somente depois poderá morrer de morte natural e, juntamente com o resto da humanidade, reconquistará seu estado de beatitude. (*ibid*, p. 54)

Logo nesse momento inicial, antes da elocubração mais consistente acerca do seu postulado delirante, Schreber é forçado a se submeter a esse processo de reinvenção de si, consequência do cataclisma vivenciado por ele:

¹⁸ Termo em alemão que significa em português “rejeição”, “denegação”, “exclusão”.

As almas não são seres humanos, nem essas sombras com as quais ele lida, mas seres humanos mortos com quem ele tem relações particulares, ligadas a toda espécie de sentimentos de transformação corporal, de inclusões, de intrusões, de trocas corporais. [...] Do ponto de vista fenomenológico, e mantendo-se prudente, admirtir-se-á que há aí um estado que pode ser qualificado de crepúsculo do mundo. (Lacan, J. 1956/1985-88, p.127)

Esse crepúsculo do mundo é o cenário de toda a sede dos fenômenos nos quais lida com seres mortos, e que se mantém ligado, mesmo que não queira, fisicamente. Isso lhe provoca alterações e transformações de cunho invasivo e dilacerantes em seu corpo. A entrada no universo sombrio eclipsa todo o seu anterior universo vigente até o momento.

Para passarmos ao próprio subtítulo, é curioso notar, que, em sua biografia feita por Marilene Carone, em dias anteriores de sua doença, Schreber tivera dúvidas quanto aos assuntos religiosos e nunca fora capaz de persuadir-se a ter uma firme crença na existência de um Deus pessoal. Porém, posteriormente é Deus quem, como veremos, assume papel proeminente na sua trama existencial. Ainda que marcado com características completamente adversas e incomuns do Deus compartilhado consensualmente pela religião católica.

Deus, o perseguidor, Fleshsig

O papel de perseguidor é encarnado pela figura do Professor Fleshsig (Schreber. 1905/1984, p. 37) – ao qual, primeiramente, foram dirigidas um tanto de libido homossexual, segundo Freud (1911-13), e que mencionamos no início da descrição do seu desencadeamento.

Mais tarde, essa figura será assumida pelo próprio Deus em sua história como já citado. Ocorre, nesse mesmo período, uma vinculação entre a fantasia de emasculação e a idéia de Redentor, concluindo que naturalmente a consequência

de sua emasculação seria a sua fecundação por raios divinos a fim de que nova raça homens seja criada.

A “alma humana” está contida nos “nervos” dos corpo (*ibid*, p.28). Funcionam, segundo Schreber (1905), como estruturas extremamente delgadas que habitam todo o nosso corpo com inúmeras funções diferenciadas. Algumas são responsáveis apenas pela recepção das percepções sensoriais, enquanto outras executam todas as outras funções da mente. (*ibid.*)

Os homens se compõe de corpos e nervos, enquanto Deus é por sua própria natureza, somente nervos. Estes não são limitados, como o são os dos homens, mas infinitos ou eternos. Em sua capacidade imaginativa, isto é, podendo tornar-se o que quiserem, são reconhecidos como “Raios”. (*ibid*, p.29)

Existe um processo importante descrito por Schreber, que é parte dessa construção: quando um homem morre, seus nervos sofrem um processo de purificação e suas partes espirituais, antes de se reunirem com o próprio Deus, restam em lugares chamados “vestíbulos do Céu”. (*ibid*, p.31) Aqui, notamos mais um termo parte do vocabulário da “língua fundamental”.

Seguindo a descrição empreendida por Schreber, os nervos dos homens logram retornar a Deus, seguindo todo um processo circular de acordo com a Ordem das Coisas (*ibid.*). A ideia desenvolvida por Schreber é de que Deus precisa desses nervos porque, quando cria qualquer coisa, objeto ou pessoa, perde parte desses nervos para as almas humanas. (*ibid.*)

As almas de Deus não mantêm qualquer comunicação, somente após a sua morte ou em situações excepcionais, nas quais entraria em relação com pessoas específicas e/ou altamente dotadas, como foi o caso de Schreber, segundo sua descrição. (*ibid*, p.56)

Essas almas, que passaram pelos “vestíbulos do Céu” e por todo esse processo cíclico de purificação atingem, como chamado por Schreber (1905), um estado de gozo, “estado de beatitude”. Esse estado seria o equivalente ao de uma fruição ininterrupta e contemplação de Deus. Cito: “A natureza dos nervos de Deus é tal que o estado de beatitude [...] se faz acompanhar por uma sensação

muito intensa de voluptuosidade, ainda que não consista exclusivamente nela”. (Freud, S. 1911-13, p. 32)

O Deus que Schreber pinta a imagem aparece como quase semelhança de si próprio, salvo o fato dele não possuir conhecimento algum acerca dos seres humanos, não compreende nada das necessidades humanas, segundo as descrições schrebianas. (Schreber. 1905/1984, p.151)

Como consequência desse mal entendido fundamental entre Deus e o homem, Schreber descreve uma situação em que suas funções excretórias e anais são controladas por ação milagrosa de Deus. Assim como os raios e milagres também interferem nessas funções, concentrando forças para inverter seu impulso natural de defecar ou urinar, justo quando ele se dedica a essas funções de forma natural. (*ibid*, p.154)

Ou seja, esse Deus só conhece as coisas superficialmente, só vê o que vê, toca o que toca, não as conhece em sua profundidade, o que também inclui ele desconhecer as necessidades humanas a nível biológico. Produz, conseqüente a essa característica, mal entendidos, meias-palavras, suas intenções não são claras, em suma, não é nada confiável:

“Esse Deus realiza uma política absolutamente inadmissível, de meias-medidas, meias-implicâncias, e Schreber deixa escapar a esse respeito a palavra *perfidia*.” (Lacan, J. 1955/1985-88, p.150 - grifos nossos)

A citação de Schreber correspondente a essa palavra é a seguinte: “Mas ao mesmo tempo se revela aí toda a perfídia da política que se seguiu com relação a mim”. (Schreber. 1905/1984, p. 154)

Esse Deus bastante peculiar, que não lhe dá garantia de nada e pode enganá-lo é quem Schreber reconhece como seu interlocutor primordial. Faz uso de seu corpo de forma objetual e não conhece nada do que seja bom senso, promove o absurdo. O absurdo da imposição desse estranho Deus sobre Schreber é o que leva, segundo Lacan, a Schreber usar o neologismo “perfidia” para se referir a política ilógica.

Ademais, devido a circunstâncias, sem maiores explicações, os nervos dos homens vivos podem exercer atração poderosa sobre os nervos de Deus e, assim, Deus pode não libertar-se deles, ameaçando suas próprias existências. Essa ocorrência rara aconteceu, segundo Schreber com ele, e o envolveu nos maiores sofrimentos. (Schreber. 1905/1984, p.111)

Toda essa relação com esse notável Deus é descrita de forma bastante rica e ele assume um papel central em seu delírio – o que foi denominado por Lacan (1955-56) como o Outro imaginário, que se manifesta, antes de tudo, por sua presença verbal. (Lacan, J. 1955-56, p. 107)

É um Deus que fala não dizendo nada, mas que fala, no entanto, sem parar. A relação essencial que Schreber mantém com esse interlocutor fundamental possui diferentes dimensões. E o que é mais atroz é que esse Deus pode deixá-lo, abandoná-lo sem mais, nem menos: “deixar jazer” em alemão. (Schreber. 1905/1984, p.76)

A cada vez que ele perde contato com esse Deus, com quem mantém relação dupla, via verbal e por meio de voluptuosidade, se produz toda uma espécie de fenômenos internos de dilaceramento e dor. Fenômenos intoleráveis, quando essa presença de Deus se retira e o deixa ao léu. (*Ibid.*)

A dependência para com esse Deus parece ser determinante para fazer consistir sua própria existência, como veremos mais adiante, mesmo que essa existência seja vivida de uma forma atormentada. É nisso que Schreber se ampara, ainda que de forma precária.

Freud (1911-13) não deixa de dar a devida importância ao sexual nessa relação rara com Deus e, nesse caso, demonstra o quanto o distúrbio nervoso é constantemente pronunciado ao lado de lapsos eróticos. Desenvolvimento melhor demonstrado em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914).

Essa corrente se apoia no depoimento do próprio autor, de que o cultivo da voluptuosidade lhe era incumbido como um dever e que somente pelo dever poderia terminar o grave conflito que irrompera dentro dele.

A voluptuosidade tornara-se “tamente a Deus” e Schreber se lamentava de não poder cultivá-la durante todo o dia. Antes de sua enfermidade, Schreber era um homem, segundo Marilene Carone, de moral estrita. Somente após o severo combate espiritual sua atitude para com o lado erótico da vida mudou (Anexo I).

Entretanto, assim como sua fé em Deus era de caráter peculiar, também a fruição sexual parecia de caráter muito raro. Não era a liberdade sexual de um homem, mas os sentimentos sexuais de uma mulher. Assume atitude feminina para com Deus, sente ser a esposa de Deus. Essa parte é descrita no seu *Memórias* (1905) de forma longa e exaustiva pelo próprio Schreber desde o início da sua enfermidade.

As vozes

Freud (1911-1913) destaca, como já salientado acima, o caráter feminino dos “pássaros miraculados”, que se constituíam como *seres falantes* equivalente às almas humanas que ingressaram em “estado de beatitude”. (Schreber. 1905/1984, p.201) Todo seu texto é perpassado pela descrição dessas escutas alucinatórias em forma de seres que falam com ele, muitas vezes sem que ele queira.

Schreber descreve que o conteúdo de sua fala é formado por palavras aparentemente sem sentido, que escuta ou frases que os pássaros teriam aprendido de cor que se encadeavam por sua similaridade de sons. À esses seres, almas-pássaros, lhe dá nomes de moças. (*ibid*, p.199)

É interessante notar, como já aludimos no item 2.1, o quanto o caráter da “língua fundamental” que interessa a Freud e Lacan, marca uma espécie de esforço de transcrição do contato elementar verbal com Deus, transposto a algum vocabulário que acaba sendo por demais esquisito: “um alemão vigoroso, ainda que um tanto antiquado, que se caracteriza especialmente pela grande riqueza em eufemismos.” (*ibid*. p.31) Essa descrição é ímpar por sua qualidade descritiva muito real.

Parece aqui que a escrita marcada por esse vocabulário excêntrico, tem efeito de dar um tipo de forma e caráter às vozes que o acometem. É o equivalente à expressão lacaniana, já citada no item 2.1, “chumbo na malha”. (Lacan, J. 1956/1985-88, p.43)

Ou seja, seria o entendimento de que a função dos neologismos é criar uma significação que não faz cadeia ou não remete a nenhuma outra – pelo contrário, se repete ao longo de toda sua escrita e tem um peso diferente das demais palavras (*ibid*). São chumbos na malha que produzem certa amarração ou podem funcionar como pontos de basta na malha ou texto. (Lacan, J. 1958/1998, p. 544) Veremos mais a esse respeito no item 2.3 deste capítulo.

Vemos aqui a função da escrita se prestando a ser condensadora de um gozo que aparece desregulado, imposto e avassalador do Outro¹⁹ sobre o sujeito. É por isso, que Lacan (1955-56) se interessa essencialmente pelos distúrbios da linguagem como os aqui citados, neologismos que expressam a consequente desamarração da significação fálica e impele à invenção psicótica. (Miller, J-A. 2003) “[...] sob a pena de Schreber, que é o gozo de Deus ou do Outro [se submeter] com seu ser apassivado que ele mesmo respalda [...]”. (Lacan, J. 1966/2003, p. 221)

Schreber se oferece à esse gozo, o qual seu ser se encontra apassivado frente às vozes que o atropelam e falam sem parar coisas sem sentido. Não será fácil impor uma resposta delirante que seja efetiva para fazer uma barragem ou ponto de basta a esse infinito de gozo/significação vazia que lhe cai na cabeça, e “pensar em nada” se torna um privilégio. (Miller, J-A. 1996)

Nesse ponto, nos perguntamos se a escrita, entendida como o caráter simbólico ficcional presente na trama delirante de Schreber, não poderia servir para essa finalidade. Aqui, ainda não nos perguntamos nem nos referimos ao ato de escrita, que é circunscrito à atividade do escrever, e veremos melhor isso no item 2.8.

¹⁹ O conceito “Outro” já foi antes comentado brevemente no Capítulo 1, nota 3, mas, a título de lembrança, entendemos aqui o Outro como simbólico e, por extensão, como cultura. Para o objeto *a* cf. Vieira, M. A. “Objeto e Nome do Pai” em *Scilicet dos nomes do pai*, AMP, 2005.

2.3

O sistema delirante de Schreber e seu postulado fundamental

[...] Schreber que nos fornece uma obra tão surpreendentemente por seu caráter completo, fechado e acabado. O mundo que ele nos descreve está em conformidade com a concepção que ele alcançou depois do momento do sintoma inexplicado da profunda perturbação, cruel e dolorosa, de sua existência. Segundo essa concepção, que lhe dá aliás um **certo domínio** de sua psicose, ele é o correspondente feminino de Deus. (Lacan, J. 1955/1985-88, p. 93 - grifos nossos)

A assunção pelo paciente do papel de Redentor e sua transformação em mulher é considerada por Freud (1911-1913) e descrita aqui por Lacan (1965/1988) como seu postulado fundamental. Esse postulado é o que viria no lugar do vazio que determinaria o sujeito entre dois significantes como descrito no item 2.1. (Vieira, 2011)

É a concepção que lhe vai conferir um domínio acerca do inexplicado das perturbações, que tinham uma consequência avassaladora, destrutiva e dissolutiva do seu existir. Ser o correspondente feminino de Deus rearranja seu mundo, despedaçado e em frangalhos, e ao mesmo tempo, o encerra em um axioma.

Essa concepção que ele arranja é sua inventiva equação resolutiva pela qual tudo é arranjado e tudo se torna compreensível. Ou melhor, tudo se arranjará para todo mundo, já que ele tem o papel de intermediário entre a humanidade ameaçada e esse poder divino com o qual ele mantém relações tão próprias. (Lacan, J. 1956/1986-88, p.93)

Para Lacan, Schreber é sede de todo um viveiro de fenômenos, o que o inspirou a produzir uma imensa comunicação a respeito disso. Seu livro possui aproximadamente quinhentas páginas, resultado de uma longa construção, que foi para ele a solução de uma aventura interior. (Vieira, M.A, 2007, pp.161-186)

O caráter de axioma de base desse postulado, que inspira toda a escrita desse livro, nos interessa em duplo aspecto. Primeiro pela face escritural do seu

axioma delirante, que é visto quando Schreber o expõe; e em segundo pela própria atividade da escrita que ele empenha em seu testemunho.

O postulado e sua concepção são exaustivamente descritos no livro de Schreber e o fato dele ser fixo e imutável, lhe confere esse caráter definitivo selado pelo seu livro. Veremos como se desdobrou seu postulado, segundo Freud (1911-13) em suas descrições.

Freud explica que, para chegar no Redentor, o delírio sexual de perseguição primário representado pela ideia de ser “emasculado” (transformado em mulher), outrora presente no início como ato de grande injúria, se transformara na mente do paciente em delírio religioso de grandeza. (Freud, S. 1911-13, p.43)

Nesse ponto, são ressaltados por Freud (*ibid.*) dois elementos que considera serem principais em seus delírios: sua transformação em mulher e sua relação favorecida com Deus. E Freud (1911-13) se esforça para demonstrar que existe relação essencial entre esses dois elementos.

Na articulação dos dois estava sua missão que, em sua trama delirante, se baseava, segundo Freud, no fato de que teria sido convocado para a tarefa em caráter de missão de redimir o mundo e restituir a humanidade do seu “estado de beatitude perdida”. (Freud, S. 1911-13, p.27)

Havia sido convocado a tal missão, por inspiração direta de Deus, ou seja, seus nervos em condição de grande excitação teriam atração sobre Deus. (Schreber. 1905/1984, p.238) Porém, essa convocação é dita ser experienciada por Schreber totalmente fora do raio que a experiência humana pudesse alcançar e isso foi revelado somente à ele próprio.

A parte mais essencial e muito destacada por Freud (1911-13) é o fato de sua tarefa redentora ser precedida por sua transformação em mulher:

Não se deve supor que ele deseje ser transformado em mulher; trata-se antes de um ‘dever’ baseado na Ordem das Coisas, ao qual não há possibilidades de fugir, por mais que pessoalmente, preferisse permanecer em sua própria honorável e masculina posição na vida. (Freud, S. 1911-13, p.19)

O dever baseado na Ordem das Coisas, do qual Schreber não pode fugir é o que confere caráter de axioma ao seu postulado delirante, e é a partir dele que ele deve se orientar. Mesmo contra sua vontade ou contra o que antes acreditava, o postulado, que advém de uma ideia contingente, se torna necessário. Contingente porque ocorre uma transformação da ideia que lhe passa a cabeça até tornar-se uma obrigação, baseada na “Ordem das Coisas”. A ressalva é que essa contingência não possui, como já comentado, caráter ou peso de uma ideia sexual banal, mas sim vem carregada com o peso de significar, no contexto de Schreber, algo um tanto quanto enigmático. Essa transformação em mulher se daria por intermédio de milagres divinos e todo esse processo poderia levar muitos anos, até mesmo décadas.

Por outro lado, Schreber se considera o ser mais notável que até hoje viveu sobre a Terra, único objeto sobre o qual os milagres divinos se realizam, segundo suas próprias descrições presentes no livro. (Schreber, 1905/1984, p. 20) Esse fato parece representar a sua graça, ao mesmo tempo que seu padecimento.

A toda hora e a todo minuto, durante anos, experienciava estes milagres em seu corpo e teve-os confirmados pelas vozes que com ele conversavam. É objeto dessa transformação, ao mesmo tempo em que é agraciado por ela e seu agente, ao ter a missão de redimir o mundo.

Essa lógica toda, como ressaltamos, só é possível porque Schreber chega na construção do seu postulado, que nada mais é que uma curta fórmula: ser emasculado para redimir o mundo de sua “beatitude perdida” ou se transformar em mulher para a reconstrução de nova raça. Esse é a fórmula reduzida a uma frase, que tem, impreterivelmente, caráter de escrita. Só resta entender se a atividade do escrever tem alguma especificidade de função nessa história. No próximo item, faremos uma breve imersão teórica inevitável, para fundamentar a questão das psicoses na psicanálise.

2.4

A teoria da Foraclusão do Nome-do-Pai

Não se torna louco quem quer. (Lacan, J. 1955/1988-88, p.27)

Lacan afirma em 1946 pela primeira vez que só enlouquecerá quem para isso possuir alguma predisposição. A noção estrutural da psicose e transtornos de linguagem nesses primeiros momentos presentes no *Seminário 3* (1955-56) e “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58) é muito patente.

Ninguém, segundo relembra Maleval, está a salvo de ter algum episódio de confusão mental e isso em si não bastaria para inferir a existência da estrutura psicótica em todo mundo. (Maleval, 2002, p.70) A perspectiva estrutural, à diferença da nossa psiquiatria contemporânea, não admite a existência de estados efêmeros psicóticos, tal como já foi mencionado no capítulo 1, item 1.8. São observações que corroboram para entendermos a psicose em termos estruturais e menos episódicos ou fenomênicos.

Veremos agora o que constitui a base para esse pensamento descrito por Lacan produto do mecanismo próprio à estrutura das psicoses, denominado a “foraclusão do Nome-do-Pai”. Por exemplo, retornemos ao caso Schreber.

O que é fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela **jamais entrou no sistema de simbolização** – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício [...] O presidente Schreber jamais integrou de forma alguma, tentaremos vê-lo no texto, nenhuma espécie de forma feminina. (Lacan, J. 1955/1985-88, p.102) [grifos nossos]

O desejo homossexual representa, aqui, uma significação enigmática que *jamaís entrou no sistema de simbolização* e, por isso, surge com caráter de ameaçar todo o edifício prévio das significações construído até então pelo sujeito. Essa significação nunca antes se integrou de forma alguma ao edifício e se manteve alheia, ou melhor, excluída.

Esse feito “foraclusivo” ganha existência conceitual famosa por Lacan, a partir da relação de significação que faz com o termo em alemão de Freud, *werwerfung*. O termo em alemão significa justamente o que já foi antecipado no item 1.8 do capítulo 1, próximo ao sentido de exclusão, renegação ou rechaço.

O motivo da escolha desse termo específico, “foraclusão”, não muito corrente língua comum francesa, segundo Maleval (2002), se deve à inspiração retirada dos gramáticos Pichon e Damourette, com a intenção de designar uma das modalidades de negação na língua francesa. Essa modalidade de negação está presente nos dois termos usados na língua francesa para expressar o nosso “não” que são os *ne... pas*. (Maleval, J. 2002, p.63)

A particularidade da língua francesa permite essa dupla existência e Pichon e Damourette irão sinalizar o que cada um respectivamente designa. O primeiro é uma discordância e o segundo, o *pas* seria um termo forclusivo. Posto que está excluído do universo falado ou funcional do locutor, o *pas* difere do *ne*, já que este, por sinalizar uma inadequação do feito ou ser discordancial, antevê uma divisão do sujeito (*ibid.*).

Segundo Maleval (2002), só após um ano e meio da introdução do termo “foraclusão”, Lacan vai chamar a atenção sobre a distinção que lhe interessou, feita por Pichon e Damourette, entre o forclusivo e discordancial (Maleval, J, 2002, p.62). Será o interesse de Lacan, especialmente no registro discordancial da negação expressa pelo *ne* e do forclusivo pelo *pas* na língua francesa, que vai levá-lo a se ocupar dos estudos de Pichon e Damourette.

O foraclusivo é o que aqui mais vai nos interessar, pelo fato de que esse pequeno termo, o *ne* em uma frase, prévio a uma palavra, significa algum feito que o locutor não considera que façam parte da realidade. (Maleval, J, 2002, p.64) Homólogo à forma feminina descrita por Lacan, presente no caso de Schreber,

que também se presentifica da mesma forma, obtendo o mesmo efeito. (Lacan, J. 1955/1985-88, p. 93)

Entretanto, em termos conceituais teóricos, é importante salientar que Maleval (2002) afirma que o conceito da “foraclusão” não teria sofrido nenhuma alteração em seu desenvolvimento sem Pichon e Damourette. Isso porque deve sua dedução inteiramente à investigação de Lacan feita dos textos de Freud e Schreber, orientado pela dialética hegeliana, pela linguística estrutural e pelos primeiros trabalhos de Levi-Strauss. A associação ao termo foraclusão é então, fruto da investigação de Lacan, que o formula em relação especialmente ao Nome do Pai. Indicaremos brevemente, o que veremos melhor no item seguinte, 2.5, que o Nome do Pai é o que no simbólico encarna a lei. (Deffieux. 2007, p.373)

Derivado daí, provém a inspiração da conotação jurídica do termo foraclusão, que permite traduzir a *werwerfung* freudiana da lei do lado da recusa. Essa recusa, no vocabulário jurídico significa a privação de uma faculdade ou direito que por não terem sido executados no tempo devido se tornaram obsoletos. O que inclui a famosa, já citada idéia do rechaço como desconformidade com as disposições legais da lei. (Maleval, J, 2002, p. 66)

A ideia da foraclusão de um significante primordial, usada para dar conta do que ocorre no campo das psicoses é muito conhecida. Lacan a desenvolve em todo *Seminário 3* (1955-56) e também em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. (1957-58)

Orientados por Maleval (2002) nessa leitura, entendemos que ocorre uma rejeição fundamental do universo simbólico daquele sujeito, como é o caso de Schreber, que tem como consequência um significante foracluído. Ou seja, o significante foracluído não é integrado no inconsciente, fruto do recalque, e assim retorna, como já dito antes, desde o exterior sob a forma de um fenômeno elementar. Sob a forma de um significante avulso, destacado da cadeia significante.

Nesse momento da descrição do mecanismo da foraclusão referente à um significante, Maleval (2002) relembra que essa indicação foi a princípio entendida por Leclaire (1958) como a foraclusão de um significante qualquer, o que

colocaria o caso de Schreber como particular no que se refere especialmente ao Pai. “No ve que la expulsión a lo real de significantes cualesquiera sólo se produce bajo la dependencia de la forclusión del Nombre del Padre”²⁰. (Maleval, 2002, p.69)

Fica explícito, a partir dessa afirmação que a forclusão se deve, em suma, ao significante do Nome-do-Pai e não a um qualquer. Lacan o afirma e esclarece em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. (1957-58, p.513-564)

Nesse ponto, é fundamental sublinhar a importância do significante primordial ou de uma rejeição primária ter ocorrido. E fica claro, que o mecanismo de forclusão não pode ser pensado dissociado da importância do significante do Nome-do-Pai.

Veremos com Maleval (2002) que, mais adiante no ensino de Lacan, próximo aos anos 80, vai se colocar uma ênfase no plano da prática analítica com psicóticos. A orientação passa a se basear numa moderação do gozo, que promova a construção de suplências, termo que abordaremos no item 2.7. Assim, Miller passa a afirmar também que o sintoma deixará de ser algo disfuncional para passar a ser visto como uma modalidade de gozo. (Miller, J-A. 2011, p.27)

A consequência teórica, segundo Maleval (2002), é uma ênfase na pluralização do Nome-do-Pai em decorrência da sua primazia operante nos anos 50. Como fazer para articular o gozo e sentido já não tendo a significação fálica como único caminho? Teremos, decorrente disso, essa significação fálica figurando como um dentre outros caminhos possíveis. A lei interna a cada sujeito é o que determinará seu arranjo nessa articulação na qual ele se encontrará com seu *sinthoma* – grafia introduzida por Lacan em seu *Seminário 23*. (Lacan, J. 1975-56/2007, p.11)

Não adentraremos nas consequências do chamado último ensino de Lacan, mas iremos usá-lo como referência para não estigmatizar a loucura, já que tendemos a pensá-lo como um déficit correlacionado a ausência da significação

²⁰ Tradução livro do espanhol: “ Não vê que a expulsão ao real de significantes quaisquer só se produz sob a dependência da forclusão do Nome-do-Pai.” (Maleval, J. 2002, p.69).

fálica. Ainda mais porque, mesmo a lógica lacaniana estrutural nos leva a crer que todos nós somos submetidos a linguagem e somos, como vimos no item 1.2 do capítulo 1, enfiados em sua engrenagem. No recalque, que dá origem ao inconsciente e a partir do qual tem-se a experiência do retorno do recalado, temos um sujeito barrado submetido e limitado por certas leis internas à sua neurose, explicitada através das suas formações do inconsciente.

Na psicose não é diferente, já que a falha simbólica presentificada pela forclusão não acarreta mais ou menos limitações ao sujeito que é produto dela, que o presente nos mecanismos de recalque. (Maleval, J. 2002, p. 71)

O uso do conceito de forclusão continua nos trazendo benefício, se pensarmos em sua importância ainda hoje, no sentido de seu dinamismo e ênfase em aspectos e manobras inerentes do psicótico para se reinventar frente às consequências dessa especificidade. (*ibid.*)

Vamos, por ora, continuar na teoria para irmos rumo ao Nome-do-Pai.

2.5

A teoria do Nome-do-Pai

Para Lacan, a linguagem é submetida ao aparelho regulador do Nome-do-Pai do Édipo. Esse significante colocaria ordem na linguagem, inscrevendo o sujeito na lei simbólica, tal como já comentávamos da imersão do sujeito no simbólico, no capítulo 1. (Deffieux, J-P, 2007)

O simbólico, já referido aqui algumas vezes, será utilizado por Jacques Lacan em seu *Seminário 3* (1955-56) equivalente à estrutura, ao inconsciente e à linguagem. O acesso de Lacan a tais noções veio da visada estruturalista com Levi Strauss, tendo a linguística, como modelo estrutural de Saussure, e a antropologia ampliando o caminho de acesso a esse novo método na década de 50. (*ibid.*)

O que é um pai para a psicanálise? É menos um pai de carne e osso e mais uma redução de sua figura à uma função encarnada pelo seu sobrenome, por isso o

nome é ressaltado, uma redução a um significante ou traço. Seria um traço tal como, por exemplo, um nome próprio, que não se presta a nenhuma tradução ou significação, sendo apenas um registro no campo simbólico. (*ibid.*)

Esse registro é reduzido para esvaziar a conotação imaginária e fazer ressaltar o nível funcional ou relacional desse significante. (Deffieux, J. 2007) A imagem tem o efeito de afastar-se do que a constitui enquanto tal, e “parece dotada de existência autônoma”. (Maleval, J. 2002, p.75) A imagem, facilmente compreendida dessa maneira, se revela uma armadilha para apreendermos a dimensão do significante.

Esse pai é pensado assim por Lacan (1953) sob a influência de Levi-Strauss em contraponto, como já mencionado, à preponderância da “imago paterna”. Ademais, Lacan demonstra que o pai real na nossa cultura revela sempre ao encarnar a função paterna estar aquém desta, sempre aparece como carente, humilhado, discordante. (Lacan, J. 1979, p.17-18) “Cuando la primacia de las imagos es superada por la del lenguaje, la función paterna necesita ser reconsiderada: detrás de la imagen se revela la presencia de un significante.”²¹ (Maleval, J. 2002, p.74)

Importa aqui menos a pessoa do pai e mais, como já dito, a prevalência da sua função ou o significante que o sustente. Já que a instância do significante é anti-essencialista, não admite ser pensada como possuidora de uma essência ou substância, seu sentido será obtido como produto das relações entre eles.

Para tal (1953/2008), “O mito individual do neurótico”, assim como (1953/1998) “Função e campo da palavra e da linguagem” são os consagrados textos nos quais Lacan desenvolverá o conceito do Nome-do-Pai.

O Nome-do-Pai nasceu na psicanálise, mas tem sua figura na religião e tradição. (Deffieux, J. 2007) Inicialmente, segundo nos remonta Maleval (2002), a conotação religiosa ligada a nomeação desse conceito tem a intenção de assinalar a universalidade dessa função para todo ser falante e também remete ao ato de fé intrínseco a palavra que nomeia o pai e o autentica. Busca ordenar todo um

²¹ Tradução livre do espanhol: “ Quando a primazia da imago é superada pela linguagem, a função paterna precisa ser reconsiderada: atrás da imagem se revela a presença de um significante.”

universo de sentido, sob o qual o ser falante instaura os vínculos entre o significante e o significado.

Lacan o trata como operador simbólico cuja principal função seria metaforizar o gozo da mãe na metáfora paterna no contexto do Édipo – Édipo entendido como “correlativo de uma estrutura social”. (Lacan, J. 1952/2008, p.13)

A ideia seria substituir o pai da primeira identificação, o pai real da realidade à um traço, um nome-do-pai, por exemplo um sobrenome que inclui na linhagem da família. É um conceito que inclusive nos permite pensar em termos dos efeitos inconscientes da função paterna e as ações que o sujeito sustenta com a imagem e as pessoas que o encarnam. (Lacan, J.1953/1998 p.267)

Por isso, o significante que tem especial interesse para nós é o que sustenta a função paterna, o que é entendido por Freud como o ponto principal que pode garantir o apoio ao sujeito. (Maleval, J. 2002, p. 74) Apoio no sentido de se prestar a ser o “ponto de basta” descrito por Lacan nessa analogia, como o que mantém unido no colchão a parte de cima e a inferior, como um “botão” que pudesse grampear essas partes. É o que tem efeito de produzir sentido de forma retroativa ao se terminar uma frase, graças à última palavra da frase. (Lacan, J. 1957-58, p.543)

O anodamento dessas partes heterogêneas se sustenta pela ordem simbólica ou o “anel” que faz com que mãe, falo e criança permaneçam ligados (Lacan, J. 1955/1998, p. 454). Por tudo isso, a função paterna é fundamental para o ser falante, segundo o que nos lembra Maleval (2002). Além de instaurar, como reflexo disso, a Lei e a proibição ao mesmo tempo, a outra cara da moeda seria o desejo e um sujeito dividido.

O texto freudiano “Totem e Tabu” (1912) faz referência à um mito que dá conta de explicar o que estaria na origem da criação da lei do desejo, em termos significantes e do sentimento de culpa. O dito mito restaura a existência inicial de uma horda primeva dominada por um pai violento, que fica com todas as mulheres e as torna interditada aos filhos. Até que um dia, os filhos se juntam para matá-lo, colocando fim a essa forma de vida na horda primeva. (Freud, S. 1912-13/1996, p.37)

Diferente do que se pensaria, a supressão do pai dá força à um forte sentimento de culpa, onde o morto parece haver ganho mais força do que quando estava vivo. O que antes era proibido pelo pai vivo, os próprios filhos se impõe como restrição característica de uma condição psíquica que a psicanálise bem conhece. A lei do desejo se articularia em torno de uma transmissão de culpabilidade originária relacionada ao assassinato primordial do pai. Para a psicanálise, trata-se de um importante mito, posto que ele concede uma forma épica à uma estrutura do inconsciente. (Maleval, J. 2002, p.77)

O próprio Nome-do-Pai como função vai nessa mesma direção, na tentativa de formalização do inconsciente inspirado nas “As estruturas elementares do parentesco” (Levi Strauss, C.1908/1982, p.562-563). Nesse caso, não é preciso matar ninguém, já que o próprio significante se encarrega disso. Para o inconsciente, aquele que instaura a lei já está previamente morto, a voz que o enuncia já está separada do “Nome”, ao qual sua herança é transmitida. Coisa que ocorre de modo bastante distinto em Schreber. (Maleval, J. 2002, p. 78)

No caso de Schreber, a figura do pai e de Deus seria muito diferente da do pai do mito freudiano de “Totem e Tabu” (1912). Se trata de um Deus bastante peculiar, com quem Schreber mantém intensa relação de “voluptuosidade”. Um Deus só “nervos”, de quem possui relação de extrema dependência. É o oposto do que seria um Nome que faz referência ao Pai em termos significantes e funcionaria como “ponto de basta” ou metáfora do gozo paterno. Ao contrário, em Schreber o pai funciona como um pai vivo. É o que Schreber testemunha ao se sentir invadido por esse gozo, sem ponto de basta que o introduz, segundo Laurent (1988/1990, p.104), não em uma dialética, mas sim em uma alternância de presença e ausência, tão reais uma quanto a outra.

Assim, o pai aqui não foi morto pelo significante, que, como consequência, negativizaria essa ausência ou presença: “o verdadeiro pai, o pai simbólico, é o pai morto”. (Lacan, J. 1956/1998, p.472) Se atrelamos aqui o mito freudiano ao Nome-do-Pai, tal como proposto por Maleval (2002), teríamos a confirmação de que o Pai de Schreber é um pai vivo.

Sua fala, inclusive é tão preta de voluptuosidade que a linguagem se deforma na ausência da significação fálica, como uma tentativa de cercear essa

presença. Aqui, o gozo do pai parece não ser sacrificado, nem negativizado em prol da instauração da Lei, como preconiza o mito.

Essa figura do pai em Schreber, segundo Freud (1911-13, p. 86), se desloca e é representada primeiro pelo Dr. Fleshsig, posteriormente por Deus. E Lacan afirma em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58) que essa figura do pai estaria em lugar de suprir o vazio vislumbrado pela *Verwerfung*²² inaugural. (Lacan, J. 1957-58/1998, p. 588)

Ou seja, na ausência da instauração da função do pai simbólico está o pai em sua versão delirante. Aqui, se desvela o ponto em que Lacan denomina que, para haver nome do pai, se necessita um ato de fé. Um ato de fé sobre a palavra que nomeia o pai e o autentica. (Lacan, J. 1969/2008, p. 135)

A tese essencial é de que intrínseco à esse ato de fé, para Schreber faltaria o significante masculino primordial e, com isso, a função de ponto de amarração dada pelo Pai. Diante disso, o delírio se apresenta como solução que, nesse caso, é precária e não deixa de proteger o sujeito de todos os efeitos mortificantes decorrentes da presença *real*²³ desse Deus.

Porém, mesmo precário, poderíamos pensar que o “Deus” de Schreber teria função de metáfora delirante em substituição ao nome-do-pai, para dar conta do vazio deixado pela falha do recalque originária? E, dessa forma, efetuar um valor próximo a uma “suplência”?

²² A título de lembrança, o termo em alemão que significa em português “rejeição”, “denegação”, “exclusão”.

²³ Esse famoso conceito de “real” inventado por Lacan designa sentido próximo ao de gozo usado na citação de Laurent, Eric. (1988/1990, p.106) E, também inspirado no “isso” freudiano. Cf. verbete presente em Vieira, M. (2008) p. 172.

2.6

A metáfora delirante como suplência

A nomenclatura que adiciona “metáfora” para designar à função paterna, já exposta no item anterior, a realiza com a intenção de anodar o Nome-do-Pai e o falo mediante a influência de trabalhos no âmbito lingüista de Jakobson sobre as afasias. (Maleval, 2002, p.81)

É no *Seminário 4* (1956-57) que Lacan expõe a montagem referente à “metáfora paterna”. A metáfora se refere ao efeito decorrente do complexo de Édipo, ou seja, a “metáfora paterna” é uma formalização deste e a redução de seus princípios a um processo de metaforização. (*ibid.*)

Maleval (2002) aponta que, de forma idêntica ao significante do Nome-do-Pai, a metáfora paterna supre: “o lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe”. (Lacan, J. 1957-58/1998, p. 563)

A ausência da mãe é então, metaforizada pela função paterna, garantindo por meio da metáfora a instauração do significante do Nome-do-Pai. Isso se entendermos a metáfora em seu sentido usado nesse momento por Lacan, de ser a substituição de um significante por outro, gerando um sentido novo. (Maleval, J. 2002, p.82)

Nesse caso, o significante da ausência da mãe ou desejo da mãe é substituído pelo significante do Nome-do-Pai. Ou ainda, o pai morto tal, como vimos em “Totem e Tabu” (1912), nada mais é do que substituído, por meio da metáfora expressa pelo significante do Nome-do-Pai e, graças a ele, se instaura um ponto de basta e garante à significação da experiência. (Maleval, J. 2002, p.84) Lacan inclusive concebe a “metáfora paterna” como algo no âmbito da práxis que é da ordem para o sujeito de uma experiência metafórica. (Lacan, J. J 1957-58, p. 563) Essa experiência metafórica é produto da *suplência* realizada pela metáfora paterna ao vazio deixado pela ausência da mãe. Mencionamos aqui o termo *suplência*, que designa, por ora rapidamente, um artifício usado para metaforizar a ausência da mãe.

O conceito de suplência, como veremos no item seguinte 2.7 foi forjado por Lacan e tem ligação por estrutura com o Nome-do-Pai, aliança datada de determinado momento do ensino de Lacan.(Deffieux, J. 2007, p. 374) Justamente pelo que acabamos de afirmar, já que o significante do Nome-do-Pai funciona como suplente do lugar vazio deixado pela mãe no Édipo. (*ibid.*)

Na ausência do significante rechaçado do Outro, conseqüente da forclusão, o sujeito no campo da linguagem não pode recorrer ao recurso do significante da lei do Nome-do-Pai para metaforizar sua experiência e poder ordená-la (*ibid.*). É o que expressa o Outro com letra maiúscula, formado pelo conjunto de significantes que inclui o Outro da lei representado pelo Nome-do-Pai. Nesse caso, ele é representado da seguinte maneira por Lacan: “[...] o Outro dos astros, ou se vocês quiserem o sistema estável do mundo, do objeto [...] não é um sistema do mundo, é um sistema de referência de nossa experiência.” (Lacan, J. 1955-56/1985-88, p. 90)

Esse Outro é o que não engana é o Outro que se estabiliza pela metáfora paterna e mantém o universo de experiência do sujeito ordenado. O que queremos agregar com a “metáfora delirante” é sua semelhança à ordem paterna. Porém, no lugar do pai, há uma certeza delirante. (Lacan, J. 1957-58/1998, p.562)

A suplência relativa à “metáfora delirante” seria a mesma que a função paterna promove, como seria isso? E poderíamos dizer que ela se aproxima da escrita? Não temos como responder isso agora, mas voltaremos à abordagem desse tema mais adiante, no item 2.8.

O sintoma na psicose, que é marcado pela carência do efeito metafórico que vimos da metáfora paterna, faz com que o significante apareça fora da cadeia, como é o caso da fenomenologia dos neologismos ou falas impostas. Daí vem a tentativa de cura por parte do sujeito na psicose por meio da metáfora delirante, produzindo um delírio com valor de metáfora e ponto de basta. (*ibid.*)

É importante lembrar aqui que essa seria a tentativa de suplência pela metáfora delirante e o que veremos no item seguinte 2.7 é que essa abordagem se inverte e a psicose passa, a partir do *Seminário 22* (1974-75) a fornecer o modelo do núcleo real do sintoma. (Deffieux, J. 2007, p.375)

Agora, seguindo com Freud (1911-13) vemos que a tentativa de tratamento delirante por parte de Schreber é comentada por Freud e aponta para o que pode ter sido o promotor de seu restabelecimento:

Pode-se suspeitar, contudo, que aquilo que capacitou Schreber a reconciliar-se com sua fantasia homossexual, e possibilitou à sua moléstia terminar em algo que se aproxima de um restabelecimento, pode ter sido o fato de que seu **complexo paterno**, achava-se, principalmente, afinado de maneira positiva[..] (Freud, S. 1911-13, p.95 - grifos nossos)

Não sabemos exatamente ao que ele se refere quando aponta que seu complexo paterno se mantinha afinado, mas podemos supor que sua suplência seria pela função paterna. Sendo assim, Freud reconhece a importância de Schreber haver feito uma espécie de reconciliação com esse Deus vivo, que lhe fala por meio das alucinações. E ainda, ter escrito um livro com toda uma construção delirante complexa, fruto dessa relação como resposta da sua vivência interior e fruto da sua estabilização.

Lacan afirma:

Pois bem, analisando a estrutura do delírio de Schreber no momento em que ele se estabilizou num sistema que liga o eu do sujeito e esse outro imaginário, esse estranho Deus que não compreende nada, que não responde, que engana o sujeito, soubemos reconhecer que há, na psicose, exclusão do Outro onde o ser se realiza na confissão da fala. (Lacan, J. 1955-56/1985-88, p.186)

Nesse trecho, Lacan afirma que esse Deus vivo efetivou a função de um outro imaginário, no qual o eu do sujeito pudesse se organizar e não ser tão invadido pela sua presença verbal. Ao mesmo tempo que há a exclusão do Outro simbólico ordenador, com essa exclusão o ser de Schreber se organiza na confissão da fala. Poderíamos especular o que significa essa confissão, nesse contexto ela parece estar do lado de uma necessidade de sentido da fala sem ponto de basta, conseqüente da exclusão da garantia dada pelo Outro simbólico.

E do lado do outro imaginário, com quem se relaciona Schreber, poderíamos dizer de uma suplência pela imagem desse Deus? Ele não é confiável e não está em posição de garantia para esse sujeito, mas se estabelece do mesmo jeito, qual seria sua vontade e qual papel e relação que assume para com ele em relação à sua missão para com o mundo? Ou melhor, a sua missão do mundo definida a partir da relação que trava com esse Deus acaba por lhe construir uma “metáfora delirante”. No lugar da significação fálica que dá sentido para o sem sentido, há uma certeza de que ele é a mulher de Deus.

Ele sabe o que o Outro quer dele a partir dessa formulação. Diante do enigma do desejo do Outro avassalador, que é vivido como toda uma série de fenômenos fora de qualquer estrutura, Schreber responde concedendo à essa invasão e dando-lhe um sentido: serei a mulher de Deus.

2.7

A teoria lacaniana da suplência

Antes de definirmos a suplência em Lacan em detrimento de uma estabilização, convém nos determos por um entendimento do senso comum que se faz presente no campo da saúde mental. O termo “estabilização”²⁴ é comumente usado no sentido de um apaziguamento do quadro inicial agudo de crise ou desencadeamento.

Esse sentido não é exatamente sinônimo do conceito de suplência, como veremos adiante. A suplência pode ter como efeito um apaziguamento, mas não se resume a ele, o exemplo paradigmático dessa observação será o do escritor irlandês James Joyce, que veremos no capítulo 3.

²⁴ Gostaria aqui de referenciar a contribuição ao tema da estabilização no exame da qualificação por parte do Prof. Guilherme Gutman. E também de igual contribuição, o Seminário Invenções, realizado na EBP seção Rio, no dia 6 de novembro outubro de 2008. Com a participação de Guilherme Gutman e Ram Mandhil. Transcrição de Leandro Reis.

Segundo Deffieux (2007), o verbo *suppléer* inicialmente foi um verbo transitivo em francês e tornou-se intransitivo, e se refere sempre a suprir alguma falta: um suplente é alguém que ocupa o lugar deixado vazio (La Sagna, C. 2007). Esse verbo apareceu pela primeira vez em Lacan, segundo Deffieux (2007), em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-1958/1998), indissociado à forclusão do Nome-do-Pai, em compensação do vazio da forclusão paterna na psicose em Schreber.

Nesse momento, a psicose é pensada como deficitária com relação à significação fálica e a suplência do Nome-do-Pai viria suprir essa carência. É o que comenta Deffieux nesse primeiro momento: “Suplência e déficit são, portanto, aqui indissociáveis. Como a neurose se configura como privilegiada, não referida a um déficit, não pede suplência”. (Deffieux, 2007, p. 373)

Em consequência disso, como marca o autor, vemos como uma ruptura ou desencadeamento pode ocorrer justamente quando a suplência que funcionava como uma sutura deixa ou pára de funcionar.

Entretanto, Lacan, nos anos 1970, vai reduzir a prevalência da função paterna na psicanálise lacaniana a partir da introdução dos nós borromeanos. Assim, o termo suplência “ligado à forclusão do Nome-do-Pai do Édipo torna-se um termo datado” (*ibid*, p. 374). Tal noção, entretanto, ganha vida especialmente a partir do *Seminário 23*. (1975-76/2007)

O significante do Nome-do-Pai passa a ser considerado também uma suplência e não somente a sua alternativa. É visto, segundo Deffieux (2007) como um Nome, traço unário no lugar de um vazio de significação ou sentido. Nesse sentido, a suplência se dissocia um pouco do Nome-do-Pai como função paterna e os aproxima mais como nomeação. Os *Seminário 22* (1974-75) e *Seminário 23* (1975-76/2007) permitem aproximar suplência e nomeação. Nomear seria fazer suplência, enlaçar, dar um nome. Sem ser obrigatório que essa nomeação seja conjugada com um furo no simbólico, tal como seria o efeito do Nome-do-Pai.

O enlace dos aros do nó borromeano passa a ser o correlativo da suplência e corresponde a enodar os três aros do nó borromeano que é composto pelo

imaginário, simbólico e real. (Miller, J-A. 2002, p. 10) São três elementos heterogêneos e somente seu enlace sintomático lhes conferiria substância. Aqui, o Nome-do-Pai se torna apenas uma dentre outras formas de amarração desses três registros. Abordaremos melhor essa perspectiva dos nós e do conceito do sinthoma no capítulo 3, item 3.5.

Entretanto a suplência efetuada por Schreber destacada por Lacan, no momento do *Seminário 3* (1955-56) confere relevo à construção de um Deus imaginário especular. Esse Deus se relaciona com ele em diferentes níveis. Seria o que Lacan considerou nesse tempo como a cura de Schreber por meio da suplência do simbólico pelo imaginário.

[...] o mecanismo essencial da redução do Outro, do grande Outro, do Outro como sede da fala, ao outro imaginário. É uma *suplência* do simbólico pelo imaginário. Com isso, vocês apreenderam como podemos conceber o efeito de total estranheza do real que se produz nos momentos de ruptura desse diálogo do delírio [...] (Lacan, 1957/1998, p. 14 – grifos nossos)

Essa suplência imaginária, apesar de ser uma possível solução, se revela precária e limitada, uma vez que esse Deus não é confiável, segundo a descrição do próprio Schreber, como já citado no item 2.2.

Esse Deus realiza uma política duvidosa e, a cada vez que ele perde contato com ele, se produz toda uma série de fenômenos de dilaceramento e dor intoleráveis que o deixam ao léu. Por isso, esse diálogo que sustenta e dá unidade à esse Deus precisa ser continuamente alimentado. Caso contrário, na ruptura desse diálogo, como nos apontou Lacan (1957) acima, se produzem efeitos de estranheza com o real.

Partindo desse pivô do grande Outro ao outro imaginário, verifica-se toda uma grande quantidade de neologismos em seu sistema de linguagem que funcionam de mediação para traduzir a voz de Deus. Ele mesmo sublinha a originalidade dos termos que lhe insurgiam no seu discurso, tal como já citado no item 2.1. Como, por exemplo, quando ele nos fala dos *Nervenhang* [em alemão], que Lacan traduz por “adjunção dos nervos” (Lacan, J. 1955-56/1985-

88, p. 69), e sabe distinguir exatamente essa palavra que lhe veio imposta de outras. Por exemplo, tal termo, Schreber precisa que lhe foi dito à ele pelas almas examinadas ou pelos raios divinos. (Schreber. 1905/1984, p. 28)

Essas palavras-chaves são o exemplo de que algo se escreve por meio dos significantes modificados, criados artesanalmente quase para dar conta de amarrarem o real que o assalta e que provém desse Deus.

“Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal.” (Lacan, J. 1955-56/1985-88 , p. 44)

Essa forma, que a significação toma para que não remeta a mais nenhuma outra, pode aparecer como uma fórmula que se repete reiteradamente com uma insistência estereotipada vazia, e outra mais cheia de significação, como essa que seriam os neologismos. Essa última funciona, segundo Lacan, como uma espécie de “chumbo na malha” (*ibid.*) na rede do discurso do indivíduo, tal como já comentamos no item 2.1 deste capítulo. Essa é a coisa que o Schreber testemunha e que tomou a forma da palavra falada, lhe fala. É a respeito desse ser que lhe fala que o paranóico, no caso Schreber, traz seu testemunho por meio da sua escrita do livro.

Os chumbos na malha, ritornelos e/ou o Deus imaginário descritos e escritos por Schreber parecem ser a tentativa de suprir o vazio estrutural deixado pela falta de furo nesse mar, enxame de imposição de fala, presença que se transforma em significações loucas.

São palavras que se distorcem ou se deformam em consequência da ausência de ponto de basta e da significação fálica que ordene ou limite as estruturas fonética de cada unidade de palavra. Ao contrário, elas são metaforizadas para fazer caber a presença maciça imposta ao sujeito. Tentativas de traduzir essa presença da fala do Deus vivo, por exemplo.

2.8

A escrita de Schereber teria função de suplência?

As produções discursivas que caracterizam o registro das paranóias desenvolvem-se com toda a força aliás, a maior parte do tempo, em produções literárias, no sentido em que **literárias** quer dizer simplesmente **folhas de papel cobertas com escrita**. Esse fato advoga, observem-no em favor da manutenção de uma certa **unidade** entre os delírios [...] (Lacan, J. 1956/1985-88, p. 93 - grifos nossos)

O tema deste presente subitem nos é de suma importância, por associar o tema da escrita com a suplência, a partir do que nos possa ter dito Lacan.

Neste parágrafo, Lacan define as produções literárias dos pacientes como cobrir folhas de papel com escrita. Tomaremos isso como, basta o ato de escrever, não é produção de literatura. Logo, não estamos em primeiro lugar falando da grande literatura e sim do ato de escrever. Quando Lacan aqui se refere a “literárias” entenderemos encher folhas em branco de escrita e não a produção de uma obra literária.

Isso o psicótico sabe fazer, e faz isso, não no sentido do escritor, do poeta e sim do escrevinhador. Por isso quando Lacan aqui fala em escritor, temos que entender escrevinhador. E quando ele fala do poeta, entenderemos que seja no sentido de um literato.

Essa diferenciação é fundamental, pois quando Lacan afirma que o paranóico escreve para se objetivar como sujeito, tal como vimos no item 2.1, ou seja, materializar uma certa unidade do delírio é diferente do literato que escreve para criar um mundo, ou fazer poesia.

Sobre isso, Lacan afirma:

Nós poderíamos resumir a posição em que estamos em relação ao seu discurso quando tomamos conhecimento disso, dizendo que, se ele é com certeza um escritor, **não é um poeta**. Schreber não nos introduz numa dimensão nova da experiência. Há poesia toda vez que um escrito nos introduz em um mundo diferente do nosso [...] A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo. [...] (Lacan, J. 1956/1985-88, p.94 - grifos nossos)

O poeta subverteria o simbólico, a partir do material que está prévio no Outro, para produzir novas relações, efeitos, novas perspectivas sobre determinada experiência. O poeta se reinventa, o psicótico quer se objetivar. Schreber não se reinventa, ele já é, ele escreve para testemunhar o que ele é em seu delírio. O que motiva um e outro a escrever é de ordem diferente. Do lado de Schreber, há uma escrita ou transcrição do delírio que é testemunhal.

Digamos que o longo discurso pelo qual Schreber nos dá testemunho do que ele se decidiu afinal admitir como solução de sua problemática, não nos dá em parte alguma o sentimento de uma experiência original na qual o próprio sujeito está incluído – é um **testemunho**, pode-se dizê-lo verdadeiramente **objetivado**. (Lacan, J. 1956/1985-88, p.94 - grifos nossos)

Schreber nos dá um testemunho, no qual o seu sujeito se encontra objetivado, incluído no texto como já mencionamos no item 2.1. Ou seja, quando ele escreve sobre os “pássaros miraculados” ou “homens feitos as pressas”, ele materializa o seu ser naquelas palavras. Sua subjetividade, assim como nos neologismos se sustenta nessas palavras, por isso ele precisa escrever. O sujeito aqui não é suposto como na neurose e nem se encontra entre dois significantes, ele é. E se encontra materializado no texto que Schreber escreve.

A suplência pela escrita, nesse caso é o que promove unidade e também objetivação. O sujeito que é objetivado pelo ato de escrita marca e confirma a existência desse sujeito pelo ato de escrever. Nossa aposta, no caso de Schreber,

por ora, é que existe um ganho, que só o ato de escrever estabelece. E que no caso de Schreber chamaremos como já viemos anunciando de transcrição do delírio.

2.9

E, com respeito a publicação?

[...] tenho apenas o objetivo de promover o conhecimento da verdade em um campo de maior importância, o religioso. Tenho a inadmóvel certeza de que disponho deste domínio, de experiência que- uma vez obtido o conhecimento geral de sua exatidão- poderiam atuar da maneira mais frutífera possível sobre o resto da humanidade. (Schreber, 1905/1984, p. 20)

Aqui, Schreber irá especificar o que liga sua ambição de publicação, em referência ao reconhecimento e à divulgação. Declara a intenção de compartilhar com o mundo, todo o sistema de explicações complexas delirantes acerca de tudo o que viveu e sofreu.

Schreber deseja que a verdade testemunhada por ele de forma nua e crua seja revelada para todos. De maneira que ele possa compartilhar o que lhe foi revelado de forma exclusiva. Lacan vai comentar a esse respeito:

De que se trata nesses testemunhos delirantes? Não digamos que o louco é alguém que vive sem o reconhecimento do outro. Se Schreber **escreve** essa obra enorme é justamente para **que ninguém ignore a respeito do que ele sofreu**, e mesmo para que, nessa circunstância, os especialistas venham **verificar em seu corpo** a presença dos nervos femininos pelos quais progressivamente ele foi penetrado, a fim de objetivar a ligação singular que foi a sua com a realidade divina. Isso se propõe justamente como um esforço para ser **reconhecido**. (Lacan, J. 1956/1985-88, p.94 - grifos nossos)

O desejo de reconhecimento aqui vale ser esclarecido. Poderíamos inferir a partir da citação de Lacan, que o que ele gostaria que fosse reconhecido pelo Outro é da ordem de uma verificação *objetiva* da presença divina em seu corpo. Um reconhecimento que seja verificável. Agora veremos o que Lacan diz sobre o reconhecimento pelo Outro.

Lacan, no *Seminário 3* (1955-56) diz que o grande Outro é aquele diante do qual todo nós nos fazemos reconhecer. Mas, para tal, ele deve ser antes reconhecido. A dimensão da reciprocidade é necessária para que se possa fazer valer o lugar ocupado pelo sujeito no mundo: “Você é meu mestre”, “Você é minha mulher”. (Lacan, J. 1955/1985-88, p.65) Isso é o que faz cada um entrar no jogo dos símbolos, uma vez que nele se é forçado sempre a comportar-se segundo alguma regra.

E no psicótico? O psicótico, assim como todos nós, também não vive sem o reconhecimento do Outro. E, nesse caso, o reconhecimento é buscado a partir do testemunho vivo, ou da verificação real no corpo da presença divina, de forma objetivada pelo Outro.

Porém o que vale, aqui ressaltar é que o reconhecimento no caso de Schreber reivindica ou pede que o Outro não ignore o que ele passou. Mas não depende de um atestado advindo do Outro para que a experiência dele ganhe existência. O “você é meu mestre” ou “você é minha mulher” implica que no ato de nomeação do Outro, algo que já estava lá, passa a ser, o sujeito se define a partir do Outro. A nomeação cria um lugar.

Mas no Schreber, o que vimos até então revela que o sujeito objetivado que ele materializa no ato de escrita, já está de ante mão definido, não depende do atestado do Outro para ser. Ele já é a mulher de Deus, sem Outro, nesse sentido. O Outro com quem ele se relaciona é o da metáfora delirante.

Schreber não vai obter essa certeza advinda do ato de nomeação do Outro no neurótico, porque ele já a tem. Essa certeza não vai existir a partir do Outro, ela já existe. No que ele então quer ser reconhecido? Schreber quer que todo o mundo saiba o que ele já sabe, e ainda quer conferir legalidade a isso.

É o que Schreber atesta na sua intenção quando publica. Por exemplo, se sabe pelo seu livro que ele batalhou contra a vontade da sua família para tornar pública sua história. Defendendo querer revelar sua idéia e beneficiar a humanidade com a contribuição de conhecimento científico que poderia daí advir. (Schreber. 1905/1984, p. 20)

E, como consequência de ter se concentrado nessa finalidade, Schreber descreve ter obtido importantes mudanças a medida que tornava pública a sua escrita:

No tempo decorrido desde o início do trabalho [referente ao “Memórias” e outros anexos], modificaram-se essencialmente as condições externas da minha vida. Enquanto no início eu vivia em uma reclusão quase carcerária, excluído do contato com pessoas cultas, e até mesma da mesa familiar do diretor do sanatório (acessível aos chamados pensionistas), nunca saía fora dos muros do sanatório, etc, foi-me sendo pouco a pouco concedida maior liberdade de movimento e possibilitando, cada vez mais o relacionamento com pessoas instruídas. (Schreber, 1905/1984, p. 20)

Isso confirma que Schreber obteve ganhos em sua vida pessoal, inclusive com o resgate de sua capacidade legal, não só na conclusão de sua obra, mas também em seu início. “Minha capacidade legal de trabalho foi então reconhecida e restituída a livre disposição de meus bens.” (Schreber. 1905/1984, p.20)

O fato dele ter atingido a publicação do que lhe ocorreu paradoxalmente tinha como consequência ganhar progressivamente maior liberdade e por fim sua independência. Logo atestamos a razão da sua insistência por reconhecimento para que, conseqüentemente, tenha seus evidentes benefícios associados ao ato de publicar.

Mas também, por outro lado, ter logrado organizar sua experiência e transformá-la em produto acabado para publicação, reforça além do reconhecimento a sua objetivação delirante e teve efeitos benéficos.

Paramos aqui no que diz respeito a investigação em Schreber, para seguir com a pergunta de sempre sobre o que está incluído especificamente no ato de escrever. Talvez, como veremos, James Joyce possa, com Lacan, tocar ou explicitar melhor essa questão.

3

Este capítulo visa demonstrar como Lacan e Freud consideram que o ato de escrita em Joyce teve valor de suplência

3.1

A transcrição de Aimeé²⁵ e a investigação da sua escrita por Lacan

Os que lêem livros não são tão bestas quanto os que os fazem, eles lhes acrescentam. (Lacan, J. 1932/1987, p.195 *Apud.* Aimeé)

Breve recapitulação: no capítulo 1 (parte 1.6), afirmamos que na oficina de jornal do Caps havia um empuxo ao ato de escrever que levaria os pacientes psicóticos a se dedicar a essa atividade. Logo depois, no capítulo 2 (parte 2.8), essa questão retorna, ao tentarmos articular a suplência como consequência da produção delirante que tem caráter de escrita e nos perguntarmos qual o benefício do ato em si de escrita nesse caso.

Em Schreber, assim como em alguns pacientes da oficina, como veremos no capítulo 4, nos perguntamos quais seriam os efeitos específicos inerentes ao ato de que Schreber escreva sua trama delirante. E há ainda a outra vertente implicada nesse ato de escrever o seu delírio, que é a referente a publicação. Nossa hipótese é de que há, ali, na publicação e no ato de escrita, algum benefício específico inerente à esses dois aspectos.

Chamaremos, a partir desse capítulo, de *transcrição* o escrito testemunhal de Schreber, assim como de outros pacientes que escrevem seus postulados delirantes. Esse termo, assim como o de tradução e transliteração, será nossa

²⁵ Nome retirado de um dos personagens do romance escrito pela própria paciente . Aimeé traduz-se por amada. Conforme Miller, J-A (1991, p.15), “o nome é por si um diagnóstico, o nome de sua posição erotomaníaca”.

categorização forjada a partir de Allouch (1995) e que será abordada no item 3.8 deste capítulo.

Agora veremos de que forma Lacan, no início de seu ensino e também de sua formação em sua tese de doutorado de psiquiatria intitulada “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade” (1932), se interessa especificamente pelas produções literárias da paciente Aimeé. Veremos qual foi o primeiro aspecto que determinou a interpretação dessa produção para Lacan.

Segundo Lacan, essa paciente foi escolhida dentre diversos casos estudados, por ser demonstrativa da psicose paranóica e de suas relações com a personalidade, que resumiam a sua tese. Aimeé, como foi chamada, é acompanhada ao longo de um ano, período no qual é observada quase cotidianamente, segundo o relato de Lacan. (Lacan, J. 1932/1987, p.148)

Os aspectos referentes ao que Lacan chama de características da personalidade e sua ênfase no caso Aimeé equivalem a uma descrição aprofundada do aspecto clínico preciso da paciente. Como por exemplo, chamar de “autopunição” traços do caráter da mesma para explicar o seu delírio: “Ela [a hipótese sobre os fenômenos da personalidade] explica o *sentido* do delírio. A tendência a autopunição nele se exprime de algum modo diretamente. [...] Muitas das *interpretações* delirantes da doente, como já assinalamos de passagem, não exprimem mais do que seus escrúpulos éticos”. (Lacan, J. 1932/1987, p.252)

Evidencia-se que Lacan busca alcançar, próximo a Freud com o caso Schreber, o sentido delirante de sua paciente. Nesse sentido, a tendência à autopunição é bastante elucidativa do modo como Aimeé se relaciona com o que ocorre em seu entorno. Punir-se à si própria baseia-se em critérios concernentes a tal ato, calcados em seu próprio crivo ético e moral.

Novamente aqui, podemos vislumbrar a busca da parte de Lacan da materialização do sujeito no texto, visto no item 2.1 do capítulo 2. Ou seja, o que no texto que escreve Aimeé pode materializar ou chegar mais perto de seus traços de caráter que compõe sua personalidade.

Sobre os fenômenos da personalidade, Lacan os define como:

[...] uma ordem de fenômenos por sua essência humanamente *compreensível*- quer dizer por um caráter social, cuja gênese, ela própria social (leis mentais da participação), explica a existência de fato. Entretanto, esses fenômenos tem, por um lado, o valor de *estruturas* fenomenologicamente dadas (momentos típicos do *desenvolvimento* histórico e da *dialética* das intenções); por outro lado, eles estão na dependência de uma especificidade somente *individual* (momentos *únicos da história* e da intenção individuais). Esses três polos do *individual*, do *estrutural* e do *social*, são os três pontos de onde podemos ver o fenômeno da personalidade. (*ibid*, p.319)

Aqui, vemos a abrangência do que é necessário para compor a personalidade de um indivíduo: os pólos individual, estrutural e social. Por um lado, o fenômeno da personalidade está dentro do esperado pelo histórico do sujeito, ao mesmo tempo em que engloba algo específico do singular dele, que é parte de suas intenções individuais e de sua história.

Brevemente, a forma da leitura lacaniana desse caso envolve sua hipótese acerca da personalidade, e isso se deve em boa parte à análise de seu material literário, ao que é concedida bastante ênfase. As produções literárias de Aimeé são romances e servem de material para a demonstração da sua tese de doutorado. Nesse momento, Lacan entende que os escritos da paciente traduzem o estado psíquico desta, sua loucura. A obra seria como o termômetro da sua constituição patológica:

Estes escritos nos informam sobre o estado mental da doente na época de sua composição; mas sobretudo, permitem que possamos apreender ao vivo certos traços de sua personalidade, de seu caráter, dos complexos afetivos e das imagens mentais que a habitam, e estas observações proporcionarão uma matéria preciosa ao nosso estudo das relações do delírio da doente com sua personalidade. (Lacan, J. 1932/1987, p. 175)

Os escritos funcionam como informes para Lacan dos traços da sua personalidade, tal como os compõe parte da sua teoria. As imagens mentais,

equivalente a seus pensamentos e suas emoções, são transcritas por sua escrita. Nesse comentário, um dos primeiros aspectos na escrita que Lacan vai interpretar é defini-los como *transcrição* do seu estado psicótico. (Lacan, J. 1932/1987, p.204)

A essa característica, daremos um lugar importante adiante, visto que o termo *transcrição*, de Allouch (1995), expressa uma passagem que ocorre entre o que se vive na experiência – que, nesse caso, compõe sua personalidade – e o que se escreve ou se pode passar para o papel. Há uma distinção realizada no item 2.9 do capítulo 2, entre passar para o papel e escrever um romance.

De que se beneficia quem escreve quando transcreve um delírio é a pergunta que nos acompanha. A transcrição parece, a princípio, promover algo mais além do que seria a mera tradução da fala em termos escriturais. Voltaremos a esses termos em 3.7. Lacan cita passagens de vários capítulos do romance escrito por Aimeé e observa seu caráter ficcional e a presença do que faz parte do núcleo de sua desconfiança e os perseguidores mais comuns incluídos em seu delírio.

Como parte de sua análise, afirma não se tratar de registro da ordem “automática imposta” (*ibid*, p.177) e nem de uma estereotípia do pensamento, distinguindo do que elaborou em seu artigo sobre a esquizografia, que estaria mais do lado de uma transcrição do automatismo mental. (Lacan, J. 1931/1987) Ele afirma em sua análise do texto romance:

Quanto as circunlocuções da frase: parênteses, incidentes, subordinações intrincadas, quanto a essas retomadas, repetições, rodeios da forma sintática, que exprimem nos escritos da maior parte dos paranóicos as estereotípias mentais de ordem mais elevada, é bastante notável constatar sua ausência total não só no primeiro escrito, como também no segundo. Ao contrário, trata-se de uma sucessão de frases curtas; elas se encadeiam num ritmo que chama atenção em primeiro lugar por sua desenvoltura e seu **tom inspirado**. (Lacan, J. 1932/1987, p.178 - grifos nossos)

As repetições, frases interrompidas ou trincadas, condensadas não são produto de uma estereotípia consequente da imposição dos fenômenos elementares. Nesse caso, diferentemente, a autora paciente é descrita como uma romancista que narra de forma fluída uma série de acontecimentos em tom que não deixa de ser *inspirado*, ou seja, imposto, como veremos, ou alucinado, mas que não promove, por isso, estereotípias ou repetições que não se encadeiam.

O *inspirado* destacado por nós é usado em outros contextos próximo ao automatismo, como na esquizografia, no artigo já citado, e também retorna no *Seminário 23* (1975-76), como veremos adiante, a partir da pergunta que se coloca por meio da literatura de James Joyce. Esse *inspirado* usado em sentido amplo é da ordem do caráter da alucinação que se impõe ao psicótico e o *inspira* a escrever. Veremos melhor esse aspecto no item seguinte.

Aimeé não transcreve de forma automática suas alucinações, tal qual elas aparecem, mas é levada pelo que lhe “inspira” de outra forma a organizar sua trama delirante persecutória em torno do tema do ciúmes, e dos personagens centrais que a perseguem: “O estilo permite notar traços de ‘automatismo’, no sentido muito amplo de um eretismo intelectual sob um fundo deficitário. Podemos ver verdadeiros esboços de ‘fugas de idéias’; entretanto são apenas episódicos.” (*ibid*, p. 190)

É a partir do estilo que se nota algo de seu automatismo, mas ele não é o que define a sua escrita criativa do romance. Para darmos um exemplo de um dos trechos do seu livro, usado e citado por Lacan:

Eu chego a Paris, não acredito no que vejo; o tumulto da rua me impede o descanso. Olho os altos fornos com suas gargantas, seus ventres, suas chaminés e as mulheres emperiquitadas com vestidos de seda. Jamais coloquei um deles, digo-lhes isso, e elas tagaleram muito. Em toda parte onde vou me observam, olham-me com um ar de suspeita de modo que à minha porta a multidão não tarda em me apedrejar . [...] Suporto algumas avanhas. É pau pra toda obra, diz uma mulher. [...] *Durmo muito mal*, eu caço as feras no matagal com sua Alteza. Leêm isso nos meus olhos. (Lacan, J. 1932/1987 Apud Aimeé, p. 192)

Toda sua construção delirante persecutória e a forma como interpreta delirantemente o que os outros lhe dirigem ou a sensação subjetiva invasora acerca do que a ronda e a espreita é descrita de forma coerente e ordenada. Diferente do que vive ou o que está passando.

A garganta dos fornos e ventres desvelam a obscenidade que a assombra, presente nas mulheres emperiquitadas que tagalaram em excesso. Nesse momento de seu relato, dorme mal, pois sua luta contra todas essas ameaças externas é constante, a caça as feras é incessante. O que ela descreve sobre as pessoas que a rondam terem acesso através dos seus olhos, por meio de adivinhações, do que se passa com ela, parece compor a sensação de se sentir invadida por todos os lados.

Retomando a frase que citamos no início deste presente item, citando Aimeé: “Os que lêem livros não são tão bestas quanto os que os fazem, eles lhes acrescentam” (Lacan, J. 1932/1987, p.195) vemos que o leitor aqui é quase um escritor, um coautor, ele acrescenta ou aumenta ao texto que lê.

A transcrição de Aimeé testemunha o drama enredado em seu delírio e transforma o que lê ou interpreta à sua maneira. Aimeé modifica, a partir da sua escrita, o seu contexto e acrescenta o que lhe é verdadeiro ou *inspirado*, como diz Lacan.

3.2

Por onde seus escritos lhe foram *inspirados*?

[...] ousei levantar a questão de saber se Joyce era louco, isto é, por onde seus escritos lhe foram inspirados? [...] A questão, em suma, é a seguinte- como saber a partir de suas notas, em que Joyce acreditava? (Lacan , J. 1976/2007, p.76)

Para chegar a essa questão crucial colocada por Lacan, primeiro façamos uma retrospectiva. Vimos na análise da paranóia de Schreber feita por Freud que um elemento da vida do sujeito, para ser incluído em sua história, deve ter sido simbolizado.

Na alucinação, na irrupção da loucura da qual Schreber testemunha, existe um retorno de um conteúdo que não foi simbolizado. Esse conteúdo teria escapado à simbolização primária e, por isso, não poderia ser historiado. Essa descrição, tomada por Lacan a partir do termo de Freud *verwerfung* com respeito à alucinação, é de que não há nessa dimensão do fenômeno elementar, a vida vivida como história. (Miller, J-A.2006, p.49) Ou seja, a alucinação é para Lacan um fenômeno de linguagem (Lacan ,J. 1955/1985-88, p.208), em que um significante se desengancha da cadeia simbólica e passa a existir de forma isolada, produzindo uma significação enigmática que não está incluída em nenhuma história ou cadeia simbólica.

Maleval afirma com Lacan que os psicóticos não estão fora da linguagem, mas são situados por Lacan como fora do discurso. (Maleval, J. 2002, p.217) O discurso entendido como o que opera para localizar o gozo do sujeito no campo do Outro como faltante. Não nos aprofundaremos nessa discussão agora, mas o importante desse desenvolvimento é que o psicótico não está fora da linguagem. Ele articula sua existência nela de forma diferente à da neurose, determinada pelo mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai, já visto no capítulo 2, item 2.4.

Como consequência, o psicótico é habitado mais do que habita a linguagem e padece desses fenômenos de intrusão e imposição da língua sobre ele. Como é o caso da alucinação, que parece não obedecer ou se submeter às regras universais da linguagem, por isso é descrita como desenganchada ou desconectada da cadeia significante.

Ou seja, a alucinação não é fora da linguagem, pois a condição para ela exista é que precisa sempre incorporar uma palavra ou sentido, como, por exemplo, uma palavra de injúria ou algum sentido mínimo dentro da língua. Entretanto, em relação ao resto da cadeia significante, ela se apresenta em caráter de intrusão, por isso em forma de xingamento como isolada ou desenganchada. Fora do jogo intersubjetivo, esses fenômenos, parte da clínica da psicose, mantém relação de alteridade com a língua consensual compartilhada no uso comum por todos.

Se trata, nos termos lacanianos, de um *real* que se apresenta em sua característica mais forte como não sendo determinado pelo discurso do Outro,

insituável, mas não deixa de ser justamente essa sua forma particular de se relacionar com o sítio do Outro. (Miller, J-A. 2006, p.47)

Assim, no campo da história, apresentam-se os diversos termos dos sentidos, das leis da linguagem etc. Ao passo que no campo do *real*, o encontramos separado da fala, um *real* que nada espera da fala ou sentido, expressão de Lacan citada por Miller: “conversa sozinho”. (*ibid.*)

Guardaremos, então, essas essenciais características da análise da alucinação elucidada por Lacan e Miller, para nos voltarmos ao famoso autor literário irlandês James Joyce. A pergunta colocada inicialmente no trecho citado sobre de onde lhe advém os escritos de Joyce ou se eles lhe são impostos ou alucinados define uma das entradas por meio do qual Lacan enxergará a função que teve para Joyce ter se tornado o escritor que se tornou.

Sérgio Laia (2001) isola dentre uma das características do seu estilo de escrever o modo como Joyce investe na exatidão, a busca pela exatidão através da escrita como um recurso literário. Mas, a exatidão, nesse caso é peculiar comparada a objetivação buscada por Schreber. Essa exatidão poderia estar ligada à tentativa de evidenciar a imposição ou algo próximo do fenômeno elementar com caráter de imposição em forma de algumas palavras ao escritor.

À exemplo disso, no capítulo citado por Laia, “rochedos errantes” de Ulysses (1922) Joyce visava “trazer para dentro do livro, nada mais, nada menos, do que toda a cidade de Dublin”. (Ellmann, R. 1959/1983, p. 452) Desejava reconstruir o fluxo dessa cidade em seus mínimos detalhes, por isso o capítulo acabou por ser dividido em 18 partes, ou seja, a mesma quantidade de episódios que tem todo o livro Ulisses.

Lacan em seu *Seminário 23* (1975-76), inspirado em Joyce, afirma: “é difícil não ver que uma certa relação com a palavra lhe é cada vez mais imposta, ao ponto de ele acabar por quebrar, dissolver, a própria linguagem, decompô-la, posto que não há mais identidade fonatória.” (Lacan, J. 1975/2007, p.17)

Todas as propriedades fonéticas fruto da polifonia da palavra acabam por invadir como um parasita o falador, que chega a abalar essa identidade dos fonemas que formam uma palavra. (*ibid.*) Costumamos descartar a dimensão

presente na estrutura da linguagem em nossa operação costumeira de fazer uso da linguagem guiados pelo sentido. São as propriedades que precisam ser descartadas para que a unidade do sentido opere, elas são feitas de sons, materialidade do significante, os restos do que ficariam de fora da cadeia e organização significantes de um discurso. (*ibid.*)

Joyce, então, parece visar uma dimensão alheia a todo processo dialógico ou comunicacional, caracterizado por um forte fluxo de mal-entendidos, de trocadilhos, de jogos homofônicos. As notas as quais faz alusão Lacan na epígrafe do início do texto se referem à quantidade enorme de notas, de rabiscos, rascunhos que compõe alguns dos manuscritos de Joyce e que servem de material para análise acerca do que significava sua escrita para ele próprio e qual seria seu papel.

A pergunta colocada por Lacan sobre da onde seus escritos lhe são inspirados traz a conotação diferente do que poderíamos entender comumente como a imaginação ou inspiração do artista para produzir sua arte. Nesse caso, a inspiração está mais do lado da alucinação ou imposição, do que irrompe sem sentido e que Lacan questiona ao se perguntar a que se devem seus escritos, justamente o que nos interessa a respeito da função da escrita em seu caso.

Joyce a princípio teria sido fracassado nessa empreitada frente ao que lhe é imposto, mas dribla com mestria esse desafio, apoiando-se numa memória prodigiosa e numa busca incessante, já citada, pela exatidão. Lacan comenta: “O que ele escreve é a consequência do que ele é. Mas até onde vai isso? Com que cacife ele contava, considerando as armas que apresentava- o exílio, o silêncio e a astúcia?” (Lacan, J. 1976/2007, p.77)

Lacan se pergunta algo crucial acerca de como ele vai inventar para se virar com o que o atormenta? Será com essas armas que vai investir como resposta ao que lhe parasita? E responde ser com esse cacife que poderá jogar o jogo com a linguagem e o que vai fazer Lacan afirmar que são essas as armas frente ao que o cerca que lhe permitiram efetuar uma amarração da loucura e não sofrer seu surto. (Laia, S. 2001, p.213)

Com esse cacife, seu trabalho com a dimensão *real* da palavra, aparece em sua escrita e ganha um lugar na estrutura que a limita, ao mesmo tempo que mantém seu caráter corrosivo. Esse corrosivo da língua é inerente a ela própria, em sua dimensão disruptiva ou fora de si, tal como se refere Laia, por isso se costuma ter dela uma distância, exercida pelos falantes que se submetem às suas leis e regras. (*ibid.*)

Joyce cria então, uma escritura que não visa se resguardar da fuga de sentido, ou ao fora de si, ou disruptivo. As palavras que lhe foram impostas adquirem uma tal tessitura que, em sua obra, somos continuamente invadidos pela intensidade dessa fuga. Esse modo de operar com as palavras, assim como a tessitura e o destino que elas ganham, tem seus efeitos sobre a metáfora – que, como figura de linguagem, fracassa, embora não deixe de promover a emergência de algum sentido. (*ibid.*)

A trama da aranha promovida por Joyce é o que sua teia textual demonstra, se trata do irrepresentável ganhando uma certa inscrição, uma certa forma capaz de guardar ainda alguma coisa da sua irrepresentabilidade. E o que forma a identidade textual joyceana compondo seu ego é o fato de Joyce tecer, no exercício mesmo da sua obra, sua unidade como a própria tessitura que organiza sua composição.

3.3

O caso clínico Joyce de Lacan

Vamos deixar-nos guiar pelo caminho efetuado por Laia (2001) e Vieira (2007), no sentido de que o que se verifica de Joyce é que ocorre ali uma cifra em seu texto, sem que ele recorra ao delírio, como Schreber. (Laia, S. 2001, p.191)

Lacan parece fazer de Joyce um verdadeiro caso clínico, mesmo dizendo que não se trata em seu texto de vislumbrar um fenômeno sob as lentes da psiquiatria, sob o risco de entendê-lo como um deficitário de Nome-do-Pai. Esse aspecto fica generalizado por Lacan, que vai desenvolver mais adiante que somos

todos loucos e o arranjo neurótico que recorre ao uso do Nome-do-pai conta com uma dentre outras formas de realizar suplência ou metaforizar e tratar o gozo que habita o ser falante. (Miller, J-A. 2007-2008, *inédito*, Aula 04/06/08)

A forclusão do Nome-do-Pai, como já foi exemplificada no Capítulo 2, item 2.4, não se encontra, no caso de Joyce, claramente exposta, o que poderia ter ocorrido se o escritor tivesse sofrido um desencadeamento psicótico. Mas, Lacan dá a entender que Joyce possuía uma estrutura psicótica, apesar de não tê-la desencadeado, e se interessa pelo uso que fez da literatura como forma de estabilização, sem recorrer ao uso compartilhado do Nome-do-Pai ou à metáfora delirante, como foi o caso de Schreber. (Laia, S. 2001, p.192)

Na sua atividade de escrita, Joyce faz aparecer o seu desejo de destruição da língua inglesa com o intuito de fazer desaparecer o que poderia constituir o sentido mestre dessa língua. (Lacan, J. 1975/2007, p. 162) O que o move a realizar esse feito, segundo Miller teria que ser pensado em termos do seu gozo e não seu desejo. (Miller, J-A. 2006, p.503)

Ler Joyce, para Lacan, segundo Vieira (2007) é entendido como: “Joyce será lido como quem busca a singularidade do caso e aposta no que ali se escreve como solução de um destino”. (Vieira, M-A. 2007, p. 164) O que ali se escreve é produto do que Joyce articula da língua, que é interpretado por Lacan como sua solução “sinthomática”.

Vamos, então, ao que tece Lacan a partir da retomada de Laia sobre o seu fazer singular que imprimia um modo de escrita, ao mesmo tempo em que definia sua suplência. Se ele recorria a esse uso é porque esse era o seu gozo, parte de seu sinthoma, como veremos mais a frente.

Primeiramente, alguns aspectos que são enumerados por Vieira e elucidados por Laia a respeito de Joyce ser psicótico, apesar de seu não desencadeamento da loucura, como já foi comentado. Esses aspectos a respeito da vida de Joyce levantados por Lacan tem a intenção de tratá-lo como um caso clínico ou paciente e menos como autor literário, o que delineia uma espécie de aspecto ou face de abordar Joyce com Lacan.

O primeiro dos aspectos é a relação de Joyce com sua filha Lúcia, esquizofrênica, que se dizia telepata. Essa relação é descrita por Lacan em face da forma sintomática que Joyce interpretava o que ocorria à sua filha a partir de seu próprio sintoma.

Uma das passagens em seu *Seminário 23*, onde Lacan comenta essa relação e a chama de “instigante” é:

O que me impele hoje a lhes falar de Lúcia é bem exatamente o seguinte: Joyce, que a defendeu ferozmente contra a investida dos médicos, só conseguia articular uma coisa – ela era uma telepata. [...] é justamente nesse ponto que vejo que, para defender, se assim podemos dizer, sua filha, ele lhe atribui alguma coisa que está no prolongamento do que chamarei momentaneamente de seu próprio sintoma. (Lacan, J. 1976/2007, p.93)

Aqui, fica claro, que Lacan entende que Joyce só defende sua filha e sua afirmação de ter poderes telepáticos pelo fato de interpretá-la a partir de seu sintoma e não lhe ocorrer nenhum estranhamento acerca de tal constatação.

Um segundo ponto importante será a maneira como o seu modo de escrita corrosivo será reconhecido pelo Outro e incluído nele, dando origem à sua nomeação como autor de sua própria obra. A função da sua obra quando ele: “torna-se poeta de seu próprio poema.” (Laia, S. 2001, p.233)

Esse trabalho tem todo o peso de se tornar o Outro de si mesmo, o que significa inaugurar com esse modo sintomático de corroer a língua, algo como instituí-lo como quem detém esse *savoir faire*. (Lacan, J. 1975/2007, p.14)

O papel do pai em sua vida também é parte de um dos aspectos levantados por Lacan: “É a seu pai que ele dirige essa prece [...] o que podemos chamar de um pai indigno, um pai carente, aquele que, em todo *Ulysses*, ele se põe a buscar de várias formas [...]”. (Lacan, J. 1976/2007, p.67)

A carência do pai aqui referida é equivalente a carência da função paterna já explicitada no item 2.5 do capítulo 2, e não da figura do pai. Um pai carente em sua função paterna, aquela que funcionaria para inscrever o Nome-do-Pai, pois em

um de seus escritos ao contrário, o pai aparece como presença e julgamento de “auto-acusação”. (Laia, S. 2011, p.201) Joyce se sente invadido por esse pai na ocasião de sua morte. Em muitos trechos e momentos de *Um retrato do artista quando jovem* (1916), Joyce, que se autoretrata por meio do personagem “Stephen”, descreve sensações à respeito de seu sobrenome ligados a um pai que o representa:

Ele [Stephen] mal podia interpretar as letras nas placas e letreiros das lojas. Ele parecia ter se colocado além dos limites da realidade por conta de seu modo de vida monstruoso. Coisa alguma o comovia ou falava a ele no mundo real a menos que ele ouvisse nela um eco dos gritos furiosos dentro dele. Ele não conseguia responder a nenhum apelo, humano ou terreno, anestesiado e insensível ao chamado do verão, da felicidade e do companheirismo, fatigado e desalentado pela voz do pai.” (Joyce, J. 1968/2013, p. 95)

A voz do pai é preemente em vários momentos da sua infância ou juventude e tem peso, além de julgatório, de encerrar o dimensão do pai como presença real em sua forma verbal imperativa. Além disso, John Stanislaw encarnava uma falta perante sua tradição familiar com a descendência que ele gerou, que não corresponde à esperada pelos seus antepassados pelo fato da morte de seu primeiro filho e seu segundo ser James Joyce. (Laia, S. 2001, p.209)

Apesar da sua presença verbal ser preemente nas descrições de Joyce, a fragilidade da sua outra face função paterna, que atuaria a partir da sua ausência, é descrita por Joyce em passagem destacada por Mandhil como: “Paternidade, com o sentido de geração consciente, é desconhecida do homem”. (Joyce, J. 1922/1993, p.231) Assim como: “Um pai – disse Stephen lutando contra a desesperança – é um mal necessário”. (*ibid*)

Essas duas passagens exemplificam o fato de que a função paterna entra em jogo aqui, com toda sua carência de significação ou certeza que lhe podemos atribuir a partir da crença neurótica. E, se a vestirmos com a crença ou a fé é porque no fundo a função paterna é sempre incerta, padece sempre de ser colocada à prova, tais como nos atuais testes de DNA. Da paternidade desconhece

o homem, por isso é incerta, imprescindível e necessária. Dela não se pode abrir mão. É o que Joyce nos ensina a partir da sua posição de exterioridade com relação a essa função²⁶.

Laia comenta que, em si mesma, a falta paterna não pode ser considerada como indicativo ou associado a uma psicose. Mas, nessa ocasião, em seu desdobramento específico acerca das relações entre o Joyce e seu pai prevalecia uma ambiguidade a esse respeito. (Laia, S. 2001, p.209)

Diante disso, Joyce prescinde do Pai e reconstrói à sua maneira de forma bastante peculiar uma resposta para o enigma, que seria a geração e a transmissão que se produz numa linhagem familiar. A construção para si de um nome próprio o qual se torna dono e que define com sua assinatura seu artifício de escrita lhe concede lugar privilegiado de definição de si e do seu lugar no mundo.

Em *Um retrato do artista quando jovem* (1916/2003), Mandhil (2011) destaca a passagem na qual Joyce se refere a sua mãe e a forma como foi necessário construir um artifício por contra própria para significar um vazio no discurso materno:

Mamãe está pondo em ordem minhas novas roupas de segunda mão. Ela reza agora, diz ela, para que eu aprenda em minha própria vida e longe de minha casa e amigos o que o coração é e o que ele sente. Amém. Que assim seja. Bem vinda, oh vida! Eu vou encontrar pela milionésima vez a realidade da experiência e forjar na forja da minha alma a consciência incriada da minha raça. (Joyce, J. 1916/1992 p.603-606)

Joyce, a partir da separação física da casa de sua mãe, pretende se encontrar com a realidade da vida, distinta da realidade da sua mãe, e forja a consciência incriada da sua raça. Ou seja, não se trata aqui de ir ao encontro do que o faz ou torna parte de sua raça, mas sim será necessário criar ou forjar uma consciência

²⁶ Devo o desenvolvimento sobre a função do pai e mãe de Joyce ao curso “Mães Lacanianas” ministrado por Marcus André Vieira referente ao quarto encontro do curso livre do ICP-RJ. “O que fazem as mães?” Item “IV A mãe de Joyce” ocorrido na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio em 03/11/2011 (transcrição de Daniele Menezes, revista pelos autores; notas por Angélica Cantarella Tironi).

ainda não existente como artifício criado para possibilitar a separação da mãe que pretende obter. Ainda que sob ameaça de seu retorno, também presente em um trecho onde descreve sua mãe se revirando no seu túmulo e lhe pedindo que fosse rezar com ele. (*ibid.*)

Dentre ameaças concretas expressas ou vividas fisicamente, chamam a atenção de Lacan os fenômenos corporais destacados por Joyce, que expressam sua relação com seu próprio corpo. Isso é ilustrado em uma das suas descrições situacionais, em que seu personagem Stephen sente seu corpo descascar-se como uma casca após levar uma surra violenta dos amigos. A situação por ele descrita se vincula à um episódio em que um colega lhe bateu durante certo tempo, ajudado por outros. Depois desse evento, Joyce se pergunta porque ao passar o ocorrido ele não sentia raiva nem guardava rancor. E explica que todo o negócio se esvaiu “como uma casca”. (Lacan, J. 1976/2007, p.145)

Esse evento é paradigmático de uma relação com o corpo marcada por algo que o habita e que é vivido por Joyce como estranho ou estrangeiro a ele mesmo:

Ter relação com o próprio corpo como estrangeiro é, certamente uma possibilidade expressada pelo verbo ter. Têm-se um corpo, não se é ele em hipótese alguma. [...] Mas a forma de Joyce deixar cair a relação com o corpo próprio é totalmente suspeita para um analista, pois a ideia de si como um corpo tem um peso. É precisamente o que chamamos de ego. (*ibid.*, p.146)

Esse comentário de Lacan, dá demonstração, nesse evento, do caráter estrangeiro da relação de Joyce com o corpo – um corpo diferente de um corpo pensado como unidade egóica – demonstrando o quanto isso não se coloca de saída. Não se é um corpo e sim pode-se ter um. (Miller, J-A. 2003)

Isso é melhor exemplificado com Miller, quando ele alude ao que os esquizofrênicos denunciam em sua relação problemática com o corpo, na qual este se torna enigmático e o sujeito tem que inventar uma solução própria para ligar seu ser vivente ao seu invólucro corporal. Essa problemática é colocada de saída para todo ser falante inserido na linguagem. À diferença dos neuróticos é que eles

se arranjam facilmente com as convenções ordinárias que lhes são oferecidas pelo Outro acerca do bom uso e funções dos órgãos do corpo. (Miller, J-A. 2003, p.7)

Lacan nos demonstra também, a partir do relato de Joyce, que o fato dele deixar cair a sua relação egóica com o corpo fazendo com que o corpo deixe de ter o peso de consistir como uma unidade, tem efeito de, ao contrário, se despojar desta unidade enquanto imagem. Faz supor que se o ego narcísico assim o é, é pelo fato dele sustentar o corpo como imagem, ou seja, parece haver algo que precisa realizar essa função. (Lacan, J. 1975/2007, p.146)

A tradução metafórica subjetiva do corpo que cai como uma casca não parece expor a surra como algo que teria ferido seu ego narcísico. Ao contrário é algo sofrido do qual ele se desprende, se desvincula; não abala nenhuma unidade, posto que não havia. Ele mesmo expressa sentir uma estranheza pelo fato de não ser afetado pelas consequências de um corpo vivido como unidade. (*ibid.*)

3.4

Breve passagem sobre a elocubração do *Sinthoma*

Há uma passagem ou torção fundamental no ensino de Lacan sinalizada por Deffieux (2007) a partir dos anos 70, introduzida com o *Seminário 20: mais, ainda* (1972-73), *Seminário 22: R.S.I.* (1974-75) e *Seminário 23: Joyce, o Sinthoma* (1975-76/2007).

A passagem vai da prevalência do registro simbólico, regido pelo significante do Nome-do-Pai, como vimos em Schreber no capítulo 2, para a relativização dessa prevalência. O que leva os três registros introduzidos por Lacan, expressivos da nossa experiência psíquica, o Simbólico, o Imaginário e o Real a não possuírem hierarquia, os três tem o mesmo peso e valor. Se um dos três registros, que serão enodados por um quarto nó, se desamarram, todos caem: “a secção de qualquer um libera todos os outros”. (Lacan, J. 1975-76/2007, p. 30)

Consequente a essa nova abordagem, o conceito do Nome-do-Pai se pluraliza e o de Foraclusão se generaliza. A suplência, vista no capítulo 2,

prioritariamente realizada pelo Nome-do-Pai ou pela metáfora paterna, se torna mais um modo de suplência dentre outros. Segundo Deffieux é preciso “dissociar o pai da função paterna para só lhe manter unicamente a função de nomeação”. (2007, p. 374) O pai não é mais o correspondente da função paterna, mas é reduzido da função ao nome.

Quando a forclusão se generaliza, isso significa que estamos todos loucos? Sim e não, não porque não quer dizer que somos todos psicóticos, mas sim porque a neurose como forma de amarração dos três registros ganha estatuto de delírio ou loucura. Miller trata disso na famosa “A conversação de Arcachon” (1998), o que ficou conhecida como a teoria da forclusão generalizada.

Diante de uma carência da amarração fálica em Joyce, Lacan vai investigar sua forma de escritura como maneira de suplência e promovedora da amarração dos três registros. “O que proponho aqui é considerar o caso de Joyce como respondendo a um modo de suprir um desenodamento do nó”. (Lacan, 1975-76/2007, p. 85)

Lacan considera que Joyce, ao longo de sua obra, especialmente em *Finnegans Wake*, dá testemunho de uma soltura ou deslizamento de um dos registros. Como resposta a suprir essa possível desanodação, Joyce inventa uma suplência por meio da sua atividade da escrita que será definida como seu *sinthoma*. Por meio da sua escritura, Joyce faz seu *sinthoma*.

Segundo Laia (2001), os escritos de Joyce se tecem como “escritos fora de si”, há algo fora do que é escrito que Joyce articularia. Ele desarticula a língua inglesa, criando neologismos translinguísticos. Injeta na língua inglesa, palavras de outras línguas. E visa uma exatidão tão intensa, quase maníaca, consequente da sua suposta imposição da polifonia linguística, que o leva a fazer algo com isso, e esse algo é escrevê-la. (Laia, S. 2001, p.164)

Nessa escritura que é seu *sinthoma*, há um esforço para que Joyce faça vibrar o gozo que compõe essa produção análoga a uma formação do inconsciente. Realiza uma cifratura da polifonia da língua, e ao mesmo tempo em que não a cala, pelo contrário se deixa invadir por ela. É por esse motivo que Lacan vai tratar de articular a escritura de Joyce com a topologia.

O gozo que Joyce extrai dessa operação e o faz seguir escrevendo está do lado do sem sentido, da quebra da língua, até as últimas consequências. É o que ele busca promover com, por exemplo, a elaboração de enigmas:

Quando lemos o texto de Joyce, e sobretudo seus comentadores, o que impressiona é o número de enigmas que ele contém. Não somente são abundantes, como podemos dizer que Joyce joga com isso [...] (Lacan, J. 1976/2007 p.149)

Joyce elabora os enigmas e joga com isso. Deixa para os leitores uma torrente de possíveis caminhos e traduções para o que escreve, mas o que é importante é o fato dele tirar um uso para si desse feito. Lança mão de todos os recursos linguísticos possíveis para tecer sua complexa trama parte de sua obra:

Mas se considerarmos que, graças a todo um jogo com a linguagem, Joyce cria um contraponto a esse desabonamento, verificamos como a tessitura das palavras que lhe são impostas é organizada de um modo muito mais complexo do que o que é presentificado pelos delírios. (Laia, S. 2001, p.165)

Esse fazer, ou *savoir-faire* com a linguagem e tessitura, Lacan denominou ser seu *sinthoma*. Lacan vai lançar uso da antiga grafia da palavra sintoma em grego e se justifica pelo fato de ser levado à isso por Joyce. O fato de Joyce impor à sua língua inglesa uma quebra, uma decomposição que perturba a identidade fonatória seria homólogo ao efeito que o *th* implementa na língua francesa desde o grego. (Lacan, J. 1975/2007, p.12)

Quanto a esse específico trabalho joyciano na língua que se expressa por meio da sua escrita, Lacan afirma:

Sem dúvida, há aí uma reflexão no nível da escrita. É por intermédio da escrita que a fala se decompõe ao se impor como tal, a saber, em uma deformação acerca da qual permanece ambíguo saber se é caso de se livrar

do parasita falador de que lhe falei há pouco ou, ao contrário de se deixar invadir por propriedades de ordem essencialmente fonêmicas da fala, pela polifonia da fala. (Lacan, J. 1976/2007, p.93)

Aqui, Lacan se coloca uma interessante questão: Joyce escreve dessa maneira para se livrar da parasita falador ou se deixar invadir por ele? Isso define que a língua é um câncer para todo ser falante e que, no caso de Joyce, pela presença da descrição em seus textos de fenômenos elementares, esse fato é exposto. Então, nesse caso, ele escreve para deixar de ser atormentado por isso ou por se deixar invadir?

Difícil não pensar que essas duas vertentes não estão alinhadas, pois, ao que parece trata-se de uma forma de se livrar do parasita invasor da língua ao se deixar invadir por ele e fazendo os demais leitores também o serem. Ou seja, o fato de Joyce jogar com o parasita ou câncer da língua, faz com que ele se enlace ou demonstre sua face invasora quando a escreve, fazendo-a aparecer no texto e, assim, enodando-a, definindo-a como sua arte. O que só é possível através do que escreve, pois é no nível da escrita que essa manobra pode se realizar, está marcada aí uma reflexão que especialmente nos concerne. Posto que, nesse caso, fica claro que a escritura é que o viabiliza a inscrição mínima necessária da polifonia que é tornada bem-vinda e transformada em artifício.

A escrita joyceana, vamos chamá-la aqui de *transliteração*, homóloga, em seu sentido, ao que seria a escrita do *sinthoma*. Mas não pretendemos neste trabalho entrar no detalhe do que seria a teoria do *sinthoma*, o que nos levaria longe demais, mas, de modo simples, cunhar essa presente expressão para nos referirmos ao modo de escrita específico de Joyce.

O que nos interessa é especificamente esse fazer escritural joyceano, que efetua o que é frisado nesse nosso termo escolhido: “[...] hace entrar en el sonido inicial de la palabra los ecos mismos de esta palabra.”²⁷ (Miller, J-A. 2006, p.499) O trabalho árduo de fazer entrar na escritura, os ecos provenientes de uma mesma unidade fonética.

²⁷ Tradução livre do espanhol: “[...] faz entrar no som inicial da palavra os ecos dessa mesma palavra.” (Miller, 2006, p.499)

O sinthoma, que é seu gozo expresso por meio dessa manobra literária ou deformação, consiste em tornar possível somente e através da escrita, uma mutação na língua compartilhada que abra brecha para o excesso polifônico da fala.

“Essa dobra do escrever sobre o escrever não comporta qualquer encontro da atividade da escrita consigo mesma: ela faz o escrito se dispersar para fora de si próprio”. (Laia, S. 2001, p.118) A partir da trama do que está escrito no *Outro*, Joyce a retoma, por isso a reescreve e se impõe como criador nessa mesma escrita. De forma progressiva, incorpora cada vez mais o gozo presente nessas lembranças e invenções que tece a partir disso.

Citaremos o exemplo resgatado por Laia a partir do livro de Joyce: *Um Retrato de um artista quando jovem*, no qual se narra, a princípio, a história de uma tradicional família; mas, sem enredo, através da reprodução da escrita de sons e frases dispostas que evocam o sem sentido. Segundo a descrição de Laia, as frases nessa narrativa vão se dispondo em determinado ritmo e se associando aos balbucios de uma criança neném que ganha corpo na voz do pai, Mr. Dedalus, do neném-Stephen.

É através desses sons sem unidade que aos poucos uma trama da história vai se armando. Laia observa que essa história se encadeia e se repete ao longo de uma tradição familiar do próprio Joyce. Nessa entoação de uma lembrada história do passado ele irá escrever e criar uma amarração na qual o ruído da lalação gozosa das palavras é mais visada do que a possibilidade de que ela se encadeie em uma narração. (Laia, S. 2001, p.120)

Esse fato dá a entender que Joyce, segundo o que comenta Laia, parece visar uma dimensão alheia a toda linguagem incluída no processo dialógico-comunicacional caracterizada por forte fluxo de mal-entendidos, multiplicidades de sentidos, trocadilhos e jogos homofônicos.

Sobretudo é ressaltado por Laia que será em *Finnegans Wake* que Joyce irá radicalizar essa relação com a língua de forma mais intensa. O fluxo das palavras vai inundar o texto a ponto de torná-lo quase ilegível.

O corpo textual que ele trança é progressivamente liberado de seus iniciais personagens e de suas consistências na narrativa para se enveredar rumo à exploração de outras formas. Em seu caso, o desencadeamento do real da narrativa se enlaça de forma diferente com o impossível de narrar. É o que Lacan vai elaborar a partir da sua escrita dos nós borromeanos. A amarração dos registros Real, Simbólico e Imaginário por meio do sinthoma vai se dar de forma específica e não convencional. (Lacan, J. 1975/2007, p.125)

3.5

O nó borromeano

Eu escrevo esse real sob a forma do nó borromeano. (Lacan, J. 1975/2007, p. 143)

Lacan afirma aqui que sua escrita é a escrita dos nós e que a função da escrita para Joyce significa fazer um ego, um nome. (*ibid.*)

Essa escrita que é a escrita dos nós se configura a partir das suas propriedades. Elas permitirão realizar a amarração dos três registros: Simbólico, Imaginário e Real. A amarração dos três é concedida por um quarto termo: o sinthoma. Será ele o que expressa a escrita transliterada de Joyce diante da imposição da língua no real.

Esse é um modelo de amarração topológica, considerando cada aro referente a um dos registros Imaginário, Simbólico e Real, como forma de transmitir ou dar consistência ao Real lacaniano inventado por Lacan: “É na medida que Freud fez verdadeiramente uma descoberta- supondo-se que essa descoberta seja verdadeira- que podemos dizer que o real é minha resposta sintomática.” (Lacan, J. 1975/2007, p.128)

A resposta sintomática de Lacan corresponde à reação ao inconsciente estruturado como linguagem, resgatado por ele e inventado por Freud. O que o inconsciente freudiano nos desvela de maneira genérica é algo da ordem do não

sabido que fica a espreita de ser lido ou decifrado. Lacan vai pensar esse algo à espera, como o real encoberto pelo verdadeiro, ou seja, o real funcionando como a verdade encoberta que terá a promessa de ser desvendada. (Miller, J-A. 2009, p.43)

Mas, para além desse real, Lacan também traz a tona, um outro *real* sem lei, que não se articula a partir das leis da linguagem:

Lacan diz precisamente sujeição, sujeição às leis da linguagem como condição da sobre- determinação. Encontramos aqui evidenciado o termo *lei*, as leis da linguagem como metáfora e metonímia, que operam na cadeia simbólica e submete o sujeito às suas leis. Aqui, há um eco direto com a definição do inconsciente sem lei que Lacan traz a tona no seu Seminário do Sinthoma; o avesso, portanto, dessa definição de cadeia simbólica. (*ibid*, p.42)

Esse real não se articulará a partir das leis que regem o inconsciente de Freud, mas a partir do nó borromeano como expressivo de um suporte para o sujeito, e não um modelo:

O nó borromeano não constitui um modelo na medida em que tem alguma coisa diante da qual a imaginação diminui. Quero dizer que ela resiste como tal, à imaginação do nó. A abordagem matemática do nó na topologia é insuficiente. (Lacan, J. 1975/2007, p.41)

Aqui, é importante ressaltar que Lacan faz questão de diferenciar que o nó não se prestaria a ser um modelo no sentido corriqueiro, como poderíamos entendê-lo, como um exemplo a ser seguido, ou imitado. Diferente disso, o termo diz respeito ao campo da lógica. O nó não nos oferece uma analogia ou espelhamento, segundo Flávia Corpas (Corpas, F. 2014, p.112), para entender determinada situação. Mas nos leva a experimentar uma realidade e não a pensar sobre ela ou formalizá-la.

Lacan nos leva a pensar que, para realizar sua função, o nó precisa ser manipulado e não compreendido. (Lacan, J. 1975/2007) É a partir dessa manipulação que se poderia pensá-lo como orientador clínico .

A amarração borromeana supõe um enlaçamento entre os três registros, onde um dos registros se liberado, libera todos os demais. Ou seja, trata-se de uma diferente concepção de nó, distinta daquela, onde um aro se desenlaça em um nó de três argolas e os outros dois se manteriam ainda unidos. (*Ibid.*)

Essa demonstração é realizada a partir dessas argolas de forma topológica. A importância desse fato se deve à relação entre os registros não ser imaginável de forma separada. E, ainda assim, nenhum desses elos entre si tem nada em comum que pudesse explicar um não existir sem o outro: “É a sequência dos atravessamentos que os mantém unidos, o que define a propriedade borromeana.” (Vieira, M-A 2011, p.11 *Apud* Corpas, 2014, p.113)

Assim, a articulação entre os dois elos já remete a um terceiro e, logo depois, a um quarto, que aqui é denominado de *o sinthoma*, e seria o responsável por conceder a amarração dos três elos. Ele tem, aqui, função de suplência, assim como o Nome-do-Pai funciona na neurose como suplente, visando manter os três registros juntos. (Miller, J-A 2008)

O nome-do-pai é o furo ao qual o sujeito endereça sua crença dentro da sua neurose particular de que o pai detém o saber e o sentido das coisas que o cercam. Porém, esse Pai, como já citamos no capítulo 2, item 2.5, exerce apenas seu papel como função de furo, ponto vazio, cego, que sustenta essa crença e encarna um para além do sujeito e do pai encarnado. O pai faz referência à Lei, e ao “é assim porque é” fazendo parar demais elocubrações ou contestações. É a falsa certeza ou garantia do neurótico.

Logo, aqui o real é sustentado em sua ex-sistência, como “fora de”, dependente do seu enlaçamento através do nó com os demais registros. (*ibid*, p.63) É o que Laia indicou na articulação referente ao trabalho de Joyce a partir da escrita: seus escritos articulariam algo “fora de si” que, ao mesmo tempo, se encontra trançado na trama textual e não externo à ela, nem lançados para fora.

Nós, aqui, em vez de “fora de si”, chamaremos esse feito realizado por Joyce de *transliteração* da loucura.

3.6

O valor da escrita em Joyce

Do que se trata na escrita e leitura do texto de Joyce? Quando Lacan se refere ao escritor irlandês acreditava, que seus escritos eram mesmo para não serem lidos. (Lacan, J.1972-73/2008) Mas, ele não recua diante disso e parece dar lugar a esse ilegível de forma inédita até então, o que é permeado pelo ensino acerca dos nós, como vimos acima. Laia comenta: “Enquanto a crítica literária se esforça, até hoje, para decifrar o texto joyceano, Lacan prefere ao meu ver, extrair o que esse texto cifra: a loucura de Joyce”. (Laia, S.2001, p.191)

A *transliteração*, que cunhamos desde o item 3.1, a partir da noção de real e dos seus escritos “fora de si” são o que interessa Lacan, ou seja, o que é referente à maneira particular de Joyce realizar essa tessitura.

Ao longo da obra de Joyce, seus escritos vão passando por um processo cada vez mais intenso, que Laia chamou como já citado de “fora de si”: “o corpus textual que ele encarna é progressiva e intensamente, liberado de seus personagens e do que confere consistência imaginário-narrativa a sua trama.” (Laia, S. 2001, p.133) Esse fato é demonstrado por Laia através de passagens em Joyce ao referir-se a personagens que não mais lhe serviam. Como é o caso do próprio Stephen, que vai deixando de ter alguma função em suas histórias: “Stephen já não me interessa mais como antes, ele tem uma forma que não pode ser mudada”. (*ibid*, p.133) Esse personagem acaba por ser deslocado para outras formas, como a de Leopold Bloom e sua esposa Molly, em *Ulysses*.

Além dessa propriedade corrosiva sobre a narrativa e o sentido que vai se efetuando na escrita de Joyce, Lacan se pergunta acerca do significado que teria para Joyce a sua escrita:

O que vou lhe sugerir hoje, diz respeito, muito precisamente, ao que escrever significa para Joyce.[...] Alguma coisa lhe aconteceu e faz com que, nele, o que chamamos correntemente de ego tenha um papel muito diferente do simples papel- que imaginamos simples- que ele tem para o mais comum dos que chamamos, de modo apropriado, mortais. O ego cumpre nele uma função da qual só posso dar conta pelo meu modo de escrita. O que me colocou nessa via vale a pena ser assinalado. É que a escrita é essencial a seu ego. (Lacan, J. 1976/2007, p.143)

Aqui, Lacan posiciona a escrita ao lado da construção que seria para Joyce de seu próprio ego. A escritura expressiva do seu modo particular de escrever e de articular com seus personagens, as tramas e enredos, incluem a corrosão progressiva do sentido primeiro que lhe ocorreu. Esse modo de escritura encerraria ou teria a serventia de funcionar para, ou em nome da construção de seu ego. Essa necessidade da amarração para a construção de um ego se impõe pelo fato já explicitado anteriormente, no item 3.4, relativo a uma falha em sua amarração dos registros, falha que faz com que o ego tenha em seu caso uma particular importância.

O que chama aqui Lacan de ego? Seria o equivalente à ideia e à experiência que cada um tem de si como identidade ou unidade, seja psíquica ou corporal. Vimos no item 3.3 o quanto a ideia de si como tendo um corpo é algo construído. (Miller, J-A. 2003, p.6) Ou seja, a unificação das sensações que cada um experimenta de prazer/desprazer ou excesso, que seriam equivalentes à seu gozo, precisam ser amarradas à um invólucro físico ou material que lhe confira unidade. Geralmente é atrelado à um corpo biológico.

Esse trabalho é o mesmo que Joyce opera ao enlaçar a corrosão da língua como seu modo de gozo amarrado à nomeação de sua obra, ou à seu nome como autor desse fazer ou arte. Isso se faz necessário porque, como sabemos, Lacan percebe que o nó como o enlaçamento dos três registros rateia no caso de Joyce, fazendo com que o imaginário pule para fora da amarração. (*ibid.*)

Lembrando, como já mencionado, no item 3.2, que o aspecto deficitário fica generalizado por Lacan e não mais determina a psicose e a neurose como

estruturas tão diametralmente opostas assim. (Miller, J-A. 2008, *inédito*, aula 04/06/08)

A desregulação do gozo é algo que se encontra em todos os seres de linguagem, à diferença que o neurótico costuma se servir bem e fazer uso da convenção compartilhada por todos equivalente, à por exemplo, uma lei ou regra que pode funcionar como homeostase do gozo. No caso das psicoses, vemos que, por não compartilharem as soluções universais, se faz necessário fabricar ou produzir à sua própria maneira algum tipo de regulação ou tratamento ao seu gozo. (*ibid.*)

Voltando à constatação lacaniana de que o imaginário pula para fora dos registros colocados por Lacan, isso é esboçado a partir do exemplo paradigmático dado por Joyce por meio do seu personagem autobiográfico, Stephen, em *Um retrato do artista quando jovem*. Joyce relata o episódio da tremenda surra que leva dos colegas da escola em sua infância. Depois do ocorrido, ele se interroga a respeito do que aconteceu sem o menor rancor ou raiva, fato que é inclusive estranhado por ele próprio. Esse fato não é deixado passar por Lacan: “A forma como Joyce deixa cair a relação com o próprio corpo é totalmente suspeita para um analista, pois a idéia de si como um corpo tem peso. É precisamente o que chamamos de ego.” (Lacan, J. 1976/2007, p.146)

O particular ego de Joyce não se prende ou não possui propriedades imaginárias comuns, pelo contrário, se demonstra em seu sentido imaginário ilegível, enigmático. É o que leva Lacan a pensar se não teria Joyce ego de natureza bem diferente. (*ibid.*, p.148)

Seu ego não funciona no momento da surra, só vem a funcionar depois, quando ele comprova e experimenta o fato de não ter sentido ou guardado rancor algum. Por esse motivo, Lacan aponta o ego no ponto em que o nó de Joyce rateia e, ao mesmo tempo, em que reside o que o acerta por meio da construção de um nome que chancela sua obra:

Eis exatamente o que se passa, e onde encarno o ego como corrigindo a relação faltante, ou seja, no caso de Joyce, não enoda borromeamente o

imaginário ao que faz cadeia com o real e o inconsciente. Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano. (*ibid* , p.130)

Será por intermédio do artifício especial e característico especial de sua escrita que Joyce vai realizar a suplência necessária para a amarração dos registros. É importante mais uma vez repetirmos a função estruturante da escrita para Joyce. É o meio ou recurso que Joyce encontra para exercitar e elaborar sua forma particular de corroer o sentido e gozar a partir de seu sintoma.

3.7

E qual a diferença entre escrita e publicação?

O que escrevo não deixará de dar trabalho aos universitários. (Lacan, J. 1975/2007, p.159)

Joyce declarava efetuar ou realizar seus escritos tendo em vista o trabalho que teriam para decifrá-lo diante de todos os labirintos e recursos linguísticos que lançava mão. Tendo em vista essa frase e outras referências citadas por Ram Mandhil, se imagina que Joyce possuía expectativas ou exigia do seu leitor uma “insônia ideal” (Mandhil, R. 2003, p.14); sua construção textual tinha em mente um leitor dedicado. Seu leitor deveria ser contaminado pela atividade da leitura para, junto com Joyce, produzir o texto a partir do que pode extrair ou chacoalhar de cada frase ou palavra do que lê. (*ibid.*)

O trabalho de publicação da sua obra literária, não a supunha como a publicização de um produto literário pronto e acabado, como vimos em Schreber. Nem se reduziria ao mero consumo dos seus leitores. Como contrapartida do seu trabalho engenhoso, exigia do leitor que, para adentrar em seu universo, este teria que se deixar perturbar por suas construções, decifrando o que Joyce cifrava e, assim, ir adentrando ao seu texto e torná-lo vivo. Ou seja, a publicação, em seu

caso, exigia a participação mais ativa e quase que inclusiva do leitor, o que define a obra como um *working in progress*. (*ibid.*)

“O desafio é fazer com que o exame [*exagmination*] possa circundar a ‘fabricação’ ou o ‘encantamento’ [*factificacion*] do ‘processo de deformação’ [*warping process*] em curso.” (Mandhil, R. 2003, p. 17) O processo de deformação que sofriam seus textos por meio da sua escrita era algo gradativo, até o ponto, como já mencionamos, de o leitor não conseguir mais ler os escritos. Nesse processo, o leitor, além de testemunhá-lo com sua leitura, também é convidado a circundar a engenharia que está em curso, para tornar viável essa deformação.

Mandhil (2003) comenta sobre o que interessou especialmente à Lacan, na condição de um leitor diferente de Joyce, distinto da interminável decifração a qual se dedicavam os universitários:

Lacan leitor de Joyce, como veremos, não recua diante da questão da legibilidade de seu texto, nem se esquia de dar sua opinião a respeito da verdadeira indústria cultural que se criou em torno do nome James Joyce, capitaneada pelos meios acadêmicos (Derrida chega a imaginar o que seria um computador gigante de estudos joycianos). Se Lacan não mostra qualquer intenção de se somar à família dos *spelists* em Joyce, busca decifrar, no entanto, as razões que o teriam levado a produzir deliberadamente uma escrita que a cada dia convoca mais convivas- agora armados de programas de computador- para seu banquete. (Mandhil, R. 2003, p.20)

O que haveria levado Joyce a tornar público seu modo escritural é uma das perguntas de Lacan à qual abordamos no item 3.3 sobre a construção do seu nome e ego. Porém, agora o que queremos propor seria uma escansão em dois tempos, o momento da escrita de Joyce e o momento da publicação. Antes, um ponto importante é a questão da legibilidade.

Nesse caso específico, a legibilidade comprometida do seu texto leva a um tipo de compartilhamento com o Outro, ao qual endereça sua publicação para quase promover sua reconstrução. Isso porque, a esse suposto Outro, Joyce impõe uma forma de relação com a linguagem que tem como efeito sua ampliação,

menos referenciada a algum parâmetro consensual ou universalizante da língua. Por isso, diferente da abertura à qual se submeteria um produto acabado ao universal, à múltiplas interpretações possíveis do que é escrito, Joyce já inclui esse furo ou abertura dentro do seu próprio texto. Assim, torna o leitor ativo no processo de construção desse texto ao desdobrar as inúmeras camadas de interpretações possíveis e quase inesgotáveis da criação joyceana. Lacan, sobre isso, afirma:

Joyce, acho mesmo que não seja legível- não é certamente traduzível em chinês. O que é que se passa em Joyce? O significante vem recheiar o significado. É pelo fato de os significantes se embutirem, se comporem, se engavetarem- leiam *Finnegans Wake*- que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é mesmo o que há de mais próximo daquilo que nós analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler- o lapso. É a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidades de maneira diferentes. Mas é precisamente por isso que aquilo se lê mal, ou que se lê de través, ou que não se lê. Mas esta dimensão do *ler-se*, não é ela suficiente para mostrar que estamos no registro do discurso analítico?

(Lacan, J. 1973/2008, p.43)

Diferente do que se tenderia a pensar, Lacan, assim como Joyce, não tinha a intenção de ser lido, no sentido unicamente da compreensão, mas se dar à decifrar. Para além do significado, o que prepondera é o significante em sua materialidade. O significado enigmático é promovido pelo lapso ou ato falho dos significantes em alusão à uma das formações do inconsciente, que liberam diversos sentidos a partir de uma única inscrição. Da mesma forma, aquilo que não é traduzível, presente nessa escrita, se lê mal, segundo Lacan, ou se lê de viés, tal como o inconsciente. Os significantes se engavetam ou copulam entre si, e isso não é arquitetado com vistas à atingir o sentido ou a significação, mas unicamente se deve a um modo de satisfação particular de Joyce – que, no item 3.4, chamamos com Lacan de seu *sinthoma*.

3.8

Transcrever, traduzir e transliterar

Escrever se chama transcrever quando o escrito é regulado pelo som, traduzir quando se baseia no sentido e transliterar quando é regido pela letra. (Allouch, J. 1995, p. 15)

Antes de comentar essas três modulações da escrita, voltaremos à questão dos dois tempos entre escrita e publicação. Tanto em Schreber como em Joyce, a publicação se dá em um segundo tempo. Primeiro, Schreber concebe seu delírio para, depois, decidir torná-lo público ao mundo, à fim de que todos saibam de sua missão. No caso de Joyce, poderíamos supor que a publicação se dá em um segundo tempo, mas temos a impressão, em sua experiência, que o ato de escrever e a definição decorrente desse ato, são duas coisas que ocorrem quase ao mesmo tempo.

Ou seja, o fato de ser endereçado à um Outro ou publicizado não poderia ser dissociado da razão pela qual Joyce reage ao Outro, destruindo sua língua e demarcando um próprio fazer, imbutido no ato de escrever ou no seu estilo. Desde o início está a articulação com a língua do Outro, por meio da imposição da sua experiência, que o empurra à reconstruir outra língua, quase como a língua fundamental de Schreber.

Agora, vamos às modulações de escrita: a transcrição, termo que já aludimos logo no primeiro item deste capítulo, seria próximo ao trabalho efetuado por Aimeé, e também ao que é realizado por Schreber. E equivalente à primeira vista, a transformar o som da fala na sua escritura, o mais fiel ou próxima desse som.

Lembrando que o som que é transcrito é o da fala, por isso, o que o orienta é o sentido. Essa definição simples está calcada na já citada, mas melhor descrita aqui por Allouch: “Transcrever é escrever regulando o escrito com base

em alguma coisa fora do campo da linguagem. Assim o som, reconhecido fora deste campo [...]”. (Allouch, J. 1995, p. 15)

Logo em Schreber, o delírio que vai se sistematizando ao longo da sua doença estabiliza as alucinações ou o som fora do campo da linguagem por si só. Mas, ainda transcrevê-lo, parece selar seu efeito e torná-lo talvez mais afixado, justamente por realizar a mesma operação.

Em Joyce teríamos que usar, para o segundo tempo aqui marcado da publicação, talvez outro termo. Lançaremos mão da transliteração, mas não sem a tradução. Sobre a transliteração, Allouch declara: “Transliterar é escrever regulando o escrito no escrito; a especificidade desta operação aparece melhor onde se lida com duas escrituras diferentes em seu próprio princípio.” (Allouch, J.1995, p.16)

Para entender esse modo, que talvez se aproxime mais do que faz Joyce ao publicar, Allouch diz que ele inclusive se aproxima muito da transcrição. Porém, realizaria a transposição de algo que está escrito para outro sistema de escrita não pelo seu sentido, e sim pelas suas letras e relações destas umas com as outras, que serviriam de comparação e uso homólogo nesse outro sistema de escrita. De qualquer modo, essas modulações ou diferenciações descritas por Allouch englobam uma terceira, que é a tradução, e nenhuma delas atua sozinha, elas se articulam entre si. (Allouch, 1995, p. 17)

Verifica-se a definição de cada uma e suas distinções no parágrafo de abertura. A tradução é a mais comum, é a que pensamos fazer mesmo quando usamos a transliteração, que é a guiada pelo sentido. Quando se lê algum texto, para decifrá-lo, se propõe sua decifração baseada no que se captou de sentido transposto para outro sistema de linguagem. Aqui já ocorre uma mistura da transliteração com a tradução. (*ibid.*)

Por que Joyce realizaria uma tradução com ênfase na transliteração? Primeiro porque, como já expressamos, por meio da *transliteração*, Joyce cifra algo da ordem do sem sentido que o invade, mas não o cifra unicamente pelo sentido, que seria reduzi-lo à tradução. Também o torna presente pela manobra com a letra. A transliteração, associada à tradução, faz uso das letras pensadas em

separado e fora do seu sentido habitual, ou injetadas de todos os sentidos que se deseja, e as explode na sua unidade semântica, o que vai contra ao que seria à mera transcrição de uma narrativa ou acontecimento amarrada pelo sentido ou sequência de fatos.

Faz surgir, a partir de uma manobra com a letra, um neologismo, deformação linguística valorizada, por caracterizar a imposição da criação de nova palavra ou formato semântico que se dobre à tradução que busca promover das alucinações. Não seria também, inclusive, um sistema de escrita pautado em regras ou leis internas. Trata-se de uma escritura pautada em abarcar o máximo de possíveis sentidos ou o não sentido. E ainda, como foi visto, no ítem anterior, a publicação realizada por Joyce do que escreve inclui seu próprio *sinthoma*. Ou seja, cava um lugar no Outro como condição para a existência de sua obra, para que a obra sempre esteja como inacabada e desperte o desejo em seu leitores rumo a desvendar a escrita *transliterada*.

De um lado, Joyce realiza primeiro um ciframento ao escrever o escrito corroendo seu sentido e, depois, convida aos seus leitores a decifrarem o que corrói por meio da sua publicação. Desse modo sua transliteração atinge a sua função esperada ao mesmo tempo em que estabiliza a unidade de uma obra, baixo a assinatura de James Joyce. Por outro lado, Schreber promove a transcrição do seu sistema delirante, que já antes de publicá-lo, possuía efeitos de estabilização. Logo, para terminar esse capítulo, vemos que publicar, nos dois casos paradigmáticos, significam algo distinto. Ficaremos por ora com os termos: transcrição do delírio e transliteração da loucura.

4.

Transcrição e Transliteração: hipóteses sobre outras formas de suplência a serem investigadas na oficina do jornal

4.1

Investigação inspirada na experiência de uma oficina de jornal no Caps

[...] exagerar no escrito é a única chance de se passar para outra coisa; isso é o paranóico quem diz. (Allouch, J. 1995, p.18)

A experiência resumida no capítulo 1 sobre a oficina do Jornal no Caps será usada como ilustração das formas de suplência, pela via da escritura, exemplificadas pelos usos da escrita paradigmáticos de Schreber, Aimée e Joyce.

Uma breve recapitulação: perguntávamos-nos, no capítulo 1, de que forma um sujeito poderia se beneficiar do ato de escrever. Chamamos de ato de escrita a atividade do escrevinhador, à diferença do poeta, para esclarecer que, quando Lacan se refere a “produção literária” do psicótico não está se referindo à criações literárias ou falando de literatos, mas sim entendemos se remeter à quem cobre folhas de papel com a escrita. Também nos ajuda a fazer uma distinção ao chamar a escrita de ato ou atividade da escrita, para promover uma diferença ao fato de que há escrita para todos os lados, através da presença da estrutura da linguagem, como bem demonstramos no capítulo 1, que permeia nossa constituição de sujeito, com o inconsciente, o postulado delirante, etc.

No capítulo 2, vimos com Schreber que, além dele se objetivar como sujeito através do seu postulado delirante, que tem caráter de escrita, também tinha a necessidade, em um segundo momento de passar isso para o papel. O que chamamos com Allouch (1995) de transcrição do delírio. E, ainda em terceiro tempo, vimos que essa transcrição é tornada pública, o que inclui uma exigência de reconhecimento por parte de Schreber. Esse reconhecimento é uma demanda

de aceitação do Outro da sua certeza delirante, o que tem efeitos diretos na reconstituição dos seus direitos civis e a sua inclusão na sociedade.

Agora nos colocamos a seguinte questão: se a objetivação do sujeito já é realizada quando Schreber constrói sua trama delirante – que seria o verdadeiro ato anterior à atividade do escrever, que é a invenção do delírio como solução para suas vivências fragmentadas – logo, o ato de escrever parece ficar em segundo plano. E isso nos interroga: por que Schreber, após a construção delirante, precisa passar isso para o papel?

Essa passagem para o papel, ou transcrição do delírio, a princípio parece sem importância. Porém, há duas coisas que aparecem aqui: Schreber e os demais participantes da oficina continuam insistindo, exageram passando para o papel sua escrita. Dá a sensação que tem algo a mais que eles vão conseguir quando escrevem. Nesse sentido, Allouch (1995), em nossa citação acima, afirma também que escrever é a única chance de se passar para outra coisa, a partir do que testemunha um paranóico.

Passada a dimensão do ato de escrever promotora da transcrição do delírio, abordamos James Joyce, no capítulo 3. O que ele faz é promover uma criação no texto, que parece dar um lugar ao sujeito de uma forma diferente da escrita da transcrição do delírio. Isso que Joyce faz com a linguagem a partir da sua escrita chamaremos de transliteração. Esse termo, também pertence a Allouch (1995).

A criação do sujeito como produto da forma transliterária de escrita não parece ser a mesma coisa que a objetivação do sujeito pela transcrição do delírio, a partir da metáfora delirante. Esse ponto nos interessa. Porém, não avançaremos por ora muito além do que expor essa problemática, o que deixaremos para estudos futuros.

Ainda entre transcrição e transliteração, temos um terceiro termo que exemplifica outra passagem da fala para a escrita, ou da escrita para a escrita, que é a tradução. A tradução, também citada por Allouch (1995), ficará para nós do lado do que faz Joyce quando translitera. Vimos o porquê no item 3.8 do capítulo 3.

Logo, ficamos com as três dimensões da escrita propostas por Allouch (1995), são elas; a transcrição, a tradução e a transliteração. Situaremos Schreber e Aimeé do lado da transcrição e Joyce da tradução e transliteração. Não desconsideramos a complexidade dessa categorização provisória, que não pretende abarcar ou reduzir toda a dimensão do ato de escrita por meio dessa simples descrição. Mas, acreditamos que essa categorização pode operacionalizar certos modos específicos de fazer suplência através da escrita. Pedimos licença, à diferença dos capítulos anteriores, para sermos mais guiados pela intuição, a fim de termos a liberdade necessária de propor hipóteses mais livres.

Pois bem, quando os participantes da oficina de jornal escrevem na folha de papel, estão por vezes, realizando transcrições ou transliterações. E ademais, há ainda outra dimensão, que é a da publicização, o que aparece de duas formas: primeiro, quando os participantes do grupo do jornal leem o que eles escrevem no próprio grupo. E segundo, quando expedem sua escrita por meio da publicação no jornal local que vai para além do grupo interno do jornal e chega ao mundo externo e para o seu contexto social. Hipoteticamente, nos nossos casos paradigmáticos, a publicação fica restrita à segunda dimensão, relativo à por exemplo, o momento quando Schreber publica seu livro e reivindica que o Outro não ignore o que ele passou, e em Joyce quando a publicação se associa a fazer um nome. Ficaremos com esses dois para não nos confundirmos.

Veremos, a partir da descrição da escrita de três escrevinhadores da oficina do jornal, se essa atividade teve efeitos sobre eles, e quais as diferenças entre eles. Humberto, Jonas e Gustavo²⁸ são os participantes que serão aqui colocados em evidência e que foram os que se mantiveram constantes nesse grupo do jornal.

Todos eles já possuíam a atividade da escrita presente em suas vidas, com diferentes finalidades, para se expressar, desabafar ou descrever uma experiência. Logo, a atividade de escrita já acontecia de forma solitária em casa. Com a oficina, isso podia ser coletivizado.

²⁸ Os três nomes citados são fictícios, a fim de preservar o sigilo dos pacientes, que são usuários da instituição do CAPS, à título de lembrança, pois isso já foi citado no Capítulo 1, item 1.1.

Partiremos, então, agora para uma exemplificação do que era mais marcante no estilo de cada um em seu ato de escrita, lembrando que aqui não faremos alusão ou articulação com o caso clínico do paciente que escreve, preservando, assim, sigilo sobre as informações contidas em seus prontuários.

Nossa análise se baseará menos na sua história clínica e mais pelo seu fazer em si, que é nosso objeto de investigação, que nos levou a percorrer toda a trilha teórica disposta até então. E, antes de realizarmos essa descrição, faremos um breve comentário sobre a maneira própria da psicanálise interpretar os escritos desses pacientes.

4.2

O inconsciente interpreta

De hecho siempre resultará problemático interpretar ‘desde el exterior’ un texto hecho de tal manera que solo admite una lectura, por decirlo así desde el ‘interior’.²⁹

(Bassols, M. 2010, p.29)

Essa afirmação nos sugere que, diante da obra do escritor ou teórico, como foi o caso do filósofo catalão Lull, à quem Bassols dedicou sua tese de doutorado, não se interpreta de fora. Ou seja, não se deve somar sentido externo ao que se articula internamente ao texto e traduz uma subjetividade.

Nas palavras de Bassols (2010), não se trata de julgar as diversas interpretações que advieram do texto do autor. Em nosso caso, também não nos interessa explicar a forma específica de escrever de cada paciente articulada a sua patologia ou como expressão de qualquer causalidade psíquica observável fora do conteúdo do que diz ou expressa sua própria escrita. Desconheceremos, a nível de

²⁹ Tradução livre do espanhol: “De fato sempre será problemático interpretar ‘desde o exterior’ um texto de tal forma que só admita uma leitura, por dizer assim desde o ‘interior’.”

intenção, seu histórico patológico ou sentido ligado a explicar determinada escolha consciente ou não em seu estilo de escrever. Por isso, não somos nós, quem interpretamos, e sim o “o inconsciente interpreta”. (Miller, J-A. 1996, p.10)

Esse termo alude à proposição condensada por Miller, extraída do ensino de Lacan, sobre o ininterpretável das formações das defesas psicóticas. O delírio, as alucinações ou qualquer outra sintomatologia psicótica, em resposta à invasão de um Outro devastador, não se interpreta. Mas, se o inconsciente e não sua historiografia é quem interpreta nesses casos, estamos nos referindo a um, novamente usando outra expressão famosa já usada aqui: “inconsciente a céu aberto”. (Lacan, J. 1975/2007, p.160)

No caso de Lull, descrito por Bassols, como ele mesmo afirma, o inconsciente concede a melhor interpretação da sua obra. Isso significa que, contido no próprio fazer ou intenção quando o autor escreve, o autor transcreve o que já foi cifrado pelo delírio, acerca do enigmático gozo do Outro invasor. Na transcrição do delírio, vimos que ele vem a dar sentido a algum tipo de experiência elementar ou mesmo promove a criação de neologismos, com a deformação do formato usual das letras para caber o que não cabe em nenhum lugar.

Logo, não é demais lembrar que quem nos brinda com interpretações serão os próprios autores. E, assim como Lull, tratam de interpretar a partir do delírio, o que aparece de forma enigmática e real. Em um segundo momento, eles têm a necessidade não sempre, de escrever, transcrever ou transliterar, de forma às vezes reiterada e excessiva. Há uma força enigmática, que os arrasta e impulsiona à esse trabalho incessante.

Existe algo que, como afirma Lacan, não cessa de não se escrever, e que vai funcionar como o motivo que os impulsiona a escrever como a ferramenta mesma que contam para se estruturar. (Lacan, J. 1973/2008, p.65)

O impossível de ser escrito e vivido, à diferença da neurose, não funciona aqui como algo a se buscar, que se projetaria no horizonte ou tempo futuro, mas sim se apresenta como presença maciça e presente no aqui e agora que impele o sujeito à lhe dar alguma imediata resposta.

Logo, frente à essa específica problemática, o psicanalista deve: “dejarse enseñar por la interpretacion del sujeto del inconsciente y no querer rellenarla con un saber supuesto exterior”.³⁰ (Bassols, M. 2010, p.31)

Insistimos aqui, seguindo a ideia do autor e a concepção lacaniana, de nos deixar levar ou orientar pelas soluções ou respostas vindas do lado do sujeito psicótico frente à sua problemática e não atuar ou interpretar a partir do nosso saber suposto e externo à essa realidade. Dito isso, vamos à eles, os autores e suas interpretações.

4.3

Os três escrevinhadores paradigmáticos da nossa experiência

4.3.1 Morris West

Custa tanto ser uma pessoa plena, que muito poucos são aqueles que têm a luz ou a coragem de pagar o preço. (Morris, W. 1954)

Vamos agora, partir para o material que nos serviu de inspiração, e que é composto de três diferentes tipos escriturais. O primeiro referente ao autor Jonas³¹, que faz uso da epígrafe do famoso escritor Morris, dramaturgo e católico australiano, e será uma tentativa de torná-lo próximo à nós e explicitar sua intenção declarada.

³⁰ Tradução livre do espanhol: “deixar-se ensinar pela interpretação do sujeito do inconsciente e não querer preenchê-la com um saber suposto exterior.”

³¹ Foi concedida por Jonas e todos os outros dois participantes da oficina, citados depois dele, como Gustavo e Humberto, a devida autorização assinada por eles próprios para tornar público seu estilo de escrever e partes da sua escrita, material também concedido pela oficina do jornal. (Ver anexo III)

Morris West foi escolhido porque é citado por Jonas, um autor muito caro de quem gosta muito e alguém de quem o conteúdo do que escreveu lhe serviu de interpretação, ou seja, lhe era solidário sobre sua própria experiência no mundo.

Morris West escreveu *best-sellers*, sobre temas acerca da religião e suas corrupções escusas, inerentes aos jogos de poder. Escreve também sobre situações nas quais o personagem principal, se vê confrontado com o que é certo ou errado do ponto de vista da espiritualidade, ou seja, da moral católica. E sustenta que, por vezes, para atingir um bem maior ou em nome de algo nobre, os meios ou algo moralmente errado se justificam. A frase em destaque, ao início deste subitem, ressalta esse aspecto que, para atingir a plenitude, se deve pagar um preço, ou seja, cometer um ato imoral muitas vezes. Acreditamos que essa frase seja complacente da experiência de sofrimento e percalços de Jonas, que crê possuir a plenitude que lhe foi concedida por Jesus Cristo.

Morris teria funcionado para Jonas como representante expressivo das suas próprias ideias, o que se deve à temática religiosa crítica. Como, por exemplo, critica o fato de existirem corrupções por detrás do que se prega na religião originalmente: “Não devo esquecer que a Bíblia foi escrita pelo homem para ganhar dinheiro. Muitas coisas foram ditas pelos seguidores de Jesus que aconteceu, mas há muita mentira nessas 2000 folhas de papel [...]” (Jonas).

Aqui, há sinais de desconfiança dirigidos à Bíblia por ela ter sido redigida por um homem, ao qual é suposto outro interesse, além do religioso. “Há muita mentira ao longo de todas essas folhas” (Jonas). Jonas expressa que há algo que não está garantido, nem mesmo pelo documento mais universalmente aceito como referência paradigmática cristã.

Logo, por toda essa correlação, Jonas afirma que sente que o que o autor escreve lhe teria sido especialmente dirigido. Cita inúmeros livros dele que teria lido e destaca alguns como os que mais gostou, dentre eles *O advogado do Diabo*, *Fantoches de Deus*, *Arlequin*, *A salamandra*, dentre outros. Jonas enaltece o autor Morris, e sugere para qualquer pessoa ao se apropriar de qualquer um dos seus livros, buscar a edição mais antiga, posto que seria a mais próxima do livro original.

Certamente esse autor lhe confere esse efeito. Jonas afirma ainda que todos os livros que já leu desse autor muito o emocionaram. O considera um profeta, assim como ele próprio o nomeia. De fato esse autor é nomeado assim por diversos críticos, por ter escritos premonitórios em determinados temas. Como por exemplo, ter escrito sobre um “Papa argentino”, quando depois esse fato se torna realidade.

Vale ressaltar que, esse efeito em Jonas não é exclusivo desse autor, mas sim também acontece em diversas outras referências: intérpretes da música brasileira, compositores e personalidades famosas. Porém, esse foi o escolhido, porque é também um escritor universal e possui obra acessível.

Jonas, em seus textos, além da referência à outros autores, também costuma copiar letras de música de alguns específicos compositores, como Luís Gonzaga, Gonzaguinha, Arlindo Cruz, dentre outros. As letras das músicas, também funcionam como representações do que pensa ou sente. (cf. em Anexo II, Fig.1)

Ademais, também escreve acerca da sua história, ordenada por datas e frases precisas; onde se descreve nesses momentos como “ser especial”. Quando escreve sobre si, afirma ter sido fruto de diversas encarnações, as nomeia em seus textos com nomes de diversos famosos, tais como os compositores já citados, de quem se inspira para copiar as letras e afirma dizerem sobre seu sentimento mais profundo. Para citar alguns da série: Lampião Cabra da peste, Gonzaguinha, Arlindo Cruz etc.

Para concluir esse subítem, o escritor em questão testemunha e denuncia em alguns de seus escritos, ao menos os que foram selecionados dentre tantos, que há algo de errado com relação à norma ou referência que seguem todos. Como resposta, a única referência na qual pode confiar e sente ser verdadeira é a sua própria, ele é Jesus Cristo. As demais Igrejas pregam algo distinto e nem sempre fiel ao que seriam os desígnios verdadeiros de Deus.

Ele é sua encarnação mais próxima: “Não voltei para cobrar e sim perdoar já que ninguém é bom ou mal pela própria natureza. Existe solução para tudo e para todos. Sei que isso não é para hoje nem para amanhã, mas é certo.” (Jonas)

Assim como para Schreber, que é de quem mais essa escrita se aproxima, Jonas possui uma solução e saída para todos por meio do perdão, que ele, como Deus, pretende conceder a todas as criaturas. Schreber, para redimir a humanidade, tinha que sofrer uma transformação ou emasculação em mulher. Sendo mulher, poderia copular com Deus e originar nova raça. Por esse mesmo caráter de construção da metáfora delirante, vamos designar a escrita de Jonas como a transcrição do delírio já previamente estabelecido. Por isso, seu caráter mais testemunhal e missionário.

4.3.2 Gustavo e o desenho gráfico

Gustavo, o segundo participante que será aqui citado, costuma ter como maior inspiração, desenhos que são, em sua maioria foguetes, ou tal como ele os nomeia, projetos de foguete que afirma ter desenvolvido para a Nasa e que foram lançados como os primeiros foguetes a existirem. (cf. em Anexo II, Fig.2)

O desenho impressiona pelos inúmeros detalhes, presentes em cada um dos andares ou seções do foguete, onde ele escreve o que contém em cada seção: quatro turbinas, quatro barbatanas, repetidos em todas as seções e em uma primeira: três homens e três mulheres. Do outro lado, se lê uma descrição análoga ao modo de funcionamento em cada seção: nave 5 liga o elétrico da nave 1 um, nave 4 liga o elétrico da nave 2 dois, nave 3 três liga o elétrico com os astronautas, que sobra 2 naves que é 1 uma (Ausbra) e na última sessão 1 relógio Teknt. Esse era, então seu desenho mais repetido, o que mais vezes costumava fazer. Já vinha com o desenho pronto, sempre um novo mas parecido com os anteriores, com a intenção de nos mostrar no grupo da oficina e ser publicado no jornal.

Outro desenho que fazia, não tão frequentemente como o do foguete, mas que nos chamou atenção é a figura de quatro círculos que continham escrito dentro dos círculos: Sol Pai, Lua filha, Marte meio irmão, Terra mãe. Incluído nesse desenho, a observação : “na lua deve ter dinossauro”. (cf. em Anexo II, Fig.3)

Importa notar que, aqui a escrita de Gustavo não é narrativa e sim demonstrativa graficamente da ideia do que ele entende ser a construção de um foguete e os planetas, aos quais o foguete o levaria. Além desses frequentes desenhos, também é presente em sua escrita, descrição de alguma cena ou situação ocorrida em contexto das forças armadas, a marinha, o exército, ou também a religiosa. Em uma dessas cenas, descreve uma seguinte situação:

Título: Tentação. É Satanás levou Jesus ao monte de 1 um pináculo e disse Satanás se atira daí lá embaixo que seus anjos se amparará para que não despeda asas lá embaixo disse Jesus vai te Satanás não tente teu Deus com provas tolas .

Aí vieram os (anjos) anjos de Jesus e o serviram. (Gustavo)

Assim como essa descrição, em diversas outras situações Gustavo testemunha algo da salvação ou pecado em ambos os contextos: além do religioso, também nas forças armadas. Poderíamos supor intuitivamente essas escritas descritivas, como reiteraões de algum pecado vivido que teve que ser exortado ou coibido. Todas essas descrições estão também do lado da transcrição delirante. Gustavo testemunha algo que lhe sucedeu e nos concede sua interpretação como solução de alguma suposta experiência pecaminosa.

Essa escrita, com sua especificidade gráfica, também expressa uma sistematização de uma ideia delirante que se situa mais do lado da transcrição do delírio.

4.3.3 Humberto e a precisão da letra

A última escrita a ser abordada será também destacada no próximo item, por ser diferente dos outros dois anteriores, veremos agora porquê. Humberto também é assíduo nas reuniões da oficina de jornal. E costumava vir com um

texto já pronto, com o intuito de lê-lo para o grupo. Os temas eram previamente encomendados pelo grupo por serem de interesse coletivo para a publicação no jornal local.

Seu conteúdo trata de temas que são pescados em jornais comuns como: sinopses de espetáculos, resumo de histórias sobre esportistas, artistas ou intelectuais, notícias sobre o contexto próprio da saúde mental, como a luta dos trabalhadores para obter melhores condições de trabalho, manifestações ocorridas na Câmara dos vereadores por parte dos trabalhadores e usuários, homenagens a pacientes falecidos. Também incluía temas encomendados por demanda da instituição, tal como datas festivas do dia dos pais, das crianças, dos namorados etc.

Fora o conteúdo, o que mais chama atenção em sua escrita é a forma da letra e grafia que realiza. Esse é o aspecto que será especificamente destacado e vamos tentar explicar sua importância. Humberto relata que realiza inúmeros rascunhos até chegar na forma ideal, mais simétrica possível: desde a disposição das linhas entre uma frase e outra, até a distância entre as letras e recuos dos parágrafos.

O próprio formato inerente a cada letra costuma ser de idêntica altura e largura iguais às outras, por isso a impressão, em uma visão afastada do seu texto, nos dá a impressão de se tratar de um manuscrito ou obra de arte. A precisão dessa forma das letras é tanta que de longe não se enxergam palavras, e sim caracteres que se assemelham a códigos e desenhos minimalistas, próximo ao que seria uma escrita chinesa ou japonesa, onde a forma dos desenhos de longe parecem códigos. (cf. em Anexo II, fig.4)

Além da forma chamativa da sua letra, no início de cada texto costuma escrever um mesmo bordão que sempre se repete. Começa escrevendo algo como: “Hoje venho por meio dessas linhas mencionar por escrito, um tópico que vem movimentado minha cabeça e coração...” E termina com: “Agora [...] venho por meio dessas linhas mencionar por escrito a minha opinião sobre esse assunto[...]”. Ou seja, notamos aqui como há algo do caráter reiterativo presente no conteúdo também.

Ocorre que no meio do texto, entre o início e o final, se repetem também as datas e dados completos acerca de um evento ou situação. Além de nomes completos de quem cita e também das instituições. Essa alusão às referências aparece em demasia, pois não importa que já a tivesse mencionado no início da frase, volta a repetir a cada data ou nome completo assim que os pronuncia. (cf. Anexo II, Fig. 4)

O visual destacado aqui do seu texto é muito importante, porque o formato e a precisão da letra é o que se encontra em relevo e guarda a sua especificidade em relação à escrita. Percebeu-se aqui, que diferente de Humberto, Schreber não estava preocupado na forma ou métrica da letra que escrevia, mas com o conteúdo, que queria divulgar para toda humanidade. Já aqui a forma da letra é colocada em primeiro plano.

Sabemos que, de forma genérica, quando uma criança aprende a ler e a escrever uma das primeiras coisas que precisa aprimorar é a forma da letra, para que ela seja entendida da forma mais universal possível. A criança abre mão do garrancho ou assinatura mais pessoal para realizar uma escritura limpa, excludente da rasura que possa ser lida no sentido de compreendida. Lacan deu ênfase a esse processo denominando-o “alfabestização”. (Lacan, J. 1973/2003, p. 504)

Nesse caso, especialmente seria algo diferente do que se trata. Aqui não é a escrita de uma criança, mas sim de um adulto, paciente psiquiátrico. O que já de início torna a perspectiva diferente, pois não é uma criança aprendendo a tornar seu garrancho uma caligrafia do alfabeto. O que está em jogo na perfeição da forma com que Humberto esculpe as letras e as torna simétricas? Seria um traço obsessivo, em um psicótico? Ou haveria outra coisa por detrás da ênfase dada por Humberto a essa forma de escrever? Seguimos para nos determos mais nessas questões.

4.4

Um estilo jornalístico que será destacado

Humberto será dentre os três escrevinhadores, como já havíamos anunciado, o caso paradigmático que será destacado. E, por que?

Para responder sobre essa escolha, antes retomemos a idéia que nos leva a pensar os outros dois escrevinhadores anteriores. O primeiro diz respeito a uma escrita do delírio, como já comentado no subitem 4.3.1. Ou seja, é o esforço desse paciente de transcrever o que ele já antes possuía como conhecimento delirante. Nesse caso parecido com Schreber, trata-se da demonstração ou afirmação de ter sido ele o escolhido por Jesus para ser a reencarnação de diversas personalidades importantes, famosos da história, música e até literatura. A descrição sobre como vive e pensa ele, reencarnação dessas pessoas é o conteúdo do seu texto.

O segundo, Gustavo, faz coisa parecida, mas a partir dos desenhos gráficos repetidos, que reiteram o caráter de invenção delirante que ele mesmo afirma ter logrado. Foi ele o inventor do foguete e o reitera a cada vez que desenha uma espécie de projeto desta espaçonave, na qual destaca o que deve conter e sua forma de funcionamento para ligar o aparato motor. Além desse, existe outro desenho também onde descreve como seria a lua etc, e a descrição de situações muito curtas, ou mesmo de revelação, onde deus e seus discípulos, assim como ele, em sua época do exército e marinha, se encontram presentes.

Sim, e Humberto, por que será destacado dentre esses? Acreditamos que o que se pode visualizar na escrita de Humberto não é da ordem de algo relativo à um conteúdo delirante, ou seja, não se trata da transcrição de um delírio previamente armado. Mas então o que seria? Sua escrita não é delirante, mas parece tornar presente algo próximo do que realiza Joyce com a sua específica escritura da transliteração.

Ou seja, Joyce não escreve descrições ou pura narrativas e depoimentos, como faz Schereber, a partir da revelação da sua missão diante do mundo, e sim faz através de um trabalho incessante, a promoção da destruição da língua inglesa. E Humberto poderíamos supor que também presentifica algo da ordem real, ou

tenta afastar algo do real por meio de todo seu esforço no esmero da forma das letras

Nossa hipótese, tal como Joyce nos demonstra, estaria do lado de que, assim como Joyce não enlouquece, na medida em que tece sua obra e como consequência de torná-la pública faz um nome, Humberto não enlouquece, na medida em que materializa uma fixidez presente no formato da letra. Porém, ao contrário de Joyce, que explode com a unidade semântica ou o uso habitual de uma determinada palavra numa frase, Humberto busca obter uma fixidez que conceda ao seu texto um corpo. Um corpo ou unidade buscada a partir da sua forma, que não se encontra previamente amarrada, como num delírio que poderia ser transcrito como fez Schreber, Jonas e Gustavo.

Ou seja, nossa aposta é que é a partir do ato de escrita, que algo que não existia antes se constitui para esse paciente. Para isso, ele precisa escrever, ou insistir nessa passagem, como vimos no 4.1. E parece que o polimento da letra que realiza, consagra ou faz passar para outra coisa algo que experiencia.

É no ato mesmo de escrever que algo se sedimenta para Humberto, assim como para Joyce, que faz peripécias com a palavra. No que se escreve, algo se obtém, diferente do momento anterior. O que se obtém?

4.5

O caso de Humberto e sua escrita jornalística

Humberto é um paciente, como já dito antes, extremamente rigoroso, não só com sua assiduidade na atividade do jornal, como também com sua seriedade na escrita e leitura. Previamente já traz de casa o texto que gostaria de ler à todos naquele grupo. Lê e, quando interrompido na sua leitura, pede atenção e concentração para terminar. Acha qualquer comentário advindo de alguma crença delirante de algum outro participante, uma bobagem, e segue sua leitura.

Quando lê é extremamente criterioso. Caso encontre algum erro ortográfico no caminho, na mesma hora se justifica em voz alta e o concerta.

Também é igualmente rigoroso com as informações lidas em determinado jornal ou fonte no qual ele se baseia para fazer as afirmações presentes no seu texto sobre determinado tema específico do qual ele não contém o domínio. Repete o que o jornal que leu diz, e apenas acrescenta ao final uma observação pessoal, no formato: “venho mencionar minha opinião sobre este assunto...”.

Logo vemos pelos traços específicos presentes na sua participação no grupo do jornal o quão importante é para ele as formalidades e não dubiedades com relação ao que se diz, se fala ou se escreve. Para evitar qualquer coisa do gênero, ele repete o que lê. Não parece acrescentar nada de pessoal, apenas acrescenta o seu estilo de organização da escrita ou forma das letras, como já destacado. Ou seja, a sua escrita seria onde mais seu estilo é premente, e por isso foi escolhida também como a atividade a ser mais valorizada.

À que se deve uma escrita nesse determinado formato ou estilo? Antes dessa pergunta, melhor ainda nos determos em seu estilo. O jornalístico, assim nomeado, o foi justamente pela fiel descrição objetivada dos fatos que ele nos concede, tal como se lêssemos um jornal ou assistíssemos a um telejornal nacional que contenha a repetição de jargões ao início e final da apresentação, assim como a descrição dos fatos o mais fiel possível ao que teria sido aos acontecimentos.

4.6

Qual teria sido a função da escrita nesse caso? Apostamos haver proximidade à função de suplência

Chamamos aqui de *transliteração*, o específico estilo de escrever de Humberto, por transpor uma idéia factual jornalística por meio do esmero na forma da letra. Nossa pergunta, que ficará como um apontamento diante do nosso percurso, seria: a *transliteração* realizada por Humberto, que também é tornada pública, assim como a *transcrição* realizada por Gustavo e Jonas, serviram para promover uma suplência?

No caso de Humberto, apostamos que seu estilo próximo ao de Joyce serve como uma compensação ou suplência para amarrar sua vivência subjetiva. E será

que, sendo assim, a publicação que, em Joyce serviu para fazer um nome, nesse caso de Humberto, qual função obteve? Assim, como em Schreber, para quem conseguimos afirmar que a publicação teve efeitos benéficos pelo resgate da sua autonomia civil.

Nesse ponto em que estamos, apenas podemos, em parte, afirmar os reais efeitos de suplência ou compensação fruto da forma de escrever de Humberto, por isso deixaremos essa dimensão – e também a relativa à publicação – para futuros estudos. Por ora, somente ficaremos com a importância da dimensão da publicação presente em todas as formas variadas de fazer suplência, desde a *transcrição* do delírio até essa presente *transliteração*.

Conclusão

À título de conclusão, podemos inferir que as soluções de Schreber, Aimeé, James Joyce e também da oficina de jornal, em forma de suplência são de caracteres diferentes. A solução singular de cada um para sua articulação com o ato de escrever e o benefício dessa atividade, associado à publicação, nos levaram às seguintes associações.

Primeiro, catalogamos que o que Schreber faz em seu ato de escrita é transcrever sua metáfora delirante. Transcreve o delírio, delírio que antes de ser transcrito por meio da sua escrita, já tinha sido uma solução do sujeito, anterior para seus impasses subjetivos e dilaceramentos patológicos. Nesse sentido, ficamos com o ato de escrever em segundo plano, em detrimento da sua prévia construção delirante em um primeiro momento. Para então, depois nos interrogarmos que se escrever pudesse ser tão dispensável, porque ele, assim como James Joyce, Aimeé e os demais participantes da oficina de jornal, insistiriam em passar o que sentem e pensam para o papel?

Em segundo lugar partimos para James Joyce, onde essa insistência é mais evidente e, com isso também o benefício do ato da escrita e da publicação, associados a promover um ego e um nome concomitante à produção da obra e à tessitura de sua escrita.

Em nossos pacientes da oficina de jornal, tomamos a liberdade de catalogar através de Jean Allouch e do estilo e ato de escrita para cada um, formas diferentes de realizar essa suplência: por um lado, a *transcrição do delírio* schreberiano e, por outro, a *transliteração da loucura* joyceana.

Vimos a importância dos escrevinhadores em seu ato de escrita, distinguido da produção literária, o que implicava entender essa atividade apenas como o fato de cobrir com escrita folhas de papel em branco. Conseguimos localizar e demonstrar a partir do nosso percurso, que essa aparente simples atividade do ato de escrever, tem importantes efeitos benéficos que não podem ser esquecidos. E que, se os paranóicos insistem em passar para o papel é porque dessa forma, também se objetivizam como sujeitos e se materializam a partir do

texto que escrevem, assim como com as suas construções simbólicas delirantes e criações neológicas.

Não podemos deixar de citar que a presente dissertação também é agente desse processo a partir de seu próprio ato de escrita, quando da formulação da dissertação e depois da publicação da mesma. O que promove em última instância, a própria publicização tão desejada pelos participantes do jornal da sua escrita. Fato este que nos deixa com a idéia incipiente, de que o efeito dessa presente publicação, possa posteriormente ser recolhido, a partir do impacto que poderá gerar para cada participante, que aqui deixou sua marca. Deixaremos isso para futuros estudos, sem esquecer que foi para eles que exageram ou insistem em escrever que essa escrita se produziu.

Referências Bibliográficas

ALLOUCH, Jean. **Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar**. Tradução: Dulce Duque Estrada- Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

AMERICAN Psychiatric Association. (2013). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders** (5th ed.). Arlington VA: American Psychiatric Association.

BARTHES, Roland. (1973/2010) **O prazer do texto**. Editora: São Paulo: Perspectiva. Tradução: J. Guinsberg.

BASSOLS, Miquel I Puig. **Lull con Lacan. El amor, la palabra y la letra en la psicosis**. Editorial Grego, s.a: Madrid, 2010

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf

CAROLE Dewambreches- La Sagna (Bordeux) Suplências e Nome-do-Pai. In: **Opção Lacaniana**- número 50/Dezembro 2007.

C. SOLER. Los diagnósticos. **Revista Freudiana n.16**. Barcelona: EEP-Cataluña, 1996.

_____. Parte III:As psicoses. **Artigos clínicos: transferência, interpretação e psicose**. Salvador:Editora Fator, 1991.

CARONE, Marilene. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura In: **Memórias de um doente dos nervos**, p.7. Traduzido do original alemão por Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

CORPAS, F; VIEIRA, M.A. **Fora do campo da imagem: um ensaio sobre Bispo do Rosario**. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v5, n.2, Jun., 2011, pp.116-121.

_____. **Bispo do Rosario e a representação dos materiais existentes na Terra**. Publicado em: Tempo psicanal. vol.44 no.2 Rio de Janeiro dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010148382012000200010&script=sci_arttext

_____. **Arthur Bispo do Rosario: do claustro infinito à instalação de um nome**. 2014. 226 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2014.

DEFFIEX, Jean-Pierre Nome-do-Pai e Suplência. In: **Scilicet dos Nomes-do-Pai. Opção Lacaniana**- número 50/Dezembro 2007.

_____. Nome-do-Pai e suplência. **Opção lacaniana**, v.50, 2007, pp. 373-375.

DSM-IV-TRTM – **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. trad. Cláudia Dornelles; – 4.ed. rev. – Porto Alegre: Artmed,2002.

ELLMANN, Richard. (1959) **James Joyce**. New York: Oxford University Press, 1983.

FREUD, S. Edição standard brasileira das **Obras psicológicas completas** de Sigmund Freud, ESB, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

_____. (1905) O propósito dos chistes. In: **Obras Completas**, ESB, Vol.VII, parte III.

_____. (1905/1972) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Completas**, ESB, Vol. VII. P.242

_____. (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: **Obras Completas**, ESB, v.XII, p.15-89.

_____. (1912-13/1996) Totem e Tabu. In: **Obras Completas**, ESB, Vol. XIII. P. 13

_____. (1914/1974) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Obras Completas**, ESB, Vol. XIV. P.85.

_____. (1915c) O inconsciente . In: **Obras Completas**, ESB, vol. XIV, op.cit.

_____. (1916-1917) Conferências Introdutórias sobre psicanálise (parte III) In: **Obras Completas**, ESB, Vol. XVI, Conferência XXIII Os caminhos da formação dos sintomas.

_____. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: **Obras Completas**, ESB, Vol. XIX.

_____. (1937-1939) Moisés e o monoteísmo. Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: **Obras Completas**, ESB, Volume XXIII. Capítulo VII O aparelho psíquico e o mundo externo.

GUERRA, Andréa Maris Campos. **A escrita na psicose e seus efeitos no encontro com um psicanalista na atenção psicossocial**. Artigo disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/335/303>

GUTMAN, Guilherme. (2008) **Seminário Invenções**. Realizado na EBP- Seção Rio, no dia 6 de novembro outubro de 2008. Participação de Guilherme Gutman e Ram Mandhil. Transcrição de Leandro Reis.

JOYCE, James. (1914) **Dublinenses**. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____ (1922) **Ulisses**. Trad. Antônio Houaiss. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____ (1939) **Finnegans Wake**. London: Penguin Books, 1992.

_____ (1944) **Stephen Hero**. Theodore Spencer (Ed.). London: Grtafton Books, 1986.

_____ (1968) **Um retrato do artista quando jovem**. Elton Mesquita, tradução: Beatriz Kopschitz Bastos. – São Paulo: Hedra, 2013.

LAIA, S. **Os escritos fora de si**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

LAURENT, Éric. (1988) El sujeto psicótico escribe. In: **La psicosis en el texto**. Manantial, Bs. As., 1990

LACAN, MIGAULT, LEVY-VALESI y outros. (1931) Escritos “inspirados”: esquizofrenia. In: **Primeiros escritos sobre a paranóia**. Adendo à tese de doutorado Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LACAN, J. (1938/1978) **La família**. Barcelona, Argonauta, p.62.

_____ (1953/1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1953/2008) **O mito individual do neurótico, ou Poesia e verdade na neurose**. Rio de Janeiro: Ed.Zahar. p.9

_____ (1953) O simbólico, o imaginário e o real. In: **Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

_____ (1953-54/2009) **O Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud**. Pp.101-122; pp.339-355.

_____ (1955/1985) **O Seminário 2: O eu na teoria de Freud e a técnica da psicanálise**. p.366-367.

_____ (1955-56/1988) **O Seminário 3: as psicoses**.

_____ (1956) Situación del psicoanálisis e formación del psicoanalista em 1956. In: **Escritos**, p. 451.

_____ (1956-57) **O Seminário 4: A relação de objeto**.

_____ (1957-58/1999) **O Seminário 5: as formações do inconsciente**.

_____ (1957/1998) A instância da letra ou a razão desde Freud. In: **Escritos**, p.496.

_____ (1958/1998) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor , p. 562.

_____ (1961-62/2003) **O Seminário 9**: A identificação. Inédito. Tradução: Ivan Corrêa e Marcos Bagno-Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.

_____ (1964/2008) **O Seminário 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

_____ (1966/2003) Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In: **Outros escritos**, p.219.

_____ (1968-69/2008) **O Seminário 16**: de um Outro ao outro.

_____ (1971) Le savoi du psychanalyste. **Conferência na Chapelle Sainte-Anne**, de 4 de novembro de 1971, inédito.

_____ (1971-72/2012) **O Seminário 19**:ou pior

_____ (1971) **El Seminário XVIII**, De un discurso que no seria semblante. Inédito, léccion del 3 de marzo de 1971.

_____ (1972/2003) El atolondradicho. In: **Otros escritos**. Buenos Aires: Paidós, 2012. Pág. 490.

_____ (1973/2003) Televisão. In: **Outros Escritos**, p. 512.

_____ (1973/2003) Pósfacio ao Seminário 11. In: **Outros Escritos**, p. 503.

_____ (1974) **O Seminário 21**: Los incautos no yerran. (Los nombre del padre). Clase 14. Del 21 de Mayo de 1974.

_____ (1975-76/2007) **O Seminário 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____ (1977) **O Seminário 25**: O momento de concluir”. Aula de 20/12/1977, inédito.

_____ (1988/2010) Presentacion de la traducción francesa de las Memórias del Presidente Schreber. In: **Intervenciones y textos 2**. 1edição. Buenos Aires : Manantial, p. 27. Traduzido por Diana Rabinovich.

LÉVI-STRAUSS, C. (1908/1982) **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Editora: Vozes, Petrópolis, 1982.

MACHADO de Assis. O alienista. In: **Obras completas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1962.

MANDHIL, Ram. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria/Faculdade de Letras UFMG, 2003.

MALEVAL, Jean-Claude. **La forclusión del Nombre del Padre. El concepto y su clínica**. 1 edición Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. Foraclusão. In: **Opção Lacaniana**- número 50/Dezembro, 2007, p.153

MARON, G.; VIEIRA, M.A., MUÑOZ, N. M., BORSOI, P. [org.] **Caminhos de estabilização na psicose**. Rio de Janeiro: ICP-RJ/ Subversos, 2011.

MINISTÉRIO da Saúde: **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília-DF (2004). Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_Joyce_Lacan_notas_escrita_psicanalise.doc

MILLER, Jacques-Alain. (1983) Conferência de clausura de las I Jornadas del Campo Freudiano en Espana, Bilbao, 17 de abril de 1983. Inédita. In: **A propósito de la psicosis: síntoma e fantasia**

_____. (1991) Clínica diferencial de la psicosis. In: **Caderno de resumos do Seminário**. Realizado entre janeiro de 1987 e março de 1988. Paris: Instituto do Campo Freudiano, 1991.

_____. (1996) **Entonces Shh!**. Eolia: Buenos Aires.

_____. (1996) **O avesso da interpretação**

_____. (1997-98) **El partenaire-síntoma**. 1edicao 2 reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 2011

_____. (1997-98) Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica. In: **A conversação de Arcachon**. Tradução: Luiz de Souza Dantos Forbes. Revisão técnica: Angelina Harari.

_____. (2003) A invenção psicótica. **Opção Lacaniana**- número 36/maio 2003.

_____. (2006) Introducción a la clínica lacaniana. In: **Conferências en Espanha**. Escuela Lacaniana de Psicoanálisis. RBA Libros, S.A. 1 edición Junio/2006.

_____. (2007-2008) A foraclusão generalizada . In: **Curso de Orientação lacaniana**, III, 10, “Tout le monde est fou”. Seminário inédito, aula de 04 de junho de 2008.

_____. (2009) **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Organización Mundial de la Salud (1992/2000). CIE-10. **Trastornos mentales y del comportamiento**. Madrid: Panamericana.

QUINET, Antonio, 1951- **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia.**

2. ed. rev. / Antonio Quinet. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

_____. **Teoria e clínica da psicose** . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SAFOAN, Moustapha. **O inconsciente e seu escriba.** Tradução Regina Steffen-Campinas , SP: Papyrus, 1987.

Seminário **Invenções**, realizado na EBP- Seção Rio no dia 6 de novembro outubro de 2008. Participação de Guilherme Gutman e Ram Mandil. Transcrição de Leandro Reis.

SCHREBER, Daniel Paul (1842-1911) **Memórias de um doente dos nervos.** Traduzido do original alemão por Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

VIEIRA, M. A. No banquinho de Joyce (Lições da psicose). In: **Latusa**. Rio de Janeiro, EBP, v. I n. 12, novembro 2007, pp. 161-186.

_____. **Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

_____. Objeto e Nome do Pai. In: **Scilicet dos nomes do pai**, AMP, 2005.

_____. **O que fazem as mães?** Item IV A mãe de Joyce . Curso ocorrido na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio em 03/11/2011. Disponível em:

http://www.litura.com.br/cursos_e_seminarios_o_que_fazem_as_maes.php?pag=1

ANEXO I

DA LOUCURA DE PRESTÍGIO AO PRESTÍGIO DA LOUCURA

Por MARILENE CARONE

Em 1903, ao publicar as Memórias de um doente dos nervos. Daniel Paul Schreber acreditava que o livro figuraria entre as "obras mais interessantes que já foram escritas desde que o mundo existe".³² Estava convencido de que seu trabalho seria acolhido como valiosa contribuição para a pesquisa científica, servindo de fonte de reflexão para as gerações futuras. Hoje, oitenta anos depois da primeira edição, continua a ter sentido sua publicação. O que faz com que uma autobiografia bem escrita, mas sem prestígio literário, resista ao desgaste do tempo, conservando interesse e atualidade? Certamente não bastaram as pretensões do autor, a cuja celebridade sempre se associaram as noções de paranóia e megalomania. Na verdade, a ambição de Schreber só começou a se tornar realidade a partir do momento em que Freud, em 1912³³, transformou seu livro de memórias num documento científico, de leitura indispensável para o estudioso da psicose na perspectiva psicanalítica.

De fato, por mais extensa que seja hoje a bibliografia sobre Schreber, seu nome permanece indissolúvelmente ligado a Freud: nós o conhecemos a partir do lugar que ele ocupa na galeria de seus pacientes famosos, ao lado de Dora, do Pequeno Hans, do Homem dos Ratos e do Homem dos Lobos. Mas nesta galeria Schreber ocupa uma posição especial, pois é o único caso em que o paciente é o livro e não a pessoa do autor: Freud e Schreber nunca se encontraram pessoalmente.

Deixando de lado a discussão sobre as limitações da psicanálise de um paciente-texto, podemos ver nesta circunstância uma oportunidade privilegiada: a de poder refletir sobre Schreber exatamente a partir dos mesmos dados que o criador da psicanálise.³⁴

³² Memórias..., pg. 370. (A seguir. M. equivale a Memórias...).

³³ V. Bibliografia (13).

³⁴ Na verdade, hoje sabemos sobre Schreber bem mais do que Freud pôde saber; graças às pesquisas de Niedarland, Baumeyer, Quackelbeen e outros, temos acesso a novas

O privilégio de poder se ombrear com Freud no exame dos dados, talvez mais do que o próprio fascínio exercido pela psicanálise da psicose, tem estimulado os psicanalistas pós-freudianos e estudiosos de outras áreas a se ocuparem do caso Schreber.

Nenhum outro paciente de Freud inspirou tal quantidade de trabalhos ou foi objeto de tantas especulações. Como observa O. Mannoni³⁵, por mais que o livro de Schreber aponte para o imaginário, nunca foi considerado obra de imaginação: ele transforma cada leitor seu num psiquiatra. Talvez não fosse exatamente esta a intenção de Schreber, pois ele negava com veemência a condição de doente mental. Sabia perfeitamente que sua vida carregava a "marca da loucura"³⁶ e por isso mesmo temia que o leitor se deixasse enganar pelas aparências, tomando o relato de suas experiências como "fantasmagorias ocas de uma cabeça confusa".³⁷

Doente dos nervos, sim, mas não uma pessoa que sofre de turvação da razão. "Minha mente é tão clara quanto a de qualquer outra pessoa."³⁸ Esperava que o leitor confiasse na honestidade da sua palavra e na seriedade das suas intenções: ...pretendo que me sejam reconhecidas duas capacidades: por um lado, um "inquebrantável amor à verdade, e por outro um dom de observação fora do comum".³⁹

O fato é que o livro de Schreber continua a ser a prova de fogo da teoria psicanalítica e um dos melhores textos de iniciação à fenomenologia da psicose, segundo Lacan⁴⁰, que atribui esta resistência histórica a pelo menos dois fatores: por um lado a pobreza da perspectiva clássica da psiquiatria e por outro a perspicácia psicológica e estrutural do próprio Schreber, que com razão se

informações sobre sua história pessoal e familiar, vida e obra de seus antepassados, sua carreira jurídica, evolução nos sanatórios psiquiátricos, etc.

³⁵ V. Bibl. (35).

³⁶ M., pg. 253.

³⁷ M., pg. 371.

³⁸ M., pg. 366.

³⁹ M., pg. 234.

⁴⁰ V. Bibl. (30).

vangloriava de ter chegado a "intuições sobre as sensações e os processos de pensamento humano que muitos psicólogos poderiam invejar".⁴¹

"Quem conhece esse tal Dr. Schreber?"

Daniel Paul Schreber (1842-1911) provinha de uma família de burgueses protestantes, abastados e cultos, que já no século XVIII buscavam a celebridade através

do trabalho intelectual. Muitos de seus antepassados deixaram obra escrita sobre Direito, Economia, Pedagogia e Ciências Naturais, onde são recorrentes as preocupações com a moralidade e o bem da humanidade. Os livros de seu bisavô, p.

ex., tinham por lema a frase "Escrevemos para a posteridade".

Seu pai, Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808-1861), era médico ortopedista e pedagogo, autor de cerca de vinte livros sobre ginástica, higiene e educação das crianças. Pregava uma doutrina educacional rígida e implacavelmente moralista, que objetivava exercer um controle completo sobre todos os aspectos da vida, desde os hábitos de alimentação até a vida espiritual do futuro cidadão. Acreditava que seu trabalho contribuiria para aperfeiçoar a obra de Deus e a sociedade humana. Para garantir a postura ereta do corpo da criança em todos os momentos do dia, inclusive durante o sono, D. G. M. Schreber projetou e construiu vários aparelhos ortopédicos de ferro e couro. A retidão do espírito era fruto do aprendizado precoce de todas as formas de contenção emocional e da supressão radical dos chamados sentimentos imorais, entre os quais naturalmente todas as manifestações da sexualidade. "Poucas pessoas cresceram com princípios morais tão rigorosos como eu e poucas (...) se impuseram ao longo de toda sua vida tanta contenção de acordo com estes princípios, principalmente no que se refere à vida sexual"⁴² — afirma Schreber em suas Memórias.

Seu pai se orgulhava de ter aplicado pessoalmente nos filhos os próprios métodos educacionais e afirmava que os resultados tinham sido excelentes. Eram cinco filhos: Daniel Gustav (1839-1877), Anna (1840-1944), Daniel Paul (1842-

⁴¹ M., pg. 168.

⁴² M., pg. 262.

1911), Sidonie (1846-1924) e Klara (1848-1917). O mais velho, Daniel Gustav, se suicidou aos 38 anos, e Daniel Paul terminou seus dias demenciado, depois de um total de mais de treze anos da sua vida passados em sanatórios psiquiátricos. Não foi o cidadão exemplar previsto pelo modelo paterno, mas alcançou a imortalidade que os Schreber sempre almejavam: tornou-se o louco mais famoso da história da psiquiatria e da psicanálise. Sobre a infância de D. P. Schreber sabe-se muito pouco: tudo indica que ele se submeteu com docilidade ao despotismo pedagógico do pai.

Foi um aluno aplicado, de "natureza tranqüila, quase sóbria, sem paixão, com pensamento claro, cujo talento individual se orientava mais para a crítica intelectual fria do que para a atividade criadora de uma imaginação solta".⁴³ Nos anos de juventude não se destacou pela inclinação à religiosidade: seu principal interesse era o estudo das ciências naturais, em particular a então moderna teoria da evolução. As Memórias revelam um homem de sólida formação cultural, que sabia Grego, Latim, Italiano e Francês, conhecia História, Ciências Naturais e Literatura Clássica, e para completar era um exímio pianista — sem falar nos conhecimentos jurídicos, que afinal eram sua especialidade.

Os biógrafos de Schreber quase não fazem referência à figura materna: sabe-se apenas que era uma mulher pouco afetiva, deprimida e inteiramente dominada pelo marido. Em 1859 a família Schreber é abalada por um grave acidente: uma barra de ferro de um aparelho de ginástica cai sobre a cabeça do pai, resultando em comprometimento cerebral irreversível. Retira-se inteiramente da vida profissional e passa fechado no quarto e em tratamento os três anos de vida que ainda lhe restam; quando ele morre, em 1861, Daniel Paul tinha 19 anos e se encaminhava não para as Ciências Naturais, como indicava sua predileção de adolescente, mas para o estudo do Direito, seguindo as pegadas do irmão mais velho, Daniel Gustav.

Em 1877, mais uma grave perda na família: Daniel Gustav, aos 38 anos de idade, solteiro, suicida-se com um tiro. Acabara de ser nomeado para o cargo

⁴³ M., pg. 82.

de *Gerichtsrat* (conselheiro do Tribunal). Morto o irmão, Daniel Paul ficava agora como o último descendente varão da orgulhosa estirpe dos Schreber, com o encargo de resgatar e perpetuar a tradição familiar — que exigia grandes feitos na área intelectual ou uma descendência à qual pudesse delegar esta missão. Sua primeira providência foi procurar uma noiva e um ano depois da morte do irmão, em 1878, já o encontramos casado com Ottilin Sabine Behr, quinze anos mais jovem, proveniente de uma família de atores de teatro, de nível social inferior ao dos Schreber. Parece ter sido um casamento de conveniência para ambos: para ele, o atrativo de uma pessoa jovem e para ela a ascensão burguesa assegurada.

A carreira de Schreber como jurista, funcionário do Ministério da Justiça do Reino da Saxônia, evoluía regularmente, com promoções sucessivas obtidas por nomeação direta ou eleição interna. Seu primeiro cargo foi o de escrivão-adjunto, passando a auditor da Corte de Apelação, assessor do Tribunal, conselheiro da Corte de Apelação. Em 1884, torna-se vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz. Sua ambição provavelmente requeria algo mais, pois no dia 28 de outubro de 1884 concorreu às eleições parlamentares pelo Partido Nacional Liberal. Sofreu uma fragorosa derrota. Tinha 42 anos, estava casado há seis e tinha dezenove anos de carreira jurídica. Num jornal da Saxônia saiu nessa ocasião um artigo irônico sobre sua derrota eleitoral, intitulado: *Quem conhece esse tal Dr. Schreber?* Para quem fora criado no culto orgulhoso dos méritos dos antepassados e fora testemunha da celebridade do pai, este artigo trazia impressa, como um insulto, a face pública do seu anonimato.

A 8 de dezembro de 1884 Schreber foi internado na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, dirigida então pelo Prof. Paul Emil Flechsig, uma

das maiores autoridades da Psiquiatria e da Neurologia da época. Nas Memórias é breve a referência a este episódio. Schreber menciona uma crise de hipocondria com idéias de emagrecimento, "sem qualquer incidente relativo ao sobrenatural".⁴⁴

Hoje sabemos⁴⁵ que o quadro era mais grave, com manifestações delirantes não sistematizadas e duas tentativas de suicídio. Schreber se acredita incurável, queixando-se de ter perdido de 15 a 20 kg de peso (enquanto a balança acusava um aumento de 2 kg). Vive cada momento como o último, pois está certo de que um ataque do coração é iminente. Está convencido de que os médicos o enganam intencionalmente sobre o seu peso. Suspeita de que a esposa será enviada para longe sob qualquer pretexto e não voltará. Pede para ser fotografado seis vezes. Sente-se muito fraco para caminhar e precisa ser carregado. A 26 de maio insiste em ser fotografado "pela última vez". Era sua primeira internação, mas não a primeira crise hipocondríaca: há referências vagas a um episódio de hipocondria em 1878, por ocasião do casamento. Em 1884 a Sra. Schreber já sofrera dois abortos espontâneos. A ciência do Prof. Flechsig tratou o drama de Schreber com os recursos medicamentosos da época: morfina, hidrato de cloral, cânfora e brometo de potássio. Schreber faz nas Memórias uma crítica sutil ao tratamento de seus sintomas (em particular à idéia de emagrecimento): "Estas são coisas de menor importância, às quais não dou muito peso; talvez não se possa exigir do diretor de uma grande instituição, na qual se encontram centenas de pacientes, que ele penetre profunda e detalhadamente na conformação mental de um único entre eles".⁴⁶ Ou seja, em termos atuais: não se pode exigir da Psiquiatria que ela faça Psicanálise.

Schreber permaneceu seis meses internado, até junho de 1885. Após a alta hospitalar, realizou com a esposa uma longa viagem de convalescença, que durou outros seis meses. Em janeiro de 1886, considerando-se inteiramente curado,

⁴⁴ M... pg. 58.

⁴⁵ Cf. documentos descobertos por Baumayer — V. Bibl. (2).

⁴⁶ M .. pg. 59.

reassumiu suas atividades profissionais como juiz-presidente do Tribunal Regional de Leipzig, cidade para a qual fora transferido ainda durante a sua internação.

A partir da instalação, em Leipzig, decorrem oito anos, "no geral felizes e ricos em honrarias exteriores".⁴⁷ Pesquisas recentes⁴⁸ revelam em que consistiram estas honrarias: uma distinção oficial (a outorga da Cruz de Cavaleiro de Primeira Classe, em 1888), uma nomeação (para presidente do Tribunal Regional de Freiberg, em 1889) e duas eleições internas (em 1891 e 1892, para membro do Colegiado Distrital de Freiberg).⁴⁹

Note-se que Schreber tem, desde 1886, o título de presidente. Ao se referir a este período nas Meritórias, ele comenta que a felicidade desses anos só foi turvada pelas numerosas frustrações da esperança de ter filhos — e hoje se sabe que Sabine Schreber teve ao todo seis abortos espontâneos. Um dia, em junho de 1893, Schreber recebeu a visita do ministro da Justiça da Saxônia, que veio pessoalmente à sua casa anunciar-lhe sua iminente nomeação para o cargo de *Senatspräsident*⁵⁰ (juiz-presidente da Corte de Apelação) na cidade de Dresden.

Era um posto excepcionalmente elevado para sua idade (51, anos), e a nomeação era irreversível: por ser determinação direta do rei, era um cargo que não podia sequer ser solicitado e sua recusa implicaria em delito de lesa-majestade. O posto era vitalício, representando, portanto, para a carreira de Schreber, seu ponto máximo e último. Schreber sente-se honrado com a escolha, mas desde o início vê no novo posto uma sobrecarga e um desafio: seus subordinados serão muito mais velhos e experientes do que ele.

⁴⁷ M., .pg. 59.

⁴⁸ V. Bibl. (42).

⁴⁹ Não se trata da homônima cidade natal de Freud.

⁵⁰ Daí o nome de "presidente Schreber", como ficou conhecido.

No intervalo entre a visita do ministro e a posse, Schreber relata nas Memórias um sonho e um devaneio: sonha que a antiga doença nervosa tinha voltado e um dia se descobre pensando que seria bom ser uma mulher no ato sexual. Os esforços para atender bem às exigências do novo posto e ser bem apreciado por seus colegas em poucas semanas levam Schreber ao colapso mental. Os primeiros sintomas são insônia, sensibilidade a ruídos e angústia intensa, desde o início com a sensação de estar sendo objeto de maldosas manobras intencionais. O casal Schreber decide recorrer mais uma vez ao Prof. Flechsig, por quem sentia profunda gratidão desde a cura da primeira doença. Flechsig tenta tratá-lo em casa, mas seu estado se agrava e exige internação. Ao dar entrada na clínica universitária para doenças nervosas, em Leipzig, a 21 de novembro de 1893, Schreber ainda não tem idéia de que sua alta hospitalar desta vez não virá em poucos meses, mas só após nove anos.

O diagnóstico de Flechsig é demência paranoide. No início Schreber se queixa de amolecimento cerebral e afirma que finalmente conseguiram enlouquecê-lo. Tem a sensação de morte iminente: prepara-se para morrer e exige o cianeto de potássio que lhe está reservado. Tem alucinações visuais e auditivas de caráter aterrador. Acredita estar morto e em decomposição, sem condições de ser enterrado. Declara sofrer de peste. Afirma que seu pênis foi arrancado por uma "sonda de nervo". Tenta enforcar-se no quarto e afogar-se na banheira. Nas Memórias, Schreber data de 15 de fevereiro de 1884 um sério agravamento de seu estado, relacionando-o diretamente com a ausência da esposa, que até então passava diariamente algumas horas com ele. O prontuário hospitalar registra, quinze dias depois, que o paciente afirma ser uma mocinha assustada por ataques indecentes. No capítulo VI das Memórias Schreber declara que o período de março a maio de 1894 foi, por um lado, o período mais atroz de sua vida, mas por outro foi também o período sagrado, no qual seu espírito ficou impregnado de idéias sublimes sobre Deus e a Ordem do Mundo.

O relato do hospital assinala nessa época uma nova fase, na qual Schreber parece se entregar cada vez mais a fantasias místico-religiosas. Afirma que Deus

fala com ele e que demônios e vampiros zombam dele. Quer converter-se ao catolicismo para fugir à perseguição. Presencia milagres e ouve música celestial. No jardim, põe a mão em concha atrás das orelhas para escutar. Dorme mal, apesar dos narcóticos, e grita à noite. Alimenta-se de modo irregular: ora come vorazmente, ora recusa o alimento, que precisa então ser dado à força.

A 14 de junho de 1894, após seis meses em Leipzig, Schreber é transferido para o sanatório de Lindenhof, próximo de Coswig, dirigido pelo Dr. Pierson e chamado por ele de "cozinha do diabo". O relato das Memórias só informa que a transferência foi brusca e sem explicação plausível, pois a estada em Lindenhof durou apenas quinze dias; em seguida foi novamente transferido para o sanatório público de Sonnenstein, onde passou seu mais longo período de internação: oito anos e meio.

As experiências narradas ao longo de todo o texto das Memórias se referem, na sua maior parte, à estada no Sonnenstein. Foi lá que Schreber consolidou, desenvolveu e em parte modificou suas relações com as forças sobrenaturais, que constituem o cerne do seu sistema de crenças.

Nos primeiros tempos no Sonnenstein, Schreber se manifesta agitado, sobretudo à noite. Durante o dia lê, escreve cartas, joga paciência, xadrez e toca piano no quarto. Às vezes faz caretas para o sol. Escreve cartas em italiano e numa delas assina "Paul Höllenfürst" (Paul, Príncipe dos Infernos). Endereça uma carta ao "Senhor Ormuzd, in coelo". O mês de novembro de 1895 é registrado nas Memórias como um momento de transformação fundamental na vida de Schreber; é quando se resigna a aceitar sua transformação em mulher, de acordo com os elevados fins da Ordem do Mundo: a fecundação pelos raios divinos e a geração de uma nova humanidade. Em dezembro deste ano é visto gritando pela janela do seu quarto: "Eu sou Schreber, o presidente da Corte de Apelação".

A partir de junho de 1896 é transferido, apenas durante a noite, para uma cela-forte, devido aos acessos de urros (vociferações) e à agitação. Em julho chama o médico e mostra a parte superior do corpo despida, afirmando ter seios quase femininos. Parece entretido com fantasias sexuais: procura ver figuras nuas nas revistas e depois desenha-as. Numa carta à esposa diz que as noites agora são agradáveis porque há "un peu de volupté feminae" (sic).

Em setembro de 1896 Schreber é visto gritando no jardim: "O, sol é uma puta". "O bom Deus é uma puta." Continua na cela-forte. Os estados de excitação

e as vociferações se alternam com momentos de perfeito autocontrole, comportamento sensato e disciplinado. Gosta de discutir questões legais, escreve muitas cartas e toca bastante piano, às vezes batendo nas teclas com toda força. Em março de 1898 é encontrado seminu no quarto, diante do espelho, rindo, gritando, enfeitado com fitas de cores alegres.

Só em dezembro, depois de passar dois anos e meio na cela-forte, volta a dormir no quarto. No início de 1899 começa a expor suas idéias de forma organizada, em cartas à esposa. A partir de outubro de 1899, Schreber começa a demonstrar interesse pela sua situação legal e denuncia como irregular a curatela provisória sob a qual se encontra desde 1894. Ocupa-se pessoalmente, nos mínimos detalhes, de todos os passos do processo que move para recuperar sua capacidade civil.⁵¹

A primeira sentença, de março de 1900, é desfavorável às suas pretensões e determina a interdição definitiva. Schreber interpõe recurso, apela da sentença e a 14 de julho de 1902, em segunda instância, uma nova sentença concede o levantamento da interdição: Schreber, finalmente, recupera seu direito pleno de administrar seus bens de modo autônomo.

Paralelamente ao início das suas demandas com a justiça, Schreber começa a escrever suas Memórias de modo sistemático. Os vinte e três capítulos das Memórias propriamente ditas foram escritos de fevereiro a setembro de 1900, a primeira série de suplementos, de outubro de 1900 a junho de 1901, e a segunda série de suplementos, no final de 1902. Uma cópia do manuscrito das Memórias foi anexada ao processo pelo próprio Schreber, que acreditava poder demonstrar com o livro a integridade da sua capacidade intelectual (na verdade, só foram recolhidos aos autos os capítulos I, II, XVIII e XIX).

Como consta do laudo pericial do Dr. Weber, psiquiatra de Schreber e diretor do Sonnenstein, sua alta hospitalar está praticamente concedida desde o final de 1900. Mas Schreber, por vontade própria, só deixou o hospital a 20 de dezembro de 1902, porque preferiu ficar mais tempo para preparar cautelosamente seu retorno à vida em sociedade.

⁵¹ V. M. Anexos, pg. 343 e segs.

Neste ponto da história de Schreber terminam as Memórias e até este momento vai a análise de Freud. As pesquisas posteriores nos permitem completar o itinerário. Apesar do risco de apreensão legal da edição (por motivos de censura) e dos protestos

da família, que não queria ver seu bom nome publicamente comprometido com um caso de loucura, Schreber insiste na publicação e o livro é publicado pela editora O. Mutze, de Leipzig, em 1903. Schreber acabou por fazer algumas concessões à censura e à família, aceitando a supressão do capítulo III (do qual nunca mais se encontrou o menor vestígio), onde se propõe a falar sobre os membros da sua família. Mantém expressões que ele mesmo considera grosseiras, para ser fiel ao modo como as "vozes se expressam".

No mesmo ano da publicação do livro, 1903, o casal Schreber adota uma menina órfã, de 13 anos de idade, com a qual Schreber tem um excelente relacionamento, marcado pela ternura e pela camaradagem. Pai e filha fazem juntos longas excursões a pé pelas florestas e montanhas da região de Dresden. Schreber, com mais de 60 anos de idade neste período, dá mostras de grande vitalidade física e intelectual. Manda fazer uma casa nova em Dresden e acompanha pessoalmente os trabalhos de construção. Solicita sua reintegração nos quadros do Ministério da Justiça, mas seu pedido é recusado. Lê muito, interessa-se por todas as manifestações da cultura, participa de campeonatos de xadrez e emite, em caráter privado, pareceres inteiramente adequados sobre questões legais. Os sinais exteriores da doença desaparecem quase por completo: durante o primeiro ano após a alta, só algumas vezes grita à noite. Quando lhe perguntam sobre a doença, diz que as vozes nunca o deixaram, mas que agora soam como um zumbido incompreensível e contínuo, localizado num ponto da parte posterior da cabeça, por onde tem a sensação de ser puxado por um fio.

Em maio de 1907 morre, aos 92 anos de idade, a mãe de Schreber. Ele não parece ficar muito afetado pela perda, reagindo apenas com um pouco de insônia por alguns dias. Encarrega-se imediatamente das questões legais relativas ao inventário e trabalha com afinco. A 14 de novembro deste mesmo ano a esposa de Schreber sofre um derrame cerebral, que resulta em uma afasia por quatro dias. Schreber reage mal a este episódio e seu estado se agrava rapidamente; acredita estar sofrendo uma recaída, pois voltam as crises de insônia e a angústia, escuta vozes novamente, cada vez mais fortes.

Os estudiosos até recentemente eram unânimes em atribuir ao choque causado pela doença da esposa a terceira e última internação de Schreber no sanatório de Dösen, próximo de Leipzig, a 27 de novembro de 1907. Um trabalho de 1981⁵² vem levantar uma nova hipótese. No início de novembro de 1907, Schreber é procurado por membros das Associações Schreber (Schrebervereine) – grupos que se pretendem herdeiros das idéias de seu pai – que lhe pedem apoio para formalizar seu reconhecimento legal como verdadeiras Associações Schreber, prevenindo assim qualquer utilização ilegítima do nome Schreber.

Por ser o único filho homem sobrevivente jurista e responsável pelo inventário da mãe, Daniel Paul é solicitado a opinar e conferir legitimidade aos pretensos herdeiros do legado paterno. Não se sabe como ele enfrentou a questão, mas fica a possibilidade de ser este episódio o verdadeiro desencadeante da sua última crise mental. O fato é que Schreber é hospitalizado pela terceira vez, num estado psíquico desde o início considerado gravíssimo. Passa quase todo o tempo na cama, praticamente não fala e mantém uma postura rígida, com os olhos fechados, como quem escuta. Quando se levanta, seu andar é rígido e os movimentos angulares. A expressão facial é de grande sofrimento. Afirma que seu corpo se deteriorará, mas seu cérebro continuará vivo. Fala de sua iminente decomposição e pede ao médico para providenciar o enterro. Às vezes murmura algo como "cheiro de cadáver", "apodrecimento". Descuida da aparência, recusa-se a tomar banho e suja-se intencionalmente com urina e fezes. Quando se pergunta e que se passa, responde: "Não posso dizer agora, você não entenderia".

A partir de 1908 começa a emitir ruídos que soam como "há-há-há", principalmente quando lhe dirigem a palavra. Dorme mal e se alimenta pouco, alegando não ter estômago. Grita "há-há-há" quase o tempo todo com uma expressão torturada. Afirma estar perturbado por vozes.

⁵² V. Bibl. (42) 16

Um dia, pergunta subitamente ao médico: "Quando reinou Gustavo Adolfo? De 1611 a 1632, não é?" Fala às vezes, em francês, palavras ininteligíveis. Um dia reage colérico à visita matinal do médico, gritando-lhe: "Apage Satanás". Depois pergunta-lhe: "Por que não vêm também os outros satãs, só o senhor?" Certa manhã afirma subitamente: "Não entendo como um homem pode ser levado a fazer o que eu fiz nas últimas horas".

Em 1909 seu estado se agrava: quase não sai da cama e é levado a passear em cadeira de rodas pelos enfermeiros. Não se alimenta sem auxílio. Escreve em folhas de papel as palavras "milagre", "túmulo" e "não comer". Numa das últimas observações do prontuário de Dösen, consta que ele às vezes escreve em seu caderno de notas, mas seus rabiscos mal se assemelham a letras. Em março de 1911 Schreber sofre uma crise de angina e morre a 14 de abril, com sintomas de dispnéia e insuficiência cardíaca.

O prestígio da loucura "É possível que o Dr. Schreber ainda hoje esteja vivo e que tenha se distanciado tanto do sistema delirante que apresentou em 1903 que ele sinta como penosas estas observações sobre seu livro" — diz Freud na introdução ao primeiro ensaio interpretativo sobre as Memórias, publicado em 1911, mesmo ano da morte de Schreber.⁵³

Com o trabalho de Freud começa para Schreber uma nova carreira, a de caso clínico exemplar. Não cabe, no âmbito restrito desta apresentação das Memórias, fornecer um panorama do conteúdo de toda a série de interpretações que, a partir de 1911, se sucederam não apenas no campo psicanalítico. Isto resultaria numa banalização indesejável desses trabalhos, na medida em que implicaria em reduzir sua complexidade a somente algumas de suas linhas de força; no entanto, é útil para o leitor conhecer o roteiro das principais publicações, ao longo dos setenta anos que decorreram desde a análise de Freud.

Durante mais de trinta anos depois do trabalho de Freud, não se registra na literatura especializada nenhuma publicação relevante sobre Schreber. Há apenas algumas referências a Schreber, dentre as quais a mais interessante talvez seja a de

⁵³ V. Bibl. (15) pg. 241.

Walter Benjamin, que em 1928 o situa no centro da sua coleção intitulada "livros de doentes mentais".⁵⁴

Entre 1946 e 1949, Franz Baumeyer, psiquiatra de formação psicanalítica, descobre em um sanatório das proximidades de Dresden prontuários dos três hospitais onde Schreber esteve internado; essas preciosas informações, só publicadas em 1955, hoje já fazem parte obrigatória do material que serve de base ao estudo de Schreber.⁵⁵

Igualmente incorporados aos dados objetivos sobre Schreber estão os resultados das pesquisas de William Niederland⁵⁶, que, inspirado por Freud, procura descobrir o chamado núcleo de verdade no delírio, empreendendo um amplo estudo da obra educacional do pai de Schreber (o que permite uma reconstituição da sua infância) da genealogia familiar e dos trabalhos psiquiátricos de Flechsig. As publicações de Niederland se iniciam em 1951 e vão até 1972. Até 1955, além de Baumeyer e Niederland, M. Katan⁵⁷ e H. Nunberg⁵⁸ são os únicos no âmbito da Psicanálise a apresentar trabalhos específicos sobre Schreber. M. Klein⁵⁹, num artigo de 1952, faz referência às Memórias para ilustrar os chamados mecanismos esquizoparanóides.

O ano de 1955 marca um momento capital na história do caso Schreber. Publica-se na Inglaterra, pela primeira vez, uma tradução das Memórias, por Ida Macalpine e Richard Hunter.⁶⁰ Na introdução os dois autores refutam a interpretação de Freud e propõem numa perspectiva junguiana uma outra visão do delírio de Schreber.

⁵⁴ V. Bibl. (3).

⁵⁵ V. Bibl. (2).

⁵⁶ V. Bibl. (38).

⁵⁷ V. Bibl. (21).

⁵⁸ V. Bibl. (39).

⁵⁹ V. Bibl. (29).

⁶⁰ V. Bibl. (32).

Neste mesmo ano de 1955, Jacques Lacan, em Paris, começa a dedicar seus seminários à análise do caso Schreber, tomado como ponto de partida para uma ampla reformulação da teoria das psicoses na perspectiva psicanalítica. Esses seminários, que se estenderam até 1956, serviram de base para o ensaio, hoje clássico, intitulado "D'une question préliminaire a tout traitement possible de la psychose"⁶¹, texto capital da bibliografia schreberiana.

A partir da tradução inglesa e do ensaio de Lacan, começam a se multiplicar nos Estados Unidos, França e Inglaterra os trabalhos psicanalíticos sobre Schreber. Em 1962, em Atlantic City, realiza-se o primeiro simpósio internacional sobre Schreber, no qual são apresentados diversos trabalhos relevantes, como os de Kifay⁶², Carr⁶³, Niederland⁶⁴ e White.⁶⁵ Elias Canetti⁶⁶, em dois capítulos do livro *Massa e poder*, publica em 1960 a primeira grande tentativa de interpretação das Memórias fora do âmbito da Psicanálise e da Psiquiatria. Em 1973, a antipsiquiatria se faz representar na bibliografia schreberiana com o livro *Assassinato de alma*, de Morton Schatzmann.⁶⁷

Neste mesmo ano, surgem na Alemanha, pela primeira vez desde 1903, duas reedições das Memórias: uma organizada por Samuel Weber⁶⁸ e outra por Baumeier.⁶⁹

Em 1974, é publicada a tradução italiana das Memórias, organizada por Roberto Calasso, que no ano seguinte — 1975 — publica uma ficção-ensaio centrada em Schreber: *O louco impuro*.⁷⁰ A revalorização do texto de Schreber, a partir da interpretação lacaniana, continua a render seus frutos: em 1972, publica-

⁶¹ V. Bibl. (30).

⁶² V. Bibl. (28).

⁶³ V. Bibl. (7).

⁶⁴ V. Bibl. (38).

⁶⁵ V. Bibl. (47).

⁶⁶ V. Bibl. (6).

⁶⁷ V. Bibl. (44).

⁶⁸ V. Bibl. (46).

⁶⁹ V. Bibl. (2).

⁷⁰ V. Bibl. (5).

se na Argentina uma antologia de textos sobre Schreber⁷¹, e, em 1975, a tradução francesa das Memórias (*Mémoires d'un nevropathe*, Ed. Du Seuil), desencadeia uma nova série de trabalhos psicanalíticos sobre Schreber na França e em outros países. Em 1979, na França, Luiz Eduardo Prado

de Oliveira⁷² organiza uma vasta antologia dos trabalhos sobre Schreber em língua inglesa; em 1982, na Holanda, retoma-se o fio dos estudos documentais, com a pesquisa de J. Quackelbeen⁷³, que traz à luz novos dados biográficos, focalizando, em especial, sua carreira jurídica.

Esta brilhante trajetória das Memórias de um doente dos nervos parece ser a confirmação flagrante do prestígio almejado: "Depois de tudo, nada mais me resta senão oferecer a minha pessoa ao julgamento de especialistas como objeto de observação científica. Este convite é o principal objetivo que persigo com a publicação do meu trabalho".⁷⁴

Cronologia de Schreber

1842 — Nasce em Leipzig, a 25 de julho, Daniel Paul Schreber, filho do médico ortopedista Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808-1861) e de Louise Henrietta Pauline Haase (1815-1907).

1858 — Uma barra de ferro cai sobre a cabeça do pai, resultando em comprometimento cerebral irreversível.

1861 — Em novembro, o pai, com 53 anos, morre de obstrução intestinal. Nos últimos anos de vida apresenta um quadro de neurose obsessiva grave com impulsos homicidas. Já é um médico famoso na Alemanha e no exterior – por seus livros sobre pedagogia, ginástica e higiene – quando morre em Leipzig.

1877 — A 8 de maio, Daniel Gustav, irmão mais velho de D. P. Schreber, comete suicídio com um tiro, aos 38 anos de idade, logo após ser nomeado conselheiro de tribunal (*Gerichtsrat*).

⁷¹ V. Bibl. (37).

⁷² V. Bibl. (41).

⁷³ V. Bibl. (42).

⁷⁴ M., pg. 325

1878 — Daniel Paul casa-se com Ottlin Sabine Behr (1857-1912), quinze anos mais moça que ele. Diabética, é descrita como de temperamento infantil, tendo dado ao marido muito pouco apoio durante a sua doença. Ottlin Sabine não deu filhos a Daniel Paul; teve seis abortos espontâneos. Por ocasião de seu casamento, consta que Schreber sofreu um episódio de hipocondria, mas sem internação.

1884 — Schreber é nomeado vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz. A 28 de outubro, concorre às eleições parlamentares pelo Partido Nacional Liberal e sofre fragorosa derrota. A 8 de dezembro é internado na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, cujo diretor é o Prof. Paul Emil Flechsig, uma das maiores autoridades da Neurologia e da Psiquiatria da época. O diagnóstico é de hipocondria. A internação dura seis meses.

1885 — Em junho, alta hospitalar, com aparente cura. Schreber e a esposa fazem uma longa viagem de convalescença que se estende até o fim do ano.

1886 — Schreber retoma as atividades profissionais em Leipzig, para onde fora transferido durante o período de internação, no cargo de juiz-presidente do Tribunal Regional.

1888 — Schreber recebe uma honraria oficial: a Cruz de Cavaleiro de primeira classe.

1889 — Nomeado presidente do Tribunal de Freiberg, transfere-se para aquela cidade.

1891 — Por dois anos consecutivos (1891 e 1892) é eleito por seus pares membro do Colegiado Distrital de Freiberg.

1893 — Em junho, recebe a visita do ministro da Justiça, que lhe anuncia a iminente nomeação para o cargo de *Senatspräsident* (juiz-presidente da Corte de Apelação), na cidade de Dresden, para onde Schreber se transfere, imediatamente, com a esposa. A posse no cargo se dá a 1º de outubro. A 10 de novembro, viaja com Ottlin Sabine para Leipzig, com o objetivo de consultar mais uma vez o Prof. Flechsig. Queixa-se de angústia e de insônia insuportável. Durante dez dias, Flechsig tenta tratá-lo em casa, sem resultados. A 21 de novembro, Schreber é internado novamente na clínica da Universidade de Leipzig, onde ficará por seis meses.

1894 — Schreber é posto sob curatela provisória, por motivo de doença mental. De 14 a 28 de junho permanece no hospital de Lindenhof, mencionado nas Memórias como "a cozinha do diabo", e dirigido pelo Dr. Pierson. A 29 de junho

dá entrada no sanatório de Sonnenstein, onde permanecerá até 1902, com o diagnóstico de dementia paranoides.

1899 — Em outubro, Schreber começa a se interessar por sua situação legal e denuncia como irregular a curatela provisória sob a qual se encontra. Inicia um processo em prol da recuperação da sua capacidade civil.

1900 — De fevereiro a setembro, redação dos vinte e três capítulos das Memórias. Em março, a primeira sentença do Tribunal é desfavorável ao pedido de suspensão da curatela e declarada como definitiva a interdição legal. Schreber interpõe recurso e apela da sentença. De junho deste ano até outubro de 1901, redação da primeira série de suplementos das Memórias.

1902 — A 14 de julho a Corte de Apelação concede finalmente o levantamento da interdição e Schreber recupera a capacidade civil plena. No final do ano, a redação da segunda série de suplementos e da introdução. Em dezembro, alta hospitalar.

1903 — Redação da carta aberta ao Prof. Flechsig. O casal Schreber passa a viver em

Dresden e adota uma menina de 13 anos de idade. Com cortes e supressão de um capítulo, são publicadas em Leipzig, pelo editor O. Mutze, as Memórias de um doente dos nervos.

1907 — Em maio, morte da mãe de Schreber, aos 92 anos de idade. Daniel Paul encarrega-se das questões legais relativas ao inventário. Nos primeiros dias de novembro, Schreber é procurado por representantes das "Associações Schreber" que pedem o reconhecimento de sua legitimidade. A 14 de novembro a esposa de Schreber sofre um derrame cerebral que resulta em afasia por quatro dias. Schreber entra em crise de angústia e insônia e afirma estar sofrendo uma recaída. A 27 de novembro é internado no sanatório de Dösen, próximo a Leipzig.

1914 — No dia 14 de abril, morre Daniel Paul Schreber, aos 69 anos de idade, no sanatório de Dösen.

ANEXO II: Termo de Consentimento Informado

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da dissertação do mestrado: “Eles exageram no escrito: o ato de escrita e seus efeitos de suplência”.

CONSENTIMENTO INFORMADO

(1ª via: instituição)

De acordo com a exigência do CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA referente à resolução CFP Nº 016/2000 de 20 de dezembro de 2000, este documento visa assegurar que o participante contribuinte da dissertação do mestrado seja informado sobre os objetivos e o uso que será feito das informações coletadas. Visa também esclarecer os procedimentos aos quais será submetido, bem como garantir que sua participação seja voluntária e que poderá ser interrompida em qualquer fase da construção da dissertação, sem penalização alguma.

Este documento solicita a autorização do participante ou de seu representante legal para a utilização dos seus dados para fins de ensino, pesquisa e publicação científica, resguardados todos os aspectos éticos. A identidade do participante será mantida em absoluto sigilo e as informações fornecidas não poderão ser usadas para nenhuma outra finalidade.

Importa ressaltar que, a qualquer momento da elaboração da dissertação do mestrado, o participante poderá solicitar esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas relativas ao estudo em andamento.

INFORMAÇÕES SOBRE A DISSERTAÇÃO:

Título:

Eles exageram no escrito: o ato de escrita e seus efeitos de suplência.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Objetivos:

1. Descrição teórica dos termos “escrita” e “suplência” segundo Freud e Lacan;
2. Articulação com os paradigmáticos casos da literatura psicanalítica Schreber e James Joyce, além da menção da participação dos pacientes da oficina do jornal realizada no Caps

Metodologia:

Ao longo da apresentação dos conceitos no trabalho ilustraremos os principais pontos com os paradigmáticos casos de Freud e Lacan respectivamente, Schreber e James Joyce. Além de dedicarmos o último Capítulo a ilustração do que será apresentado em termos teóricos com a oficina do jornal realizada no Caps. Nossa pergunta norteadora será: existe algum tipo de benefício subjetivo inerente ao ato da escrita?

O presente termo de consentimento explicitará para os participantes da oficina do jornal que eles serão citados com nomes fictícios quando a oficina for comentada. No último Capítulo 4, assim como no item 1.1 do Capítulo 1 e na Introdução explicitaremos a existência da oficina e a forma como ela ocorria no Caps. E também a forma como cada participante contribuía com essa oficina. Para tal feito, escolhemos três participantes mais assíduos da oficina do jornal como representantes de formas diferentes de participação. A forma de participação que será descrita na dissertação, principalmente no último capítulo 4, será calcada única e exclusivamente no material escrito por cada um desses três participantes. Descreveremos como cada um deles costumava escrever o material que

costumavam compartilhar com todos da oficina do jornal e também publicar muitas das suas produções no jornal local do serviço. Nada além desse material e descrição será usado na presente dissertação, tal como informações pessoais do paciente ou qualquer outra informação proveniente de seu prontuário. Somente usaremos o que o próprio paciente teve a intenção de tornar

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



público naquele momento e naquele grupo. E esse material é expresso pelo que cada um escrevia e o seu estilo próprio é o que será posto em relevo na descrição dessas participações.

Benefícios:

A dissertação ao incluir um recorte do material escrito dos participantes da oficina do jornal no Caps, pode promover um olhar e uma escuta sobre a importância dessa atividade do escrever para a promoção de uma melhoria psicológica em cada um.

Riscos:

O participante que será citado na dissertação do mestrado mesmo que de forma sigilosa da oficina do jornal pode sentir algum desconforto ao ser tornada pública de forma mais ampla o seu material escrito que antes o paciente tornava público em menor grupo restrito a oficina do jornal. Contudo, embora toda atividade envolvendo seres humanos envolva riscos potenciais, a presente atividade oferece riscos admissíveis, se considerada sua elevada possibilidade de

gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afeta o bem-estar dos sujeitos da oficina do jornal e de outros indivíduos.

Equipe:

Orientador: Marcus André Vieira: mav@litura.com.br – celular: (21) 99742-1303

Mestranda: Bruna Musacchio Guaraná: brunaguarana@yahoo.com.br – celular (21) 98649-6902

Autorização:

Concordo com a minha participação na dissertação de mestrado citada acima de acordo com os termos estabelecidos. Todas as minhas dúvidas sobre a presente participação, tanto em relação aos procedimentos nela envolvidos, como aos possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação foram esclarecidos.

Seguem abaixo as três assinaturas após leitura do termo acima de cada um dos pacientes do Caps que concordaram com que seus textos seriam citados na presente dissertação.

Nome do Participante: JOÃO MORAIS DOS SANTOS
RG: 03702854-5
Órgão Expedidor: IFP (INSTITUTO FELIX PACHECO)
Data de Nascimento: 7/NOVEMBRO/1955
Telefones de contato: 2622 1533
Nome do representante legal: _____
Data: 15/MARÇO/2016
Assinatura do participante: [assinatura]
Assinatura do representante legal: _____

Nome do Participante: Antônio Amador Velli Neto
RG: 079819248-5
Órgão Expedidor: DETRAN
Data de Nascimento: 1 JULHO DE 1949
Telefones de contato: 26221533
Nome do representante legal: _____
Data: 05/4/2016
Assinatura do participante: Antônio Amador Velli Neto
Assinatura do representante legal: _____

Nome do Participante: HUGO ANTÔNIO DE MESQUITA FRANCA

RG: 005-263-732-9

Órgão Expedidor: "INSTITUTO FÉLIX PACHECO" ("IFP")

Data de Nascimento: 16/12/1960

Telefones de contato: 2-719 41 29

Nome do representante legal: _____

Data: 3/4/2016

Assinatura do participante: Hugo Antônio de Mesquita Franca

Assinatura do representante legal: _____

Lista de Figuras

Figura 1- Exemplo da escrita de Jonas

DARCOS NITERÓI → RIO, 11/OUTUBRO/06
 . CARNAVAL MUNDIAL
 NASCI EM BOTAFOGO NA RUA
 DA PASSAGEM EM 7/NOVEMBRO/1955
 MAS FUI MORAR EM STª TEREZA EM 1962
 POR TANTO TINHA ASSIM 7 ANOS
 O NÚMERO DA SORTE
 ANO STª TEREZA DE PAIXÃO
 MOREI NO LARGO DO FRANÇA
 PERTO DO VISTA ALEGRE
 MOREI NA RUA DÚREA
 PERTO DA IGREJA DE STª TEREZA
 MOREI NO MORRO DO FALET
 PERTO DO MORRO DO PAU DA BONDEIRA
 MOREI NA RUA TRAVESSA VISTA ALEGRE
 PERTO DO CATUNBI
 E MOREI NA RUA STª CATARINA
 (KLAUDIE BACKER) EM DOIS LOCAIS
 Nº 367 e Nº 309 QUE FICAM
 PRÓXIMO DO MORRO DA CÉROA

 HOJE EU RESIDO EM MARAMBÁIA
 RUA 5 QUADRA 32 CASA 14
 COM RES MARAMBÁIA - ITABORAÍ - RJ
 MAS TANTO ESPERANÇA EM VOLTAR
 AO MEU LUGAR DE ORIGEM
 QUE É A RUA STª CATARINA 367
 AFINAL 367 É NO JOGO DE BICHO
 MACACO

 É QUEM SOU EU A NÃO SER UM
 MACACO
 NA MINHA JUVENTUDE
 NO MORRO DO FALET
 OS AMIGOS ME COLOCAM

o apelido de miquinha ou da mica
 Já no Instituto La-Fayette
 onde cursei o 2º Grau
 Os amigos e Inspectores de Alunos
 como eu
 me apelidaram de macaquinho
 Talvez porque eu me pareço
 com um macaco

Já fui chamado por um amigo de
 Macawila

No La-Fayette me apelidaram
 de macaquinho também porque
 eu vivia pulando o muro de
 Maracanã para ver o Flamengo
 jogar futebol

Por tanto sou um macaco assumido
 E quero voltar ao meu espaço
 de origem em Sta Tereza
 Rua Sta Catarina nº 367

Já Residem hoje

Minha filha, minha irmã, a mãe da
 minha filha e alguns amigos
 todos com suas respectivas famílias

E eu vou voltar
 se Deus quiser

Pois eu sei que a imagem
 do Cristo Redentor no Calvário
 é nada mais nada menos
 que a minha imagem

Eu sou o Cristo Redentor
 Carreguei a Cruz no Calvário
 Voltei para reviver o amor,
 a fraternidade e principalmente

A PAZ entre os Homens
 Em breve tudo será
 Festa, Festa e Festa
 Festa para Ingles, Americanos,
 Portugueses, Africanos, JAMAICANOS
 e o mundo em geral ver
 Tudo será festa
 O samba não esperado NASCERÁ
 SERÁ CARNAVAL todos os dias
 Mangueira, Estácio de Sá, Portela
 Beija-flor, Mocidade Independen
 te de Padre Miguel, Império Serrano
 Imperatriz Leopoldinense, Vila Iza
 bel do meu querido MARTINHO DA
 VILA, Cacique de Ramos e todas
 as outras

* Mangueira

Meu amigo tome cuidado
 Não vá marcar bobeira
 Não vá vacilar
 e morrer antes do CARNAVAL
 MUNDIAL CHEGAR
 Quero ver todo mundo
 BRICHANDO e SAMBANDO
 Não será preciso arte nem talento
 O negócio é movimento
 Preste bem atenção:
 Eu... Jesus CRISTO voltei
 PARA ALEGRIA MUNDIAL
 CALMA, muita CALMA Nesses dias
 Não quero ver NINGUÉM BRZANDO
 e sim SAMBANDO
 FUI ELAHO!
 Então Beijos e até breve ...

Figura 2- Exemplo do desenho gráfico de Gustavo

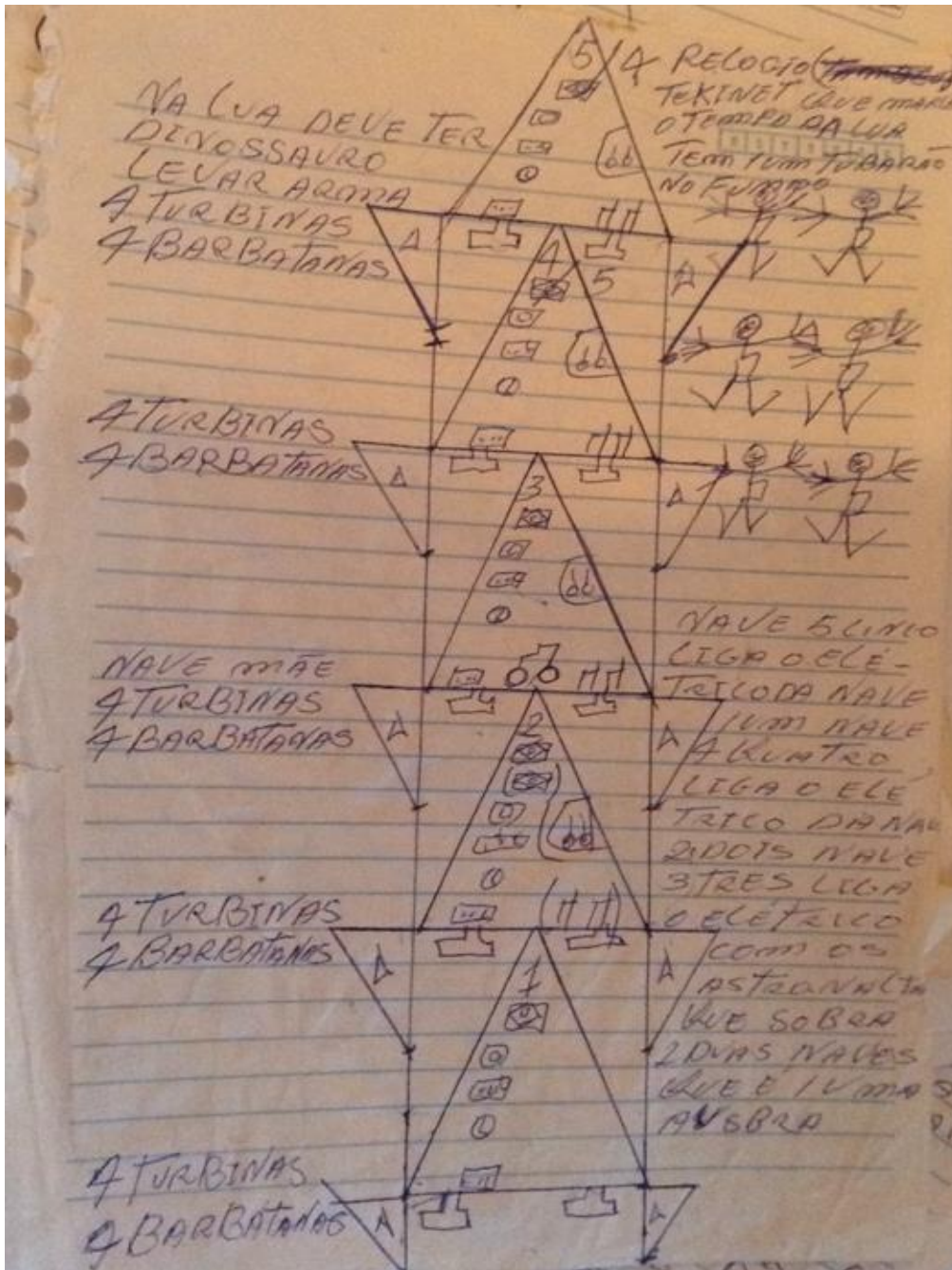


Figura 3- Outro exemplo do desenho gráfico de Gustavo

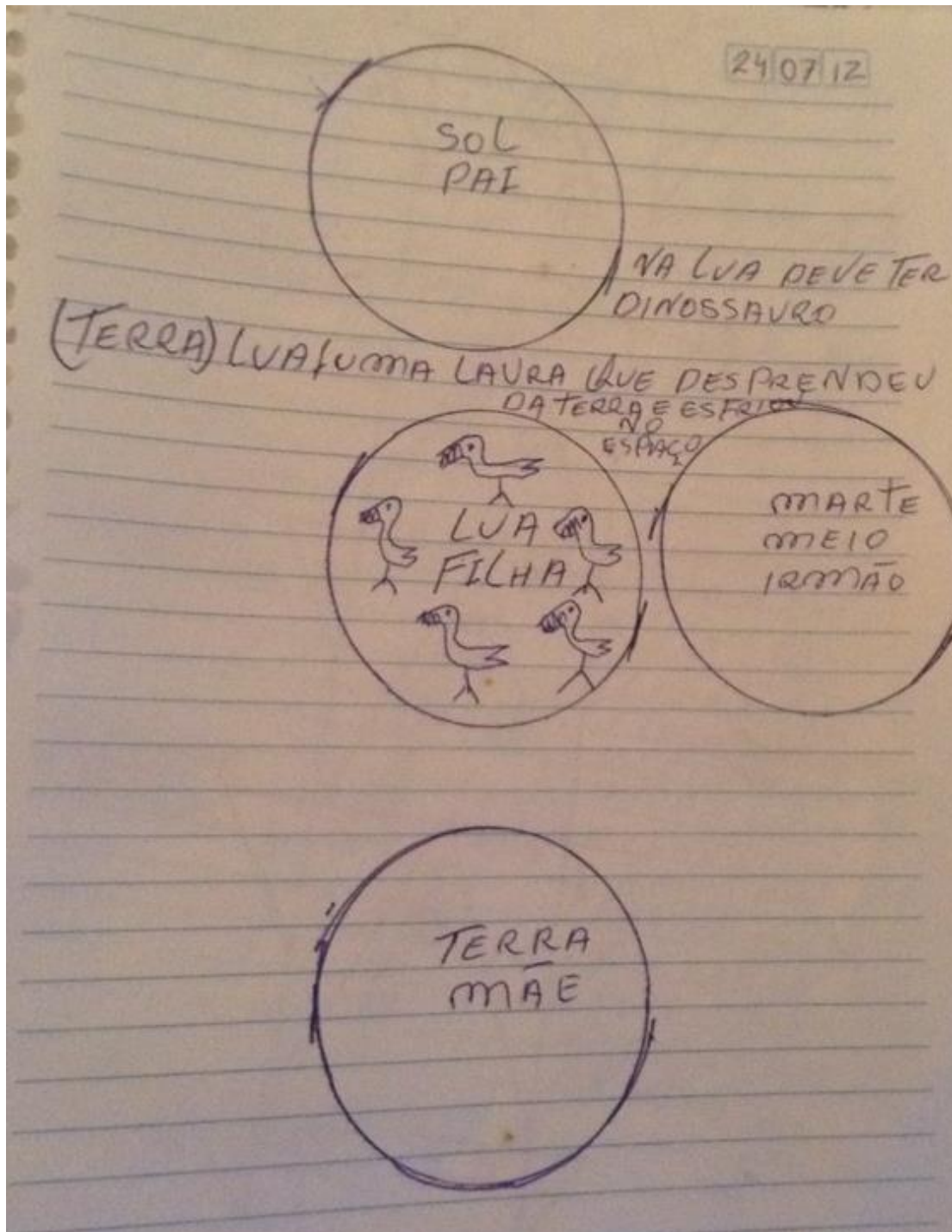


Figura 4- Exemplo da escrita de Humberto

SINOPSE
DE MAIS UMA
MANIFESTAÇÃO
- MOBILIZAÇÃO
DO "CAPS"
"HERBERT
DE SOUZA"

HOJE (15/13/2015); VENHO POR MEIO DESTAS LINHAS, MENCIONAR POR ESCRITO, UM TÓPICO COTIDIANO- JORNALÍSTICO, QUE VEIO MOVIMENTANDO A MINHA CABEÇA E O MEU CORAÇÃO DESDE O DIA 11/13/2015 (HÁ 4 DIAS). É QUE NO DIA 11/13/2015; HOUVE MAIS UMA "MANIFESTAÇÃO- MOBILIZAÇÃO DOS "TERAPEUTAS", "FUNCIONÁRIOS", "USUÁRIOS" E "FAMILIARES" DO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA" (QUE MAIS OU MENOS DESDE AOSTO-2014, VIU SUA SITUAÇÃO DE FUNCIONAMENTO FICAR PRECÁRIA A PONTO DE ALCUNS MESES DEPOIS- NO ANO DE 2015, TER QUE FECHAR AS PORTAS E SÓ FUNCIONAR VEZ OU OUTRA NO HORÁRIO DA MANHÃ ATÉ O MEIO-DIA. E O JORNAL DO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA"- "O CENTRO", FUNCIONAR DE 15 DIAS EM 15 DIAS).

BEM! NO DIA 11/13/2015; QUANDO CHEGUEI AO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA", A IMPRESSÃO INICIAL QUE EU TIVE, ERA DE QUE NINGUÉM ESTAVA NO "CAPS" (A NÃO SER UM OU OUTRO "FUNCIONÁRIO" E QUE A "MANIFESTAÇÃO- MOBILIZAÇÃO"; ESTAVA MARCADA PARA AQUELE DIA, NO HORÁRIO DE 10 OU 11 HORAS DA MANHÃ. DAÍ ENTÃO; EU FUI ENCAMINHANDO OS MEUS PASSOS DA RUA "MARQUÊS DE OLINDA" (ONDE ESTÁ SITUADA A SEDE DO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA") ATÉ A AVENIDA "AMARAL PEIXOTO" NO "CENTRO" DE "NITERÓI". QUANDO EU CHEGUEI LÁ; EU VI UM MONTE DE MANIFESTANTES LIDERADOS POR UM "CARRÃO DE SOM" DA "U.F.F" SETOR "SINTUFF". E ESSA "INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA" NITEROIENSE; FOI QUEM DEU APOIO, PARTICIPAÇÃO E RESPALDO À "MANIFESTAÇÃO- MOBILIZAÇÃO" DO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA". ENTÃO; ALCUNS MINUTOS DEPOIS, FOI INICIADA A "MANIFESTAÇÃO- MOBILIZAÇÃO" CITADA, COM A CAMINHADA POR UMA PARTE DA AVENIDA "AMARAL PEIXOTO" (POIS A OUTRA PARTE FOI DESTINADA AO TRÂNSITO COTIDIANO), INICIALMENTE EM DIREÇÃO DA SEDE DA "CÂMARA DOS VEREADORES" (AO LADO DO LICEU "NILO PEÇANHA"). DURANTE ESSA CAMINHADA; ESTAVAM PRESENTES: "TERAPEUTAS" DO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA" (ENTRE ELAS "BRUNA"), "USUÁRIOS" (COMO "ESSE QUE VOS ESCRVE ESSAS LINHAS", "MARCOS VINÍCIO", "NEUZIMAR" ETC), "FAMILIARES" DOS "USUÁRIOS" (COMO: O PAI DO "USUÁRIO" "CACA"- "SR. ALBERTO", A MÃE DO "USUÁRIO" "JOSÉ LUIZ DOMÍNGUES"- "D. NILZA" ETC), "TERAPEUTAS" QUE JÁ TRABALHARAM NO "CAPS" "HERBERT DE SOUZA" E QUE ESTÃO EM OUTRAS "INSTITUIÇÕES PSIQUIÁTRICAS" NITEROIENSES (COMO "ANITA" (QUE ESTÁ NO "CENTRO DE CONVIVÊNCIA", SITUADO NO BAIRRO NITEROIENSE DE "CHARITAS"), "MARCOS MURTA" (QUE ESTÁ NO "HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE "JURUUBA", SITUADO NO BAIRRO NITEROIENSE DE "JURUUBA"), "POLÍTICOS" COMO "RENATINHO DO PSOL", "PAULO EDUARDO GOMES" E OUTRAS PESSOAS MAIS. QUANDO OS MANIFESTANTES CHEGARAM ALCUNS MINUTOS DEPOIS; À SEDE DA "CÂMARA DOS VEREADORES", RESPALDADOS PELO "CARRÃO DE SOM" DA "U.F.F" EN TREMEADOS POR "NÚMEROS CIRCENSES", "PALAVRAS DE ORDEM", "CANÇÕES- PARÓDIAS RELACIONADAS AO TEMA DA "MANIFESTAÇÃO- MOBILIZAÇÃO" (QUE INCLUIA AS OUTRAS "INSTITUIÇÕES PSIQUIÁTRICAS" NITEROIENSES), PANFLETAGEM PERANTE OS PEDESTRES, PERANTE OS ALUNOS DO LICEU "NILO PEÇANHA"- QUE ESTAVAM NAS JANELAS DA "INSTITUIÇÃO ESTUDANTIL" NITEROIENSE CITADA" E ENVIO DE PANFLETOS À UMA OU OUTRA SEDE COMERCIAL (COMO O "EDIFÍCIO TOWER", A "CASA DO ADVOGADO" ETC), PERCEBERAM QUE AS PORTAS DA "SEDE POLÍTICA LEGISLATIVA" NITEROIENSE CITADA, ESTAVAM FECHADAS (SECONDO AS PALAVRAS DE UM DOS ENCARREGADOS DO "CARRÃO DE SOM" DA "U.F.F"). DAÍ ENTÃO; DEPOIS DE ALCUNS MINUTOS, HOUVE O REINÍCIO DA CAMINHADA DOS MANIFESTANTES, ATÉ A SEDE DA "NOVA PREFEITURA" DE "NITERÓI" (SITUADA NO CRUZAMENTO DA AVENIDA "AMARAL PEIXOTO" COM A RUA "VICENTE DE SEFETIBA", ONDE HOUVE UM OU OUTRO "DISCURSO AO MICROFONE" E UM "NÚMERO TEATRAL- CIRCENSE" NO "CENTRO" DE "NITERÓI"), AONDE HOUVE UM "ESQUETE TEATRAL OCASIONAL", EM QUE HAVIA UMA ESCENA QUE 2 "JOVENS ATORES NITEROIENSES" APRESENTARAM UM "ESQUETE TEATRAL OCASIONAL", EM QUE HAVIA UMA ESCENA DE CONFRONTO- DEBATE ENTRE O "PREFEITO" DE "NITERÓI" "RODRIGO NEVES" E A "PRESIDENTE" DO "BRASIL" "DILMA ROUSSEF" (É IMPORTANTE LEMBRAR QUE OS 2 "JOVENS ATORES NITEROIENSES" USAVAM "COLLANT" E CADA UM, UMA MÁSCARA DE "POLÍTICO"; ELE DE "RODRIGO NEVES", ELA DE "DILMA ROUSSEF"). ESSA "MANIFESTAÇÃO- MOBILIZAÇÃO" CITADA, FOI ATÉ MAIS OU MENOS 13:00 (UMA HORA DA TARDE). EU TINHA IDO EMBORA; ANTES, NO HORÁRIO DE 12:00 (MEIO-DIA).

AGORA, DECORRIDOS 4 DIAS DEPOIS, VENHO POR MEIO DESTAS LINHAS, MENCIONAR POR ESCRITO, A MINHA OPINIÃO SOBRE ESSE ASSUNTO. NA MINHA OPINIÃO; ESTÁ MAIS QUE NA HORA, DESSAS "MANIFESTAÇÕES- MOBILIZAÇÕES", RESULTAREM EM ALGO MAIS CONCRETO QUE BENEFICIE O "SETOR MEDICINAL- PSIQUIÁTRICO" NITEROIENSE (INCLUSIVE O "CAPS" "HERBERT DE SOUZA").